OSCAR 97
EDIÇÃO TRIPLA

SET

CINEMA & VÍDEO

5633

EDITORA AZUL

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

O PACIENTE INGLÊS

as Novidades do OSCAR

Março, 1997 - Ed. 117 - Ano 11 - Nº 3 - R$ 5,70

Shine

O Povo vs. Larry Flynt

ESPECIAL o dia em que **KATE HEPBURN** esnobou a Academia

ISSN 0104-1592

00117

9 770104 159003

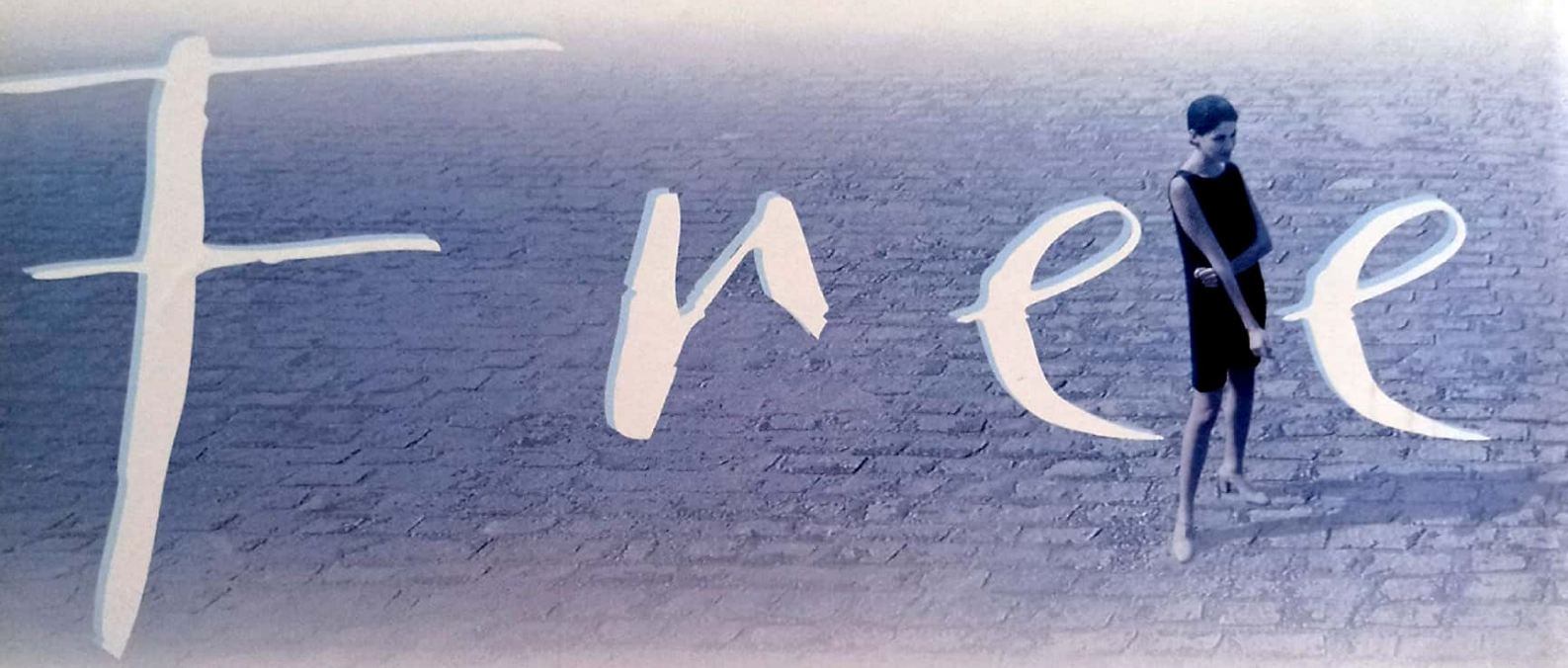
presentes, convites, muita bajulação

COMO HOLLYWOOD SEDUZ UM CRÍTICO

STANDARD OGILVY

Agora existe um novo

Free



Teores mínimos.

1mg de alcatrão, 0,1mg de nicotina.

**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR PROVOCA DIVERSOS
MALES À SUA SAÚDE.**

limite em baixos teores.

One

Questão de bom senso.

Disponível nas cidades de Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Ribeirão Preto, Campinas, Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

em CARTAZ

Os principais filmes dos cinemas este mês

Top Tape

CILADAS DA SORTE Após uma frustrada tentativa de assalto a banco, três criminosos se escondem num boteco, com apenas uma porta de entrada e saída. Com o cerco da polícia – e o envolvimento do FBI –, a situação se torna cada vez mais insustentável, até explodir em violência. Estréia do ator Kevin Spacey na direção.

UMA FAMÍLIA QUASE PERFEITA Temendo a separação dos pais, um garoto os tranca no porão até que eles resolvam suas diferenças. A molecada da vizinhança gosta da idéia, e o porão acaba se transformando numa verdadeira prisão domiciliar. Com Jamie Lee Curtis e Kevin Pollak.

TURBULÊNCIA No último vôo do ano entre Nova York e Los Angeles, um assassino psicopata ameaça a vida da tripulação e dos poucos passageiros, fazendo com que o avião vá parar nas mãos da aeromoça. Tensão e muitas explosões no primeiro filme-catástrofe do ano. Com Lauren Holly e Ray Liotta.

A MAGIA DAS ÁGUAS Passando as férias numa cidadezinha canadense, um psicólogo e seus dois filhos tomam conhecimento de uma criatura mítica que habita as profundezas do lago próximo ao local. Típico filme de férias, mesmo que fora de temporada.

Columbia/TriStar

DE BEM COM A VIDA Mildred é uma viúva solitária que, quando vê a filha adolescente sair de casa, decide dar um outro rumo à sua vida. Ela se torna amiga de uma vizinha problemática, ao mesmo tempo em que se envolve com um caminhoneiro. Com Gena Rowlands, Marisa Tomei e Gérard Depardieu.

UIP

UM CORPO QUE CAI O clássico de Alfred Hitchcock volta às telas em versão restaurada e com som digital. Mostra o drama do detetive vivido por James Stewart, que, após perder a mulher que ama por ter medo de alturas, se vê envolvido com outra mulher misteriosa. Com Kim Novak.

CAINDO NO RIDÍCULO Quando vê suas terras tornadas incultiváveis por um pântano, Gregoire de Malavoy vai até a corte do rei Luís 16 pedir ajuda financeira. Mas ele se encanta com a realeza e é tragado por uma sociedade que se importa mais com as aparências do que com valores morais. Do mesmo diretor de *O Marido da Cabeleireira*.

JULES ET JIM Um dos maiores clássicos do cinema, *Jules et Jim* é uma das obras-primas de François Truffaut. Conta a história de amor e amizade entre dois homens e uma mulher, desde 1912 até a década de 30. Com Jeanne Moreau.

Pandora

SWINGERS O que acontece quando quatro amigos saem para uma noite de diversão em Los Angeles e Las Vegas? Em *Swingers*, estréia na direção de Dou Liman, temos os mesmos dramas, alegrias e decepções que se vêem na vida real – mas temperados com um roteiro esperto.

JAMES E O PÊSSEGO GIGANTE Após perder os pais e ter que morar com as cruéis tias, o pequeno James conhece um velho misterioso, que o faz embarcar numa aventura dentro de um pêssego gigantesco. Filmado com técnicas de animação de bonecos, conta com as vozes de Susan Sarandon e Richard Dreyfuss.

→

em CARTAZ

O POVO VS. LARRY FLYNT O diretor Milos Forman volta à cena após um longo intervalo para contar a história de Larry Flynt, criador da revista pornô *Hustler* e símbolo americano da liberdade de expressão. Ponto para Woody Harrelson, no papel de Flynt, e para a roqueira Courtney Love, arrasando como sua mulher viciada e bissexual.

AS BRUXAS DE SALEM No vilarejo de Salem, no século 17, uma adolescente rejeitada pelo amante dá início a uma histeria coletiva, traduzida no julgamento e morte de pessoas acusadas de bruxaria. A peça de Arthur Miller ecoava a paranóia anticomunista nos anos 50, mas não perdeu sua força. Com Daniel Day-Lewis e Winona Ryder.

GUERRA NAS ESTRELAS A primeira parte da saga espacial de George Lucas está de volta, com novos efeitos especiais e cenas inéditas. O mais importante: toda uma geração que não viu Luke Skywalker e seus companheiros em luta contra as forças do Império Galático na tela grande acaba de ser brindada com uma segunda chance. Imperdível.

O INFERNO DE DANTE A cidadezinha de Dante's Peak está em festa. Mas o vulcanologista interpretado pelo 007 Pierce Brosnan acredita que o inferno está prestes a estourar. O verdadeiro espetáculo de *O Inferno de Dante* são os inacreditáveis efeitos especiais, que reproduzem a fúria destruidora dos vulcões. Com Linda Hamilton.

O PACIENTE INGLÊS No final da Segunda Guerra, um homem totalmente desfigurado por queimaduras é entregue aos cuidados de uma enfermeira, a quem conta a história de um aventureiro de deserto que viveu um romance proibido até ser abatido por forças alemãs. *O Paciente Inglês* é uma produção independente com cara de épico, que coleciona elogios por onde passa.

SHINE – BRILHANTE A vida do pianista australiano David Helfgott, que passou de criança prodígio da música a concertista internacional – e que nesse meio-tempo, perdeu vinte anos internado na obscuridade de uma doença mental –, é abordada com brilhantismo pelo diretor Scott Hicks. O resultado é um dos filmes mais premiados do ano.

KOLYA – UMA LIÇÃO DE AMOR Louka é um músico sessentão e alienado, que se casa por conveniência. Sua mulher, porém, foge para a Alemanha, deixando com ele Kolya, o filho de cinco anos, que só fala russo. A relação, no começo bastante difícil, transforma-se numa grande amizade.

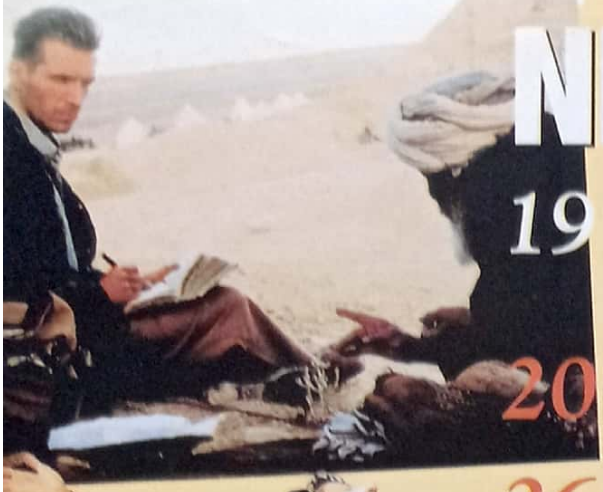
EVITA Madonna chegou a afirmar que era a única pessoa capaz de interpretar Eva Péron. Mas a força deste musical está na direção do inglês Alan Parker, que conta a vida da lendária primeira-dama argentina. Com Antonio Banderas e Jonathan Pryce.

MICHAEL COLLINS – O PREÇO DA LIBERDADE Depois de *Entrevista com o Vampiro*, o diretor Neil Jordan leva às telas a vida de Michael Collins, o homem que, há mais de oitenta anos, iniciou a luta para separar a Irlanda da Inglaterra – conflito que dura até hoje. Controvertido, Collins encontrou sua melhor tradução no ator Liam Neeson.

MARTE ATACA! Marcianos invadem a Terra, e as forças do planeta não têm a mínima idéia do que fazer. Entre rebanhos de gado pegando fogo e mulheres com cabeça de cachorro, o diretor Tim Burton orquestrou uma bizarra comédia com um elenco estelar, que inclui Jack Nicholson e Annete Benning.

Leia mais sobre alguns destes filmes nesta edição

NESTA edição



19 **AS NOVIDADES DO OSCAR**
Épicos e clássicos, medo e ignorância, liberdade e repressão: os bastidores das produções que estão no páreo do Oscar

20 **O PACIENTE INGLÊS**
Ralph Fiennes e Kristin Scott Thomas vivem um romance proibido neste épico à moda antiga

26 **SHINE – BRILHANTE**
A incrível vida do pianista David Helfgott é o tema do filme que surpreendeu as platéias do mundo todo

30 **O POVO VS. LARRY FLYNT**
Com coragem e humor, Milos Forman narra as aventuras do fundador da revista pornô *Hustler*

34 **AS BRUXAS DE SALEM**
Daniel Day-Lewis e Winona Ryder protagonizam a adaptação da peça do dramaturgo Arthur Miller

40 **MICHAEL COLLINS**
Herói ou assassino? A trajetória do revolucionário irlandês Michael Collins, interpretado por Liam Neeson

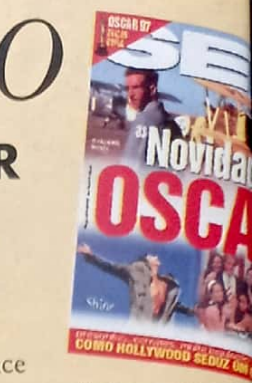
48 **HAMLET**
Kenneth Branagh dirige e protagoniza seu mais ambicioso projeto: uma versão integral de *Hamlet*

52 **OS ESTRANGEIROS PREFERIDOS DE HOLLYWOOD**
Os candidatos ao Oscar de filme estrangeiro de 97

54 **COMO (TENTAR) SEDUZIR UM CRÍTICO**
José Emilio Rondeau conta os esforços dos estúdios para conquistar um voto no Globo de Ouro

58 **KATHARINE HEPBURN**
A vida de uma das maiores damas do cinema, recordista em indicações e premiações do Oscar

62 **ATORES DE UM SÓ PAPEL**
Existem atores que nasceram para interpretar um personagem – e acabaram presos a ele!



Na Capa: *O Paciente Inglês* (Miramax), *Shine* (Columbia Buena Vista) e *O Povo vs. Larry Flynt* (Columbia/TriStar)

SEMPRE EM SET

7 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

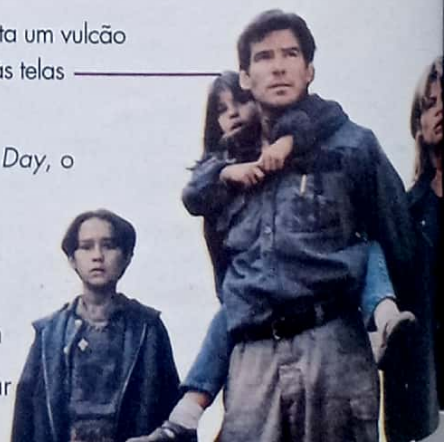
64 NOVOS FILMES Pierce Brosnan enfrenta um vulcão em *O Inferno de Dante*, e *Guerra nas Estrelas* volta às telas

76 VIDEOLANÇAMENTOS
O fim do mundo se aproxima em *Independence Day*, o maior sucesso do ano – agora em vídeo

86 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

88 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

90 NOSTALGIA Uma imagem para guardar



A COMÉDIA SENSAÇÃO DO MOMENTO.

TOM ARNOLD

"TRUE LIES" "NOVE MESES"

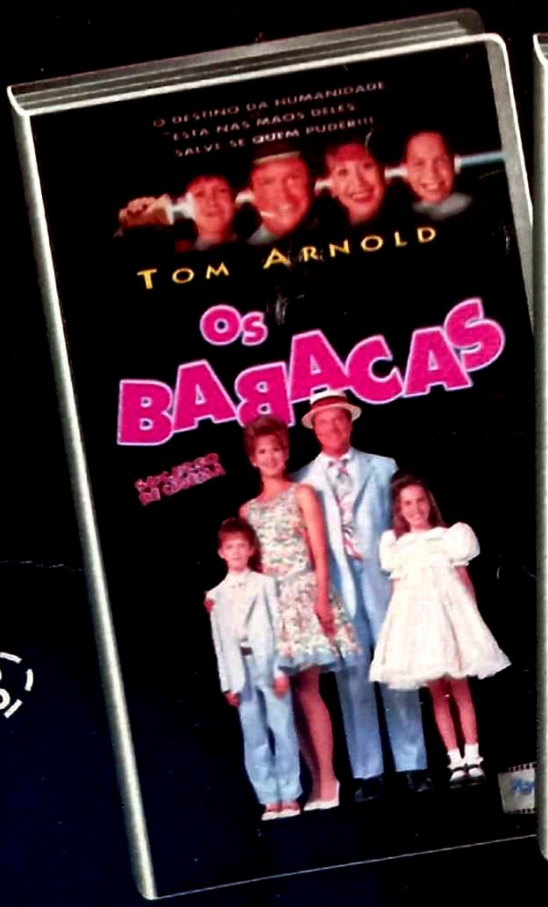
SUCESSO DE CINEMA

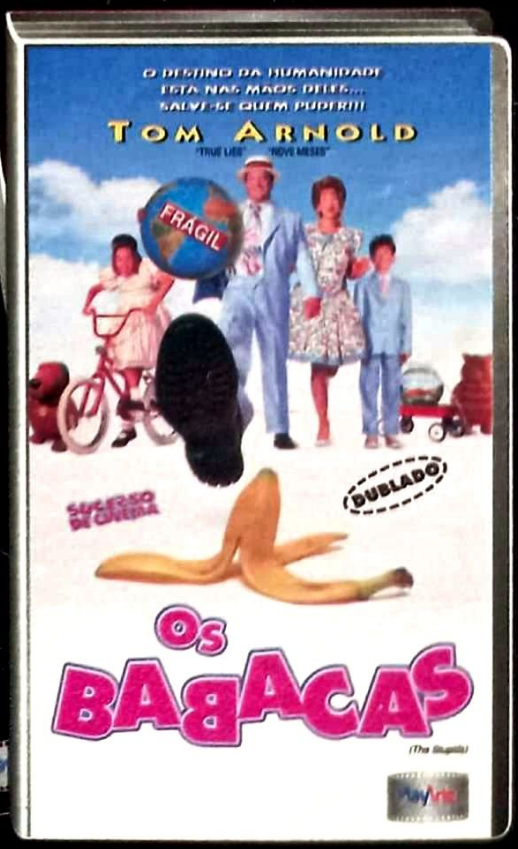
OS BABACAS

(The Stupids)

UM FILME DE JOHN LANDIS, DIRETOR DE

"TROCANDO AS BOLAS"
OS IRMÃOS CARA DE PAU





DUBLADO OU LEGENDADO

BREVE NA SUA LOCADORA

PlayArte

FITAS DE PRIMEIRA

PREÇOS DE SEGUNDA

A MANEIRA MAIS FÁCIL DE MONTAR SUA LOCADORA

- FAZER SEU PRÓPRIO LOTE E FALAR QUANTO QUER PAGAR POR ELE.
- MAIS DE 10.000 TÍTULOS A SUA ESCOLHA.
- SOLICITE NOSSA LISTAGEM.
- ACESSÓRIOS EM GERAL.
- CONDIÇÃO FACILITADA DE PAGAMENTOS, SEM ACRÉSCIMO.
- APROVAÇÃO DE CRÉDITO IMEDIATO E SEM BUROCRACIA.
- PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES.
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL.
- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES.

PROMOÇÃO GANHE

1 ESTOJO PARA CADA FITA
REBOBINADOR
1 KIT WN
BALCÕES
EXPOSITORES DE PAREDE
PAREDES CENTRAIS
PORTA POSTER
PAPELARIA

É A MAIOR LOUCURA

WN vídeo

DISK-VENDAS - TELEFAX

(011) 290-8143

UTILIZE O DISK-VENDAS,
UM SISTEMA ONDE VOCÊ VENDE
O QUE QUISER COM TODA GARANTIA.

RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - SÃO PAULO - SP
(ao lado do metrô SANTANA)

(011) 959-7959

SEGUNDA A SEXTA DAS 8 ÀS 19h SÁBADO DAS 8 ÀS 16h.

RPZ - 262-7518

TAKeS

O (SEGUNDO?) NAUFRÁGIO DO TITANIC

James Cameron enfrenta um pesadelo em alto-mar para fazer um dos filmes mais problemáticos (e esperados) da história

O trágico destino do transatlântico de luxo Titanic – que foi a pique em sua viagem inaugural, em abril de 1912 – deve estar assombrando as noites do tirânico cineasta James Cameron, já que seu filme pode seguir o mesmo caminho. Como é comum na filmografia do diretor de *Exterminador do Futuro*, as filmagens de *Titanic* estão se revelando uma sucessão de problemas, que podem condená-lo a uma temporada negra nos cinemas americanos. Afinal, filmes rodados em alto-mar – de *O Segredo do Abismo* a *Waterworld* – não têm emplacado.

Com estréia prevista para o verão americano – e batendo de frente com pesos pesados do quilate de *Batman and Robin* e *The Lost World: Jurassic Park* –, *Titanic* é, de longe, o mais complicado dos filmes da nova safra. A culpa é do perfeccionismo habitual de Cameron, que fez questão de utilizar móveis e talheres fabricados com o mesmo material das peças do navio original. Para tomadas dentro do gigante de metal retorcido que jaz no fundo do Atlântico Norte, ele testou protótipos de câmeras submarinas. De quebra, o diretor promete imagens inéditas dos destroços e do interior do navio.

O set de filmagens é um verdadeiro inferno. Um envenenamento na comida da equipe – atribuído a dois funcionários dispensados pela produção – deixou 55 técnicos alucinando por horas. Outros dez figurantes acabaram no hospital com costelas quebradas e tornozelos torcidos depois que o convés principal da réplica do navio foi inclinado além dos limites de segurança. Além disso, a cada desmando do déspota Cameron, sua "tripulação" ameaça se amotinar. Para piorar, o orçamento inicial de 130 milhões de dólares já estourou há muito tempo.

Mas pelo menos uma dupla está bastante feliz no set de *Titanic*: os astros Leonardo DiCaprio e Kate Winslet – que interpretam um casal apaixonado – parecem ter levado o romance para a vida real. Tudo começou quando eles filmavam uma cena em meio a uma tempestade artificial. Quando começou a chover de verdade, os dois ficaram agarrados por mais de uma hora em meio a ondas gigantescas e ventos fortíssimos. Quando veio a calmaria, ninguém conseguia separar os dois pombinhos. Que lindo. ■

James Cameron: filmagens complicadas ameaçam o sucesso de seu *Titanic*

Fox

TAKES

JONATHAN PRYCE
VILÃO COMPLICADO

Continua a briga de faca para encontrar o vilão da próxima aventura do agente 007, que será dirigida por Roger Spottiswoode e terá Pierce Brosnan novamente no papel principal. O nome mais cotado é o de Jonathan Pryce, em cartaz atualmente como o presidente argentino Juan Perón no musical *Evita*. Mas um problema está esquentando a cabeça dos produtores. Morando nos Estados Unidos, Pryce diz que não vai para a Inglaterra sem o seu carro, um off-road incrementado. Porém, como a direção nas Ilhas Britânicas é do lado esquerdo da rua, o jipão tem de ser modificado, o que custa uma nota. Que sufoco!

Sigourney: apuros no set do novo *Alien*

ALIEN RESURRECTION
UM ACIDENTE MISTERIOSO

As filmagens de *Alien Resurrection* começaram com uma aura de mistério. No set de filmagens da quarta aventura da tenente Ripley contra os predadores espaciais, um vazamento de gás colocou toda a equipe – inclusive as estrelas Sigourney Weaver e Winona Ryder – para correr. Apesar de as duas atrizes terem escapado ilesas, dezenove pessoas tiveram de ser internadas para cuidar de problemas respiratórios. A origem do gás? Ninguém sabe...

JORNADA NAS ESTRELAS
CAÇANDO ETs NA INTERNET

Os fãs da série *Jornada nas Estrelas* estão indignados: a Paramount, dona de todo o material relacionado ao universo *trekker*, fez uma devassa na Internet e, após descobrir mais de 100 mil sites não-oficiais, ordenou que todos fossem fechados. O que o estúdio quer é voltar as atenções dos fãs da série para sua própria página, *Continuum*. Para os curiosos, o endereço é **http://www.startrek.msn.com/**

PASSATEMPO DOS OUTROS

"Eu acho legal que as pessoas tenham um hobby. Só não imaginava que seria eu!"

De **Cameron Diaz**, sobre seus fãs obcecados da Internet

London

NATALIE PORTMAN
BAIXINHA NO ESCANTEIO

A atriz (e gatinha) Natalie Portman perdeu uma grande chance: fazer o principal papel feminino de *Romeu e Julieta*, ao lado de Leonardo DiCaprio. O motivo: com seus 21 anos e 1,90 metro, Leonardo parecia enorme e ameaçador ao lado da pequenininha Natalie, de quatorze anos. Para evitar comentários maldosos, o diretor Baz Luhrmann decidiu colocar a jovem atriz de molho e convocou Claire Danes, que possui um tipo físico mais compatível com o de Leonardo.

Natalie: problemas métricos

TOM CRUISE
CAMPEÃO DOS CAMPEÕES

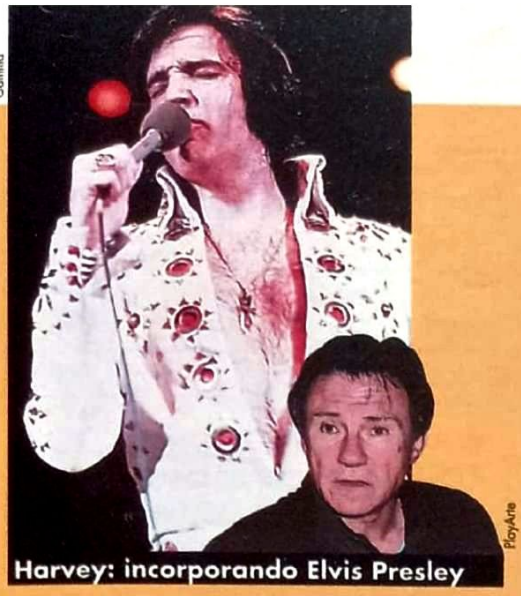
O astro Tom Cruise já se tornou o único ator a protagonizar cinco "arrasa-quarteirões" em seqüência. Com a bilheteria de *Jerry Maguire* alcançando os nove dígitos, ele ultrapassa sua marca atual e fica à frente de Jim Carrey, que teve sua corrente de sucessos interrompida pelo fracasso de *O Pentelho*. Cruise começou essa ótima fase em 1992, com *Questão de Honra*, e não parou mais: *A Firma*, *Entrevista com o Vampiro* e *Missão Impossível* estacionaram acima dos 100 milhões de bilheteria. Palmas que ele merece!

Tom Cruise: feliz da vida com o sucesso

Rodriguez e Tarantino: mais vampiros

UM DRINK NO INFERNO
2 CONTINUAÇÕES DE 1 SÓ VEZ

Fãs do cinema podreira não perdem por esperar. Os amalucados Quentin Tarantino e Robert Rodriguez estão trabalhando em duas – você leu certo, duas! – seqüências para o sanguinolento *Um Drink no Inferno*. Enquanto Rodriguez escreve os acontecimentos anteriores ao primeiro filme, Tarantino se preocupa com a continuação propriamente dita. Embora nenhum dos dois tenha mostrado interesse em dirigir os novos filmes, é certa uma pontinha dos irmãos Gecko, os assassinos do filme original, interpretados por Tarantino e George "Batman" Clooney.



Gamma

PlayArte

Harvey: incorporando Elvis Presley

HARVEY KEITEL

LOVE ME TENDER...

... love me sweet! Quem diria que essas frases imortais do Rei do Rock iriam parar na boca do durão Harvey Keitel. Pois é, o Mr. White de *Cães de Aluguel* está prestes a encarnar Elvis Presley no filme *Graceland*. A história é bem... celestial: um homem tem sua vida destruída após a morte da esposa em um acidente de carro, mas tudo se modifica quando ele recebe a ajuda divina de um anjo da guarda que pode ser o próprio Elvis. Para completar o quadro, Bridget Fonda interpreta Marilyn Monroe.

MISSÃO IMPOSSÍVEL

ESTA SESSÃO SE AUTODESTRUIRÁ EM CINCO SEGUNDOS!

O público que assistia a *Missão Impossível* num cinema londrino ouviu essa famosa frase, mas não esperava suas bombásticas conseqüências. É que nos dez últimos minutos de exibição o projetor foi pelos ares, ou melhor, superaqueceu e explodiu. Não houve feridos, mas o susto deixou as pessoas apreensivas e frustradas – afinal, ninguém viu o final do filme.

THE LOST WORLD: JURASSIC PARK

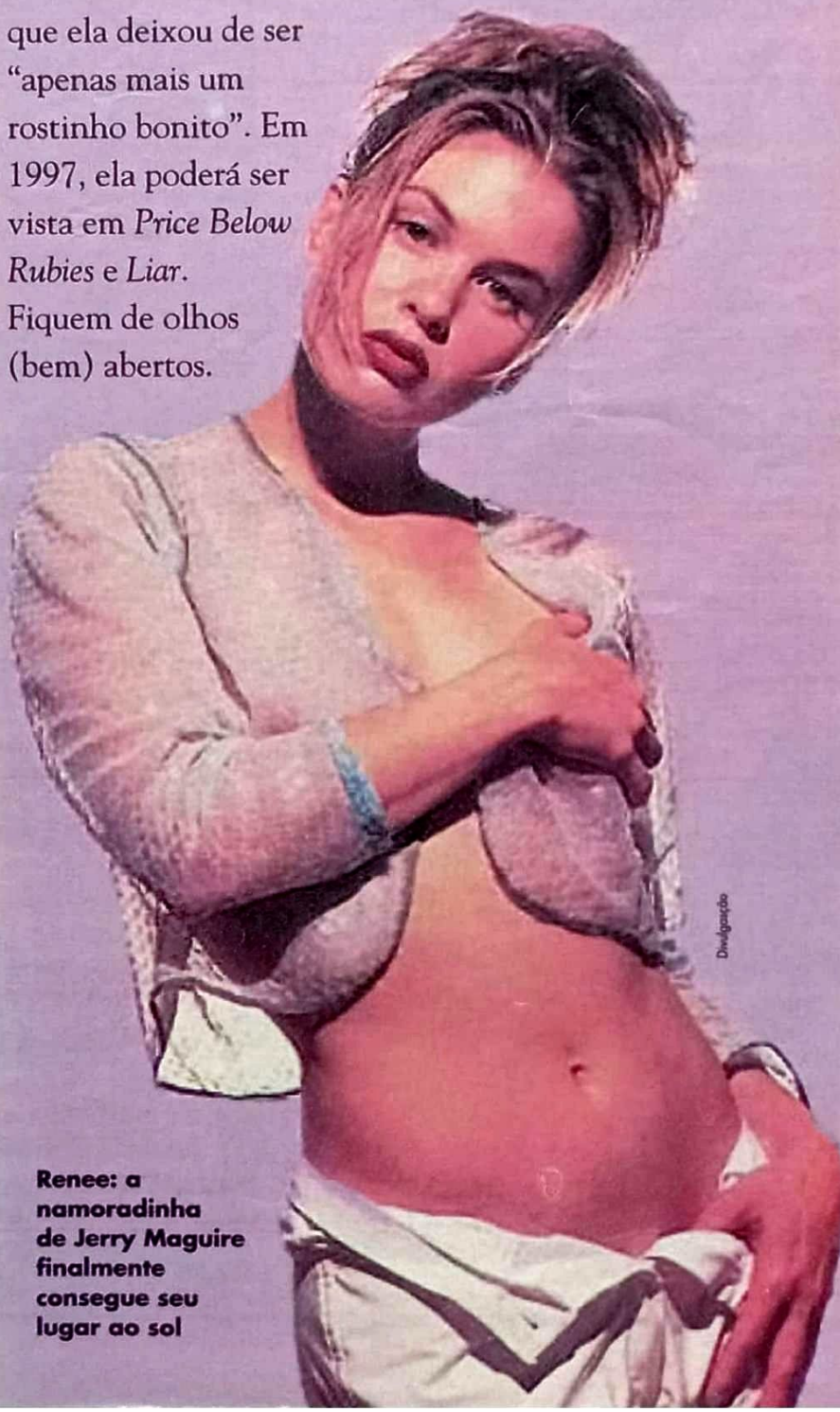
TRAILER ELETRIZANTE

A Universal está tomando precauções inéditas: está colocando avisos nas salas de espera dos cinemas americanos que irão exibir o trailer de *The Lost World: Jurassic Park*, seqüência do supersucesso de Spielberg. Motivo: ele é considerado "muito intenso", com uma saraivada de efeitos sonoros e luzes estroboscópicas. Segundo a empresa, pessoas "sensíveis" não devem assistir ao trailer. Imagine então o filme...

RENEE ZELLWEGER

O PULO DA GATA

Justiça seja feita: já estava na hora de a gracinha Renee Zellweger começar a colher os frutos de seu talento. Desde sua estréia em 1992 num filme para a televisão, ela tem passeado por uma pá de filmes menores, como *Massacre da Serra Elétrica – O Retorno* (ao lado de Matthew McConaughey!), *Um Amor e uma 45* e *Empire Records*. Mas foi contracenando com Tom Cruise em *Jerry Maguire* que ela deixou de ser "apenas mais um rostinho bonito". Em 1997, ela poderá ser vista em *Price Below Rubies* e *Liar*. Fiquem de olhos (bem) abertos.



Divulgação

Renee: a namoradinha de Jerry Maguire finalmente consegue seu lugar ao sol

TAKES

Reprodução

Marilyn: entrando com tudo na telona

MARILYN MANSON
ESTRÉIA SATÂNICA

Depois de andar assustando os pais da criançada americana com seu visual satânico, o roqueiro doidão Marilyn Manson vai para a telona – graças ao não menos anormal David Lynch. O criador de *Twin Peaks* chamou Manson para fazer uma ponta em seu mais novo filme, *The Lost Highway*. Para completar a festa roqueira-mórbida, a trilha sonora está sendo coordenada por Trent Reznor, do Nine Inch Nails, que fez um trabalho musical bem legal em *Assassinos por Natureza*.

Fox

Aliens e explosões: fórmula campeã

CINEMA 96
OS FILMES QUE MAIS FATURARAM

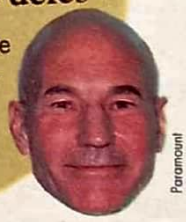
Em Hollywood, 1996 foi um ano digno de grandes comemorações. Com uma arrecadação total de 5,8 bilhões de dólares – um novo recorde –, nada menos que treze filmes ultrapassaram a marca dos 100 milhões de bilheteria. Eis os dez mais do ano passado no mercado americano:

Independence Day **US$ 306 milhões**
Twister **– 242 milhões**
Missão Impossível **– 181 milhões**
A Rocha **– 134 milhões**
O Professor Aloprado **– 129 milhões**
O Preço de um Resgate **– 126 milhões**
A Gaiola das Loucas **– 124 milhões**
101 Dálmatas **– 110 milhões**
Tempo de Matar **– 109 milhões**
Fenômeno **– 104 milhões**

SEGREDO EMBARAÇOSO

“Eu não saberia o que é um ‘contínuo espaço-temporal’ ou uma ‘dobra espacial’ nem se dormisse com um deles”

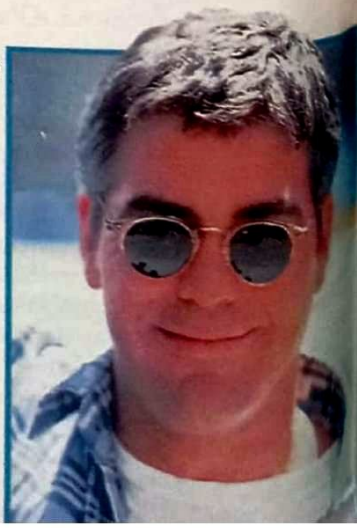
De **Patrick Stewart**, o comandante Picard de *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração*, mostrando que não entende nada do vocabulário trekker



Paramount

JACKIE CHAN
GENTE COMO A GENTE

Jackie Chan é um astro do cinema de ação, e ainda fez o filme mais rentável do ano passado – *Arrebentando em Nova York* custou 1,5 milhão de dólares e faturou 33 milhões –, mas continua sendo um sujeito humilde, que dispensa todos os luxos. “Não devemos gastar em bobagens, e sim investir no filme”, diz Chan. “O público não vê as suítes caras, nem as limusines. Por isso eu prefiro dormir junto com o resto da equipe em um hotel bem chulé.” Cara legal.



Fox

Paramount

A VOLTA DAS DESQUITADAS
AVON CHAMA!

O time campeão do sucesso-surpresa *O Clube das Desquitadas* – Goldie Hawn, Diane Keaton e Bette Midler – está se preparando para viajar na selva. As três atrizes estarão juntas novamente em *Avon Ladies of the Amazon* – algo como “As Moças da Avon na Amazônia” –, uma comédia sobre uma mulher que se perde numa área deserta perto do rio Amazonas. Mesmo assim, os chefões da United Artists garantem que não se trata de uma continuação de *O Clube das Desquitadas*. Risadas, contudo, parecem garantidas.

As desquitadas: agora perdidas na selva amazônica

JOHN CLEESE

NA PELE DE DON QUIXOTE

Embora ainda não tenha aceitado o papel do cavaleiro espanhol Don Quixote, o ator inglês John Cleese já está deixando os literatos furiosos. Eles dizem que a figura mítica do anti-herói que lutava contra moinhos será destruída se ele for interpretado por alguém que não seja espanhol – como Fernando Rey, que fez o personagem numa série de TV. Para piorar, o papel do companheiro de Quixote, Sancho Panza, pode cair nas mãos do *americano* Robin Williams, o que seria um insulto ainda maior. Mas que pessoal mais chato!

Cleese: Don Quixote das terras inglesas

PARA O CINEMA, O FIM ESTÁ PRÓXIMO

No que depender dos executivos de Hollywood, a Terra está condenada. Depois de *Independence Day* e *Marte Ataca!* os chefões estão de olho nos céus e se animaram para fazer filmes em que cometas ameaçam arrasar nosso planetinha. A Touchstone planeja o filme *Armaggedon*, ao mesmo tempo em que a Dreamworks já trabalha em *Deep Impact*, refilmagem de *O Fim do Mundo*, de 1951. Também Peter Hyams está trabalhando num roteiro com o mesmo tema – o impacto de um cometa na Terra –, feito sob encomenda para James Cameron. Nem as televisões ianques ficaram de fora, como a NBC, que prepara um épico de quatro horas sobre asteróides que se chocam contra a Terra.

A PERGUNTA

"Qual foi sua resolução mais importante para o ano-novo?"

A RESPOSTA

"Não beber um copo d'água sequer antes de vestir a roupa do Batman"

De George Clooney, que tem passado por muitos apertos nas filmagens de *Batman and Robin*

A IMAGEM DO MÊS

GLOBO DE OURO

EVITA GANHA A NOITE

Um dos melhores termômetros para a premiação do Oscar é o Globo de Ouro, concedido pela Associação da Imprensa Estrangeira em Hollywood. Para surpresa geral, o grande vencedor da noite foi o musical *Evita*, que arrebatou três prêmios – melhor musical/comédia, melhor canção e melhor atriz (Madonna!). O melhor filme na categoria drama foi*O Paciente Inglês*. Confira todos os vencedores:

Filme Dramático: *O Paciente Inglês*
Filme Musical/Comédia: *Evita*
Atriz Dramática: Brenda Blethyn (*Segredos e Mentiras*)
Ator Dramático: Geoffrey Rush (*Shine – Brilhante*)
Atriz de Musical/Comédia: Madonna (*Evita*)
Ator de Musical/Comédia: Tom Cruise (*Jerry Maguire*)
Filme Estrangeiro: *Kolya – Uma Lição de Amor*
Atriz Coadjuvante: Lauren Bacall (*O Espelho Tem Duas Faces*)
Ator Coadjuvante: Edward Norton (*As Duas Faces de um Crime*)
Diretor: Milos Forman (*O Povo vs. Larry Flynt*)
Roteiro: Scott Alexander e Larry Karaszewski (*O Povo vs. Larry Flynt*)
Trilha Sonora: Gabriel Yared (*O Paciente Inglês*)
Canção: "You Must Love Me" (*Evita*)
Série de TV Dramática: *Arquivo X*
Série de TV Musical/Comédia: *3rd Rock From the Sun*

TAKES

Sandra: perigo nas mãos de um fanático

SANDRA BULLOCK
A PERSEGUIDA

A estrela Sandra Bullock passou por maus bocados no set de *Speed 2 – Cruise Control*. Mas não em alguma cena perigosa, e sim por causa de um maluco que tentou raptá-la. O sujeito tinha o rosto da atriz tatuado em seu braço, e era um figurante da produção milionária. Ele a agarrou pelo braço, mas a atlética atriz conseguiu se soltar. Resultado: o cara fugiu, e Sandra ganhou proteção 24 horas por dia, cortesia de um par de armários que atendem pelo nome de "guarda-costas".

MENININHA SOLITÁRIA

"Eu não saio muito. Não que eu não queira: o problema é que ninguém me convida para sair"

Da pobre **Alicia Silverstone**, que certamente está no país errado

JERRY MAGUIRE
A CAMINHO DO TRIBUNAL

A fabricante de artigos esportivos Reebok está pedindo um reembolso dos produtores de *Jerry Maguire* por "perda de investimentos publicitários". Seu comercial deveria aparecer no filme, mas foi cortado na mesa de edição. A Reebok gastou um milhão de dólares para promover o filme e ficou a ver navios. Se a produtora TriStar não der uma resposta, a coisa pode acabar no tribunal.

ARQUIVO X
O FILME VEM AÍ

Desta vez é para valer: a premiada e cultuadíssima série *Arquivo X* vai chegar às telonas do cinema no ano que vem. O criador da série, Chris Carter, já está trabalhando no roteiro. As filmagens começam no verão norte-americano, com a dupla de agentes federais interpretados por David Duchovny e Gillian Anderson. Carter anuncia que a próxima temporada – a quinta – será a última na televisão, e terá ligações diretas com o filme. A verdade – mesmo – está na cabeça desse sujeito.

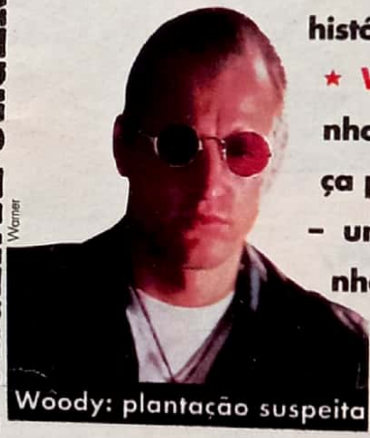
Gillian e Duchovny: premiados e a caminho do cinema

Los Angeles URGENTE

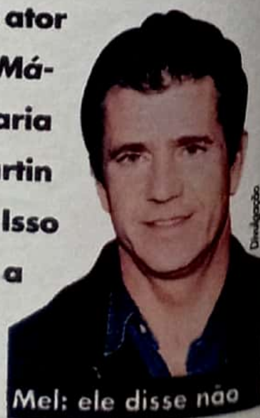
José Emilio Rondeau

Bruce: agora em game

★ Bruce Willis virou videogame: o rosto e a voz do maridão de Demi Moore serão combinados ao corpo de um ator anônimo para compor o protagonista de *Apocalypse*, novo jogo para a plataforma Sony PlayStation. ★ Mais Willis: ele estrela o filme de abertura do 50º Festival de Cannes, *The Fifth Element*, uma ficção científica dirigida por Luc Besson. Tendo consumido 90 milhões de dólares, é o filme mais caro da história do cinema europeu. ★ Woody Harrelson ganhou permissão da Justiça para plantar cânhamo – um parente da maconha – numa fazenda do Kentucky. Essa seria a forma que o ator encontrou para propor aos fazendeiros do Kentucky que troquem sua tradicional colheita de tabaco por cânhamo. ★ Atenção, colecionadores: foi encontrada a única cópia em videoteipe da única apresentação conjunta, na TV americana, de Frank Sinatra, Sammy Davis Jr. e Dean Martin. O show beneficente aconteceu em 1965, e a cópia foi doada ao Museu da Televisão e do Rádio, em Beverly Hills. ★ Esta é de chorar: a Warner ofereceu a Mel Gibson 53 milhões de dólares mais 10% da bilheteria para o ator estrelar o quarto episódio de *Máquina Mortífera*, que culminaria com a morte do policial Martin Riggs. A resposta? "Não." Isso mesmo: não. Segundo Mel, a série para ele está mais do que encerrada. E ponto final.



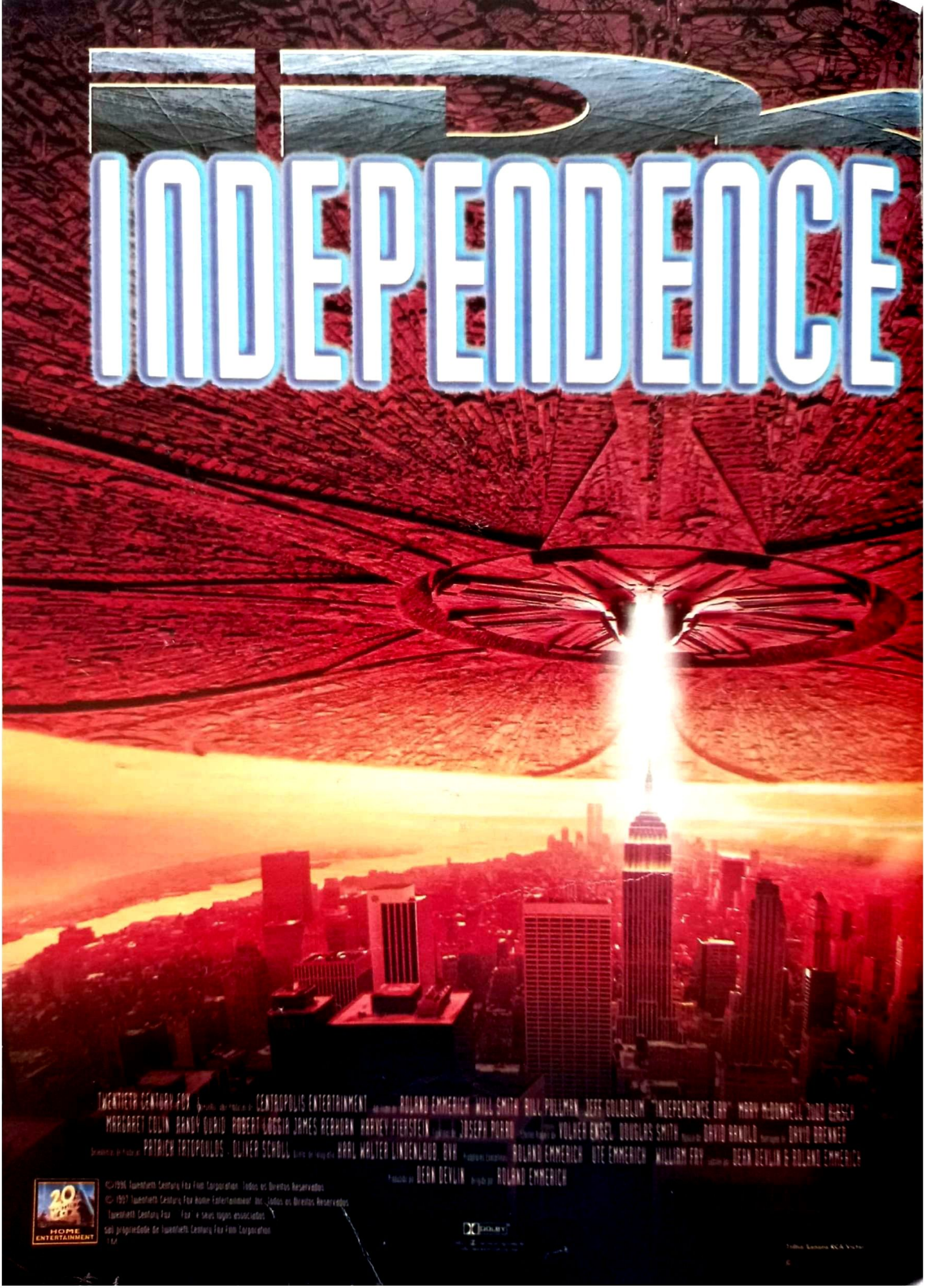
Woody: plantação suspeita



Mel: ele disse não

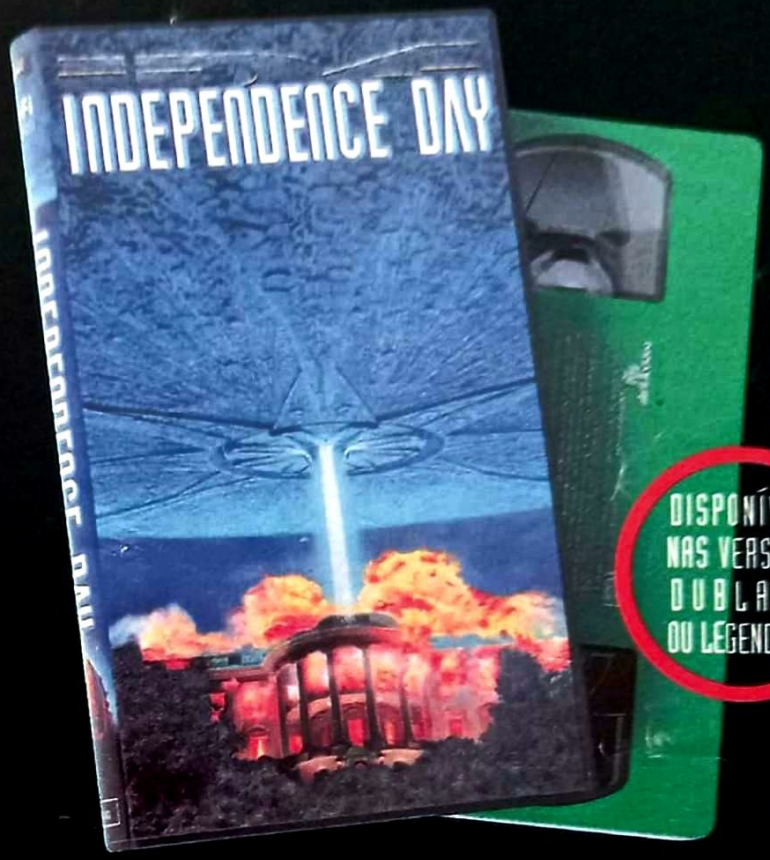
URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE

TERRA.
OLHE BEM...


INDEPENDENCE
TWENTIETH CENTURY FOX
CENTROPOLIS ENTERTAINMENT
ROLAND EMMERICH
WILL SMITH
BILL PULLMAN
JEFF GOLDBLUM
"INDEPENDENCE DAY"
MARY McDONNELL
JUDD HIRSCH
MARGARET COLIN
RANDY QUAID
ROBERT LOGGIA
JAMES REBHORN
HARVEY FIERSTEIN
JOSEPH PERRO
VOLKER ENGEL
DOUGLAS SMITH
DAVID ARNOLD
DAVID BREWER
PATRICK TATOPOULOS
OLIVER SCHOLL
KARL WALTER LINDENLAUB
BVD
ROLAND EMMERICH
UTE EMMERICH
WILLIAM FAY
DEAN DEVLIN & ROLAND EMMERICH
DEAN DEVLIN
ROLAND EMMERICH
©1996 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os Direitos Reservados
© 1997 Twentieth Century Fox Home Entertainment Inc. Todos os Direitos Reservados
Twentieth Century Fox e seus logos associados
são propriedade da Twentieth Century Fox Film Corporation
HOME ENTERTAINMENT

AGORA EM VÍDEO

O MAIOR SUCESSO DE BILHETERIA NO MUNDO EM 96.
MAIS DE 3 MILHÕES DE ESPECTADORES SÓ NO BRASIL.



DISPONÍVEL NAS VERSÕES DUBLADA OU LEGENDADA

LANÇAMENTO 17 DE MARÇO

ASSISTA ANTES QUE TUDO ACABE.

RESERVE JÁ NA SUA LOCADORA.

PARTICIPE DA PROMOÇÃO "INDEPENDENCE DAY".

20th Century Fox

abril vídeo

PODE SER SUA ÚLTIMA CHANCE...

PROMOÇÃO "INDEPENDENCE DAY"

RESPONDA À PERGUNTA:

QUAL O NOME DA RESIDÊNCIA DO PRESIDENTE DOS EUA?

☐ CASA BRANCA ☐ CASA ROSADA ☐ CASA AMARELA

AS PRIMEIRAS 500 CARTAS GANHARÃO UM INCRÍVEL BONÉ*.

NOME: _____

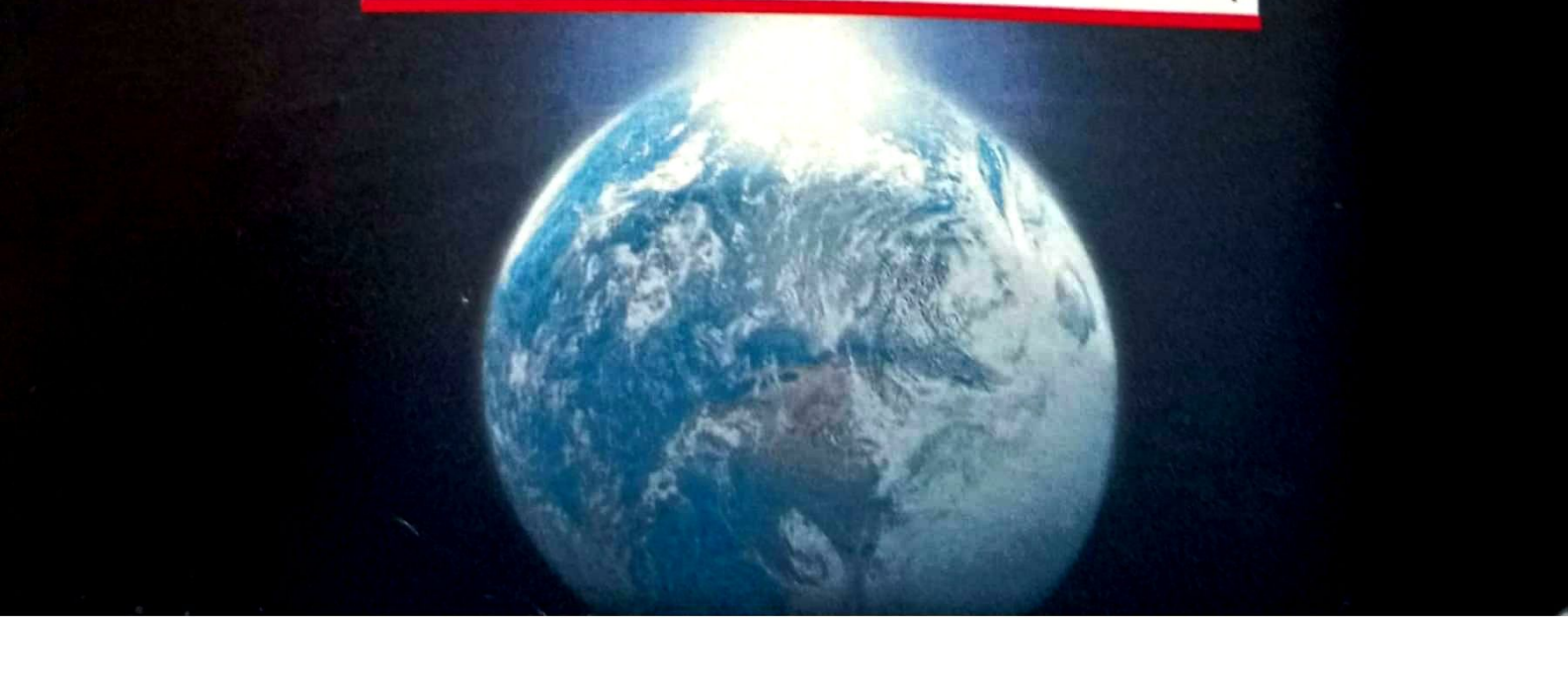
ENDEREÇO: _____

_____ CEP: _____

NÚMERO DO CIC: _____

Envie a resposta acima com seus dados completos para a Abril Vídeo - "Promoção ID4/SET" - Caixa Postal 14110 - CEP 02909 -900 - São Paulo - SP

*São 500 bonés



VAI ACONTECER
UM FENÔMENO
EM TODAS
AS LOCADORAS.
STONI
© Touchstone Pictures
JOHN TRAVOLTA
FENÔMENO
(PHENOMENON)
AGUARDE EM ABRIL.
TOUCHSTONE
HOME VIDEO
abril video

Bilheteria garantida!

APROVEITE NOSSOS PREÇOS E GARANTA O SEU SUCESSO.

101 Dálmatas	24,90
A Amante do Rei	9,90
A Balada do Pistoleiro	24,90
A Bela Adormecida(Abril)	24,90
A Cor da Fúria	24,90
A Ilha da Garganta Cortada	32,90
A Invasão	***
A Jurada	***
A Rede	26,90
A Revolta dos Brinquedos	19,00
A Rocha	***
Ace Ventura: Um Mal. na Áfr.	24,90
Acertando as Contas c/ Papai	19,90
Adoráveis Mulheres	19,90
Além da Eternidade	23,90
André - 1 Foca em Minha Casa	22,00
Apocalipse Now	23,90
Assassinos	24,90
Atraídos pelo Destino	22,90
Batman Eternamente	13,90
Camp.Mund.Artes Marciais	19,90
Carlota Joaquina	9,90
Casper	22,90
Cassiopeia	***
Corações Roubados	***
Corina, Uma Babá Perfeita	19,90
De Salto Alto	18,00
Desejo de Matar 5	25,90
Despedida em Las Vegas	24,90
Diário de um Adolescente	23,90
Dois Velhos Rabugentos	19,90
Double Dragon	19,90
Duro de Matar-A Vingança	19,90
Em Nome de Deus	23,90
Em Nome do Pai	23,90
Encurralado	23,90
Entrevista com o Vampiro	23,90
Epidemia	24,90
Filadélfia	24,90
Free Willy 2	29,90
Fúria Cega	19,90
FX 2	17,00
Independence Day	***
Íntimo e Pessoal	***
Jogos Patrióticos	23,90
Jornada nas Estrelas	23,90
Jumanji	***
Jurassic Park	34,90
Justiça Cega	23,90
Linha Mortal	19,90
Lobo	19,90
Meu Primeiro Amor	19,00
Missão Impossível	***
Momento Crítico	***
Morte por Encomenda	19,90
Morte Súbita	32,90
Mudança de Hábito	24,90
Mulher Solteira Procura	19,90
Na Linha de Fogo	19,90
Na Roda da Fortuna	18,90
Nell	24,90
No Mundo da Lua	19,90
Nunca Fale com Estranhos	***
O Banquete de Casamento	19,90
O Carteiro e O Poeta	26,90
O Casamento de Muriel	19,90
O Corvo - A cidade dos Anjos	***
O Diabo Veste Azul	49,90
O Especialista	24,90
O Fã — Estranha Obssessão	***
O Juiz	24,90
O Menino Maluquinho	9,90
O Maior Espetáculo da Terra	23,90
O Nome do Jogo	***
O Outro Lado da Nobreza	24,90
O Pentelho	***
O Quatrilho	9,90
Olha Quem Está Falando Agora	19,00
Olha Quem Está Fal. Também	19,00
Pagemaster - O Mest. da Fant.	9,50
Perfume de Mulher	23,90
Perigo Real e Imediato	24,90
Platoon	23,90
Pornôs Variados	9,90
Quatro Casam. e Um Funeral	27,90
Quatro Mulh. e Um Destino	24,90
Queima de Arquivo	***
Quero Dizer Que Te Amo	24,90
Quiz Show	19,90
Ricardo III	49,90
Riquinho	20,90
Robocop 2	19,90
Segredos do Coração	19,90
Sintonia de Amor	24,90
Somente Elas	23,90
Street Fighter	20,90
Striptease	***
Tieta	***
Tiros na Broadway	27,00
Todos os Corações do Mundo	***
Tormenta	***
Toy Story	23,90
Três Solteir. e Uma Peq. Dama	15,00
Twister	***
Um Amor e Uma 45	23,90
Um Dia de Fúria	24,00
Um Tira no Jard. de Infância	23,90
Um Vampiro no Brooklin	***
Voltar a Morrer	23,90
Wyatt Earp	29,90
Zona Mortal	24,90

- Prazos sujeitos a aprovação de crédito
- Condições válidas na loja e por Tele-Marketing
- A Mister Vídeo reserva-se o direito de excluir alguns títulos da promoção
- Promoção válida até 28/02/97
- Prazo válido apenas para compras acima de R$170,00 ou 5 filmes (o que atingir primeiro)

*** A Consultar

mister vídeo

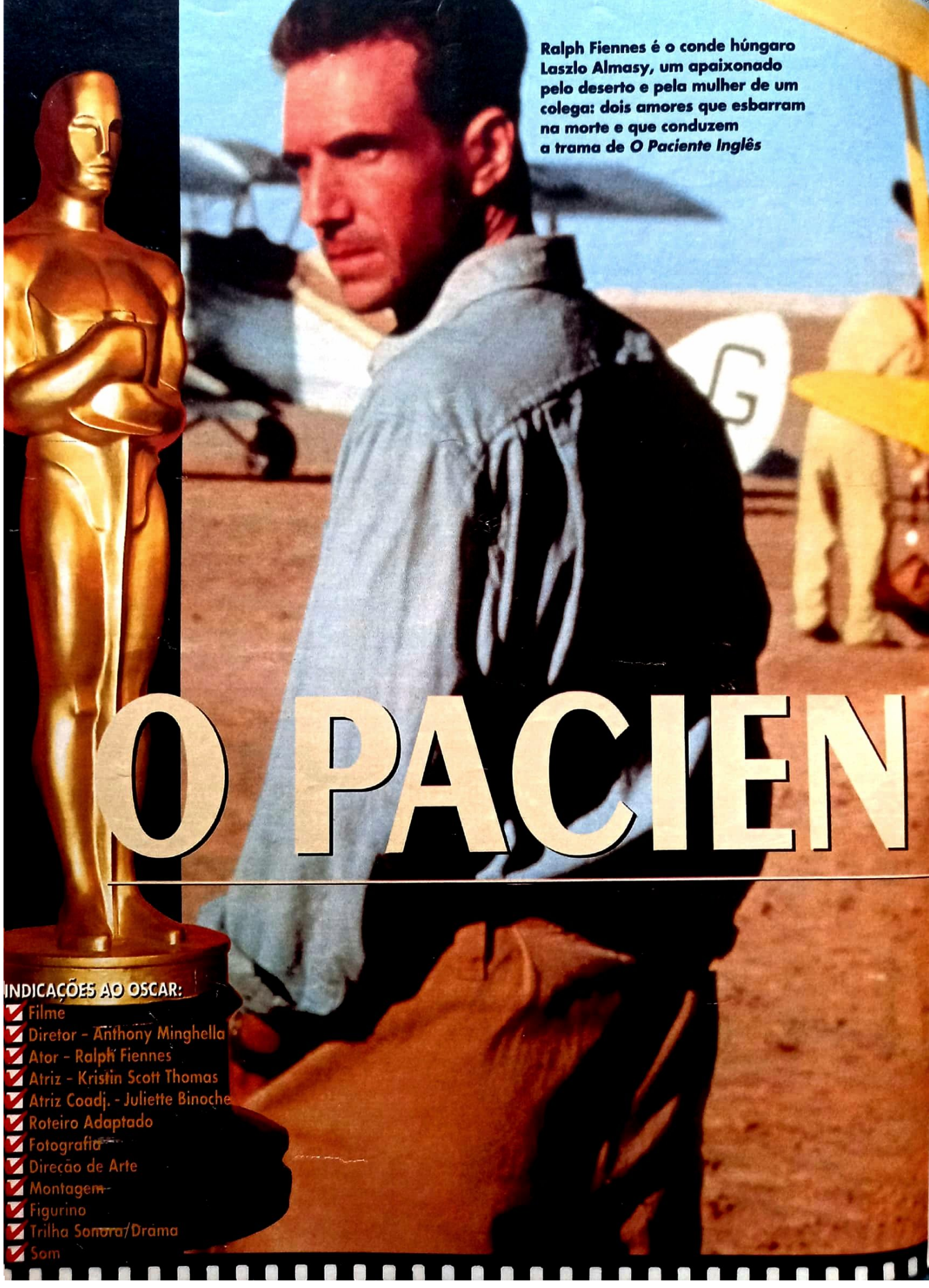
Av. Leonardo da Vinci, 1180
1º andar - Metrô Conceição - SP
Horário: 2ª a 6ª - 9:00 às 19:00h
Sábado - 10:00 às 16:00h

·30-60-90 dias
ou
·20-60-100 dias

Telefax:
(011) 5589-0360
(011) 5583-1792

As Novidades do OSCAR

Ele veio vindo como quem não quer nada, foi chegando aos cinemas de mansinho e, de repente, lá estava ele nos principais jornais e revistas do mundo todo: com doze indicações ao Oscar, *O Paciente Inglês*, que acaba de estrear nos cinemas brasileiros, é o grande fenômeno do Oscar 97. É, acima de tudo, uma vitória do cinema independente. Afinal, é dessa corrente cada vez mais forte que vêm também o novo australiano *Shine*, o americano *Fargo* (ambos com sete indicações) e o inglês *Segredos e Mentiras* (cinco indicações). Mesmo quando os finalistas vêm de grandes estúdios, eles têm aspectos inusitados – como *Jerry Maguire*, um filme modesto para os padrões atuais. E entre as estréias "oscarizáveis" deste mês estão *O Povo vs. Larry Flynt*, *Michael Collins* e *As Bruxas de Salem*, todos dedicados a temas que, à primeira vista, não parecem fazer a cabeça do pessoal que, em 1996, colocou no páreo final *Coração Valente* e *Apollo 13*. *Larry Flynt* narra a incrível trajetória do criador da revista pornô *Hustler*; *Michael Collins* fala de um dos pais do terrorismo; e *Salem* faz uma alegoria da fúria anticomunista que teve em Hollywood seu mais notório palco. Para quem achava que a Academia andava meio devagar, então, é hora de festejar.



Ralph Fiennes é o conde húngaro Laszlo Almasy, um apaixonado pelo deserto e pela mulher de um colega: dois amores que esbarram na morte e que conduzem a trama de *O Paciente Inglês*

O PACIEN

INDICAÇÕES AO OSCAR:

- Filme
- Diretor - Anthony Minghella
- Ator - Ralph Fiennes
- Atriz - Kristin Scott Thomas
- Atriz Coadj. - Juliette Binoche
- Roteiro Adaptado
- Fotografia
- Direção de Arte
- Montagem
- Figurino
- Trilha Sonora/Drama
- Som

Fotos: Miramax

TE INGLÊS

Cara de superprodução, alma de filme independente: com essa receita, o mais sério candidato ao Oscar agrada aos sentimentos e à inteligência da platéia

O PACIENTE INGLÊS

Filmar no deserto pode ser uma experiência exasperadora. Colocam-se os técnicos e atores em suas marcas, espera-se o vento soprar (ou parar) e – "ação!" – roda-se uma tomada. Não ficou boa. É preciso tentar de novo. O elenco vai para a sombra, os técnicos se dispersam, os beduínos apagam os vestígios da passagem humana pela areia. Uma hora de trabalho. "Ação!". Mais uma vez. E outra. Logo, o dia acabou. "Quando David Lean fez *Lawrence da Arábia*, ele rodava cada tomada a quarenta quilômetros da outra", conta o diretor Anthony Minghella com uma ponta de inveja. Mas tanto vai-e-vem sai caro, e o produtor deste filme já pagou do próprio bolso trinta quilômetros de asfalto para ligar essas dunas ao oásis de Tozeur, na Tunísia, onde todos estão hospedados. Então, toca a varrer a areia.

Mas Anthony Minghella não é homem de perder a paciência. Um dia, ele leu um livro lírico, em que as épocas e os personagens iam e vinham sem muito aviso, e percebeu que ali havia um romance grande, profundo e trágico pedindo para ser notado. Mas como arrancá-lo de lá, se a trama era tão solta, tecida de lembranças incompletas, de sensações, de palavras imaginadas e quase nunca ditas? A solução para essa charada é *O Paciente Inglês*, uma adaptação ao mesmo tempo livre e fiel do livro homônimo de Michael Ondaatje, ganhador do prêmio Booker de 1992. E quem tirou o filme de dentro do livro foi o paciente Minghella. Que também é inglês.

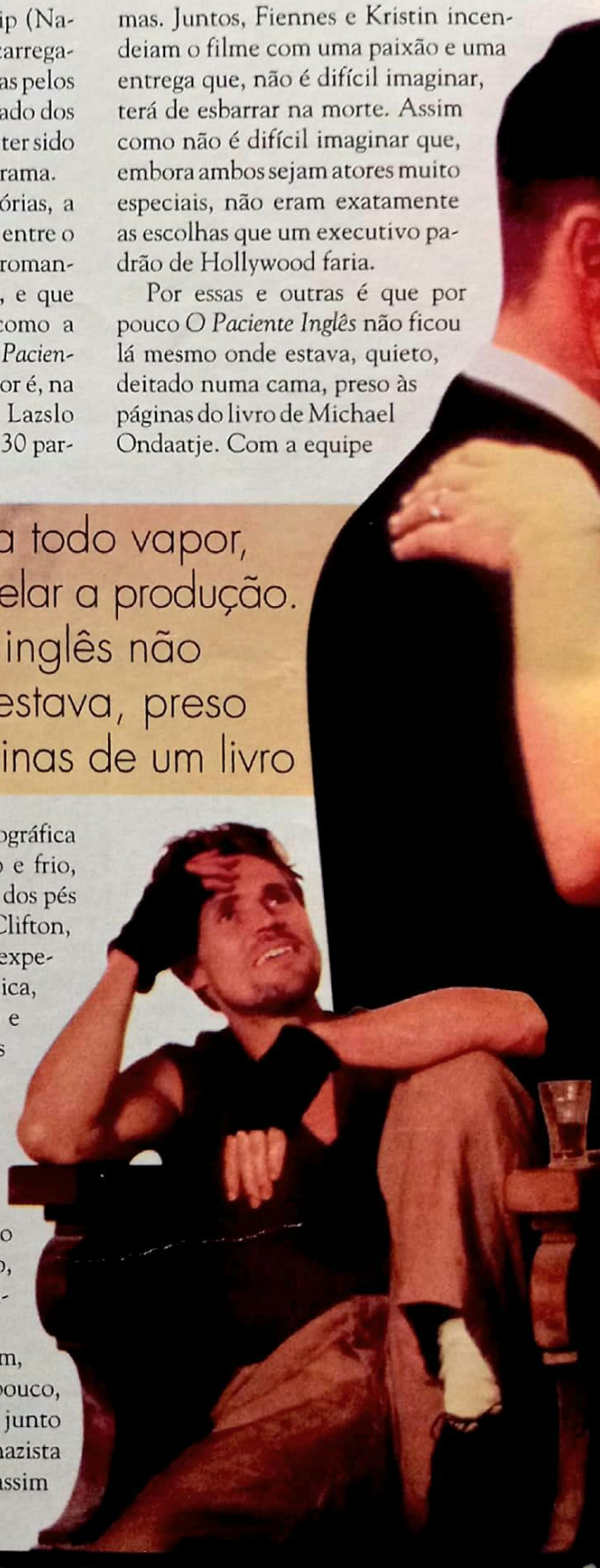
Mas o paciente inglês que batiza esta obra emocionante é outro. E é, por si só, uma charada. A Segunda Guerra está perto do fim quando um homem desfigurado por terríveis queimaduras chega à região italiana da Toscana, onde é entregue aos cuidados da enfermeira canadense Hana (interpretada por Juliette Binoche). Instalada nas ruínas de um monastério, Hana se dedica ao paciente dia e noite, aliviando sua dor e ouvindo suas histórias sobre um aventureiro do deserto que viveu um romance proibido com uma inglesa e que foi abatido por forças alemãs quando sobrevoava o Saara. Outros relatos vão surgir com a chegada ao monastério de Caravaggio (Willem Dafoe), um ladrão que trabalhou como espião para os Aliados, e de Kip (Naveen Andrews), um oficial encarregado de desarmar as minas deixadas pelos alemães. Pouco a pouco, o passado dos quatro vai se fundindo e mostra ter sido tecido, afinal, sobre a mesma trama.

Mas, entre todas essas histórias, a mais hipnótica é a do romance entre o explorador e a inglesa – aquele romance que pedia para ser notado, e que Anthony Minghella elegeu como a única saída para transformar *O Paciente Inglês* num filme. O explorador é, na verdade, o conde húngaro Lazslo Almasy, que no final dos anos 30 participava de uma expedição cartográfica no deserto do Saara. Fechado e frio, Almasy sente o chão fugir-lhe dos pés quando conhece Katharine Clifton, casada com outro membro da expedição e uma mulher aristocrática, culta, mas também impetuosa e sensual. Logo a paixão que esses estrangeiros sentem pelo deserto vasto e quente terá se transformado na paixão que sentem um pelo outro – e que chegará a seu clímax num vôo sobre a imensidão do Saara, do qual Almasy sairá queimado, irreconhecível e já transformado no paciente inglês.

Quase irreconhecível, também, está Ralph Fiennes. Até há pouco, seu nome era impresso sempre junto a um inevitável apêndice – "o nazista de *A Lista de Schindler*" –, assim como Kristin Scott Thomas parecia condenada a viver a inglesa reprimida – como em *Lua de Fel* e *Quatro Casamentos e um Funeral*. A combinação dos dois em *O Paciente Inglês*, no entanto, resultou numa terceira substância, muito diferente de suas matérias-primas. Juntos, Fiennes e Kristin incendeiam o filme com uma paixão e uma entrega que, não é difícil imaginar, terá de esbarrar na morte. Assim como não é difícil imaginar que, embora ambos sejam atores muito especiais, não eram exatamente as escolhas que um executivo padrão de Hollywood faria.

Por essas e outras é que por pouco *O Paciente Inglês* não ficou lá mesmo onde estava, quieto, deitado numa cama, preso às páginas do livro de Michael Ondaatje. Com a equipe

Com os preparativos a todo vapor, o estúdio resolveu cancelar a produção. Por pouco o paciente inglês não ficou lá mesmo onde estava, preso a uma cama e às páginas de um livro



já reunida e a pré-produção a todo vapor, o estúdio que financiaria o projeto pensou melhor (melhor?) e disse não. Acabou. As engrenagens ficaram três semanas paradas enquanto Anthony Minghella e o produtor Saul Zaentz entravam em pânico, debatiam, pediam dicas. A melhor delas veio do cineasta Sydney Pollack: procurem Harvey Weinstein, da independente Miramax, que tem emplacado sucessos notáveis, como *Pulp Fiction*. Após trocar alguns berros, Zaentz e Weinstein se acertaram: um tirou seis milhões de dólares do bolso, o outro levantou mais 27 milhões e *O Paciente Inglês* voltou a vagar pelo Norte da África.

A moral da história é que às vezes a emenda é melhor que o soneto. Sua independência garantida, Minghella pôde arregaçar as mangas e arriscar sua estratégia para filmar o livro que, dizia-se, era infilmável.

Não é o que se vê. Desde a abertura, em que a câmera transporta a platéia para o deserto, *O Paciente Inglês* é um filme perfeitamente inteligível. Mas não é arrastado, não é água-com-açúcar, não é "cabeça". É, sim, épico, trágico, romântico, provocante e inteligente. Esses são alguns adjetivos que a crítica americana tem usado sem constrangimento para descrevê-lo. Não deixa de ser uma surpresa, até porque o líder da empreitada padecia de uma inegável falta de referências: ex-dramaturgo, o inglês Minghella dirigira apenas *Um Romance do Outro Mundo* (muito bom, pouco visto) e *Um Amor de Verdade* (nada bom, também pouco visto). Mas, como se pode perceber pelos títulos de seus filmes, amor é o assunto preferido do sujeito. E *O Paciente Inglês* é um dos assuntos preferidos de Hollywood, tanto que já papou o Globo de Ouro de filme dramático e trilha sonora.

Mas será que tanto barulho é merecido? Com sua mistura de Saara, linho branco, adultério, peles bronzeadas, sotaques europeus, grandes paisagens, guerra mundial e intrigas internacionais, *O Paciente Inglês* tem pinta de filmão dos bons tempos, na linha de *Lawrence da Arábia* e *Casablanca*. É um representante daquele gênero – o melodrama ambientado em lugares exóticos – que arrebata metade do público (enquanto a outra metade, menos afeita a tanta extravagância, se aborrece).

PARECE UMA SUPERPRODUÇÃO
MAS NÃO É

A fotografia é épica, a história de amor é grandiosa, o elenco é ótimo, a tragédia é terrível, as locações são exóticas. *O Paciente Inglês*, então, só pode ser uma superprodução. Mas não é. Se o filme chegou às telas, é porque alguns europeus determinados e dois americanos audaciosos (um deles com dinheiro, o outro com teimosia) puseram na cabeça que ia ser assim. E o nome mais importante aí é o do teimoso: Saul Zaentz, 75 anos, treze Oscar como produtor. Exemplos de sua obstinação? *Um Estranho no Ninho*, *Amadeus*, *A Insustentável Leveza do Ser* – todos sucessos – e *Brincando nos Campos do Senhor* – este nem tanto.

Brincando fez Zaentz perder alguns milhõezinhos, mas calhou de ser o filme que colocou *O Paciente Inglês* no caminho do produtor. Explica-se: o filme do brasileiro Hector Babenco foi adaptado de um livro de Peter Mathiessen. Quando Michael Ondaatje descobriu que seu *Paciente* interessava a Hollywood, ligou para o colega. Que lhe disse que podia confiar em Zaentz. Ondaatje jura que não se arrepende de ter aceitado a dica. E nem Zaentz, ou o diretor, ou o elenco, ou a Miramax, que financiou a parte do leão de *O Paciente Inglês*. Que deixou de ser uma miragem para se transformar num filme independente como só Hollywood sabe fazer.

O PACIENTE INGLÊS

Linho branco, peles bronzeadas, adultério, intrigas internacionais, grandes paisagens: *O Paciente Inglês* é um épico romântico na linha de *Lawrence da Arábia* e *Casablanca*

Aventureiro do deserto: é no Saara que o conde Almasy vai conhecer a paixão e a morte

NA VERDADE... o conde Laszlo Almasy que protagoniza *O Paciente Inglês* se inspira num personagem real que pouco ou nada se parece com o ator Ralph Fiennes. Húngaro que trabalhou para a inteligência militar alemã durante a Segunda Guerra, Almasy era suspeito de espionar para a União Soviética e morreu de desinteria, aos 55 anos. Em vez de misterioso e belo sedutor das mulheres alheias, o Almasy de verdade era um oportunista magro, feio, dentuço (ele tinha uma razoável janela entre os dentes da frente) e homossexual – era apaixonado por um jovem oficial alemão, para quem enviou oitenta candentes cartas de amor. Entrevistado pelo *New York Times*, o escritor canadense (nascido no Sri Lanka) Michael Ondaatje admitiu as diferenças entre o conde verdadeiro e o de papel e celulóide, mas explicou ter desejado aproveitar de Almasy apenas um traço: "Ele era um explorador, um homem transfixado pelo deserto". E isso o personagem interpretado por Fiennes com certeza é.

Mesmo que o filme seja um fracasso retumbante", dizia Minghella em novembro, "só os três anos e meio que ele me proporcionou já terão sido recompensa suficiente". O diretor leu o livro pela primeira vez em um dia – abriu-o de manhã e fechou-o só à noite. No dia seguinte, ligou para o produtor Saul Zaentz. "Saul sempre me deu a maior força. Ele até pirateou várias cópias de *Um Romance do Outro Mundo* e as distribuiu para um monte de gente", explica Minghella com típico humor britânico. "Além disso, eu não conhecia mais ninguém louco a ponto de acreditar que aquele livro daria um filme maravilhoso."

O problema é que o livro podia até ser maravilhoso, mas era mesmo impossível adaptá-lo para o cinema de maneira convencional. "A trama é contada ora na voz de uma pessoa, ora na de outra. Passa-se numa época, depois em outra; num país, depois em outro. Mas Saul apaixonou-se pelo livro tanto quanto eu", prossegue Minghella, "e um ficava enganando o outro que sabia direitinho como transformá-lo num filme". Como era de se esperar, a tarefa não foi fácil. Só o primeiro rascunho do roteiro consumiu dezoito meses, embora o processo tenha contado com a participação ativa do escritor Michael Ondaatje, que esteve presente às revisões do script – e houve muitas –, às filmagens e até à sala de montagem.

E mesmo os atores foram chamados a colaborar, como atesta Ralph Fiennes. "Anthony repartiu o roteiro com os atores e foi extraordinariamente generoso. Isso nos imbuiu de um espírito de dedicação que foi crucial, em especial nas cenas mais íntimas." Talvez mais complicado tenha sido representar metade do filme sem se mexer, deitado numa cama, sob a pesada maquiagem de Laszlo Almasy quando queimado. "Eram as limitações do papel, com as quais eu precisava lidar", conta Ralph. "Assim, eu me concentrava no mundo interior do papel. E havia tantos pontos no livro nos quais ancorar minha imaginação que aquelas restrições acabaram me auxiliando mais do que atrapalhando." O ator não menciona que outras coisas ainda contribuíram para seu isolamento interior – o final de seu casamento com a atriz Alex Kingston e sua aflição com o deserto, que contrastava vivamente com o entusiasmo de Kristin Scott Thomas.

Kristin já era fã do livro bem antes de Minghella pousar os olhos na sua primeira página. Inicialmente, no entanto, sua atenção concentrou-se não em Katharine, que viria a interpretar, mas em Hana, a solitária enfermeira do paciente inglês. Depois de ler o roteiro, ela mudou de idéia: decidiu que seria a inglesa e estava disposta a "arrancar os olhos" de qualquer outra que tentasse roubar-lhe o papel (e dizem que Demi Moore estava louca para fazer justamente isso). "Katharine é uma pessoa confiante, aberta, positiva, radiante. Que atriz não gostaria de ser essa mulher por dois meses?", indaga Kristin.

Isabela Boscov
José Emilio Rondeau

LANÇAMENTOS

agora na sua videoteca

coleções

CINEMA NACIONAL

R$35,50

WOODY ALLEN

R$44,50

WESTERN

R$44,50

JAMES BOND - 007

em breve
reserve o seu

BEATLES ANTOLOGY

R$169,00
coleção completa
8 volumes

R$23,50
cada fita

O incrível exército de Brancaleone

R$23,00

Embalagem especial
livro Neruda + filme
O CARTEIRO E O POETA

R$29,50

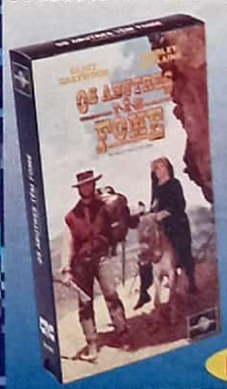
Brazil - o filme

R$21,90

lançamentos de locadoras fitas semi-novas a partir de R$13,00

10.000 filmes - todos os gêneros fitas novas

Os abutres têm fome



Por quem os sinos dobram

Cinderela em Paris

R$ 23,50

a maior variedade de filmes para sua videoteca

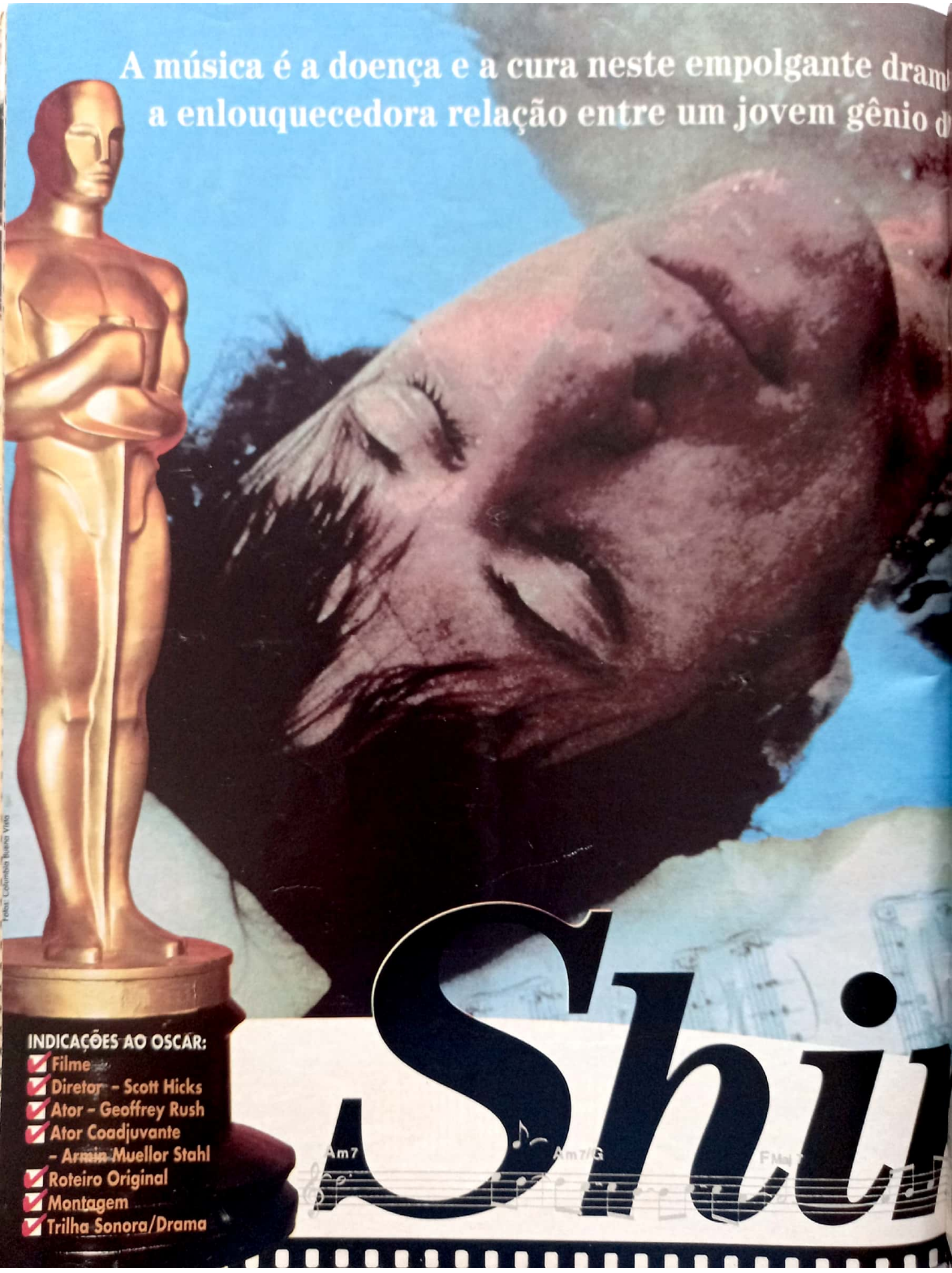
aceitamos todos os cartões de crédito

Av. Paulista, 726 - sl 02 - São Paulo
(011) 288.4788
estacionamento gratuito

VIDEOTECA
o cinema está aqui.

enviamos para todo o Brasil via Sedex

Av. Sumaré, 1.744 - São Paulo
(011) 872.4912
todos os dias - até meia-noite
estacionamento próprio


A música é a doença e a cura neste empolgante dram
a enlouquecedora relação entre um jovem gênio d
Shi
INDICAÇÕES AO OSCAR:
Filme
Diretor - Scott Hicks
Ator - Geoffrey Rush
Ator Coadjuvante - Armin Muellor Stahl
Roteiro Original
Montagem
Trilha Sonora/Drama
Fotos: Columbia Buena Vista

...a australiano sobre ...o piano e seu pai

Armin Mueller-Stahl e Noah Taylor como pai e filho: um amor doentio que lançaria o prodígio mirim da música na loucura

"Sabe quando os incas viram pela primeira vez um europeu a cavalo e acharam que era um animal só, meio cavalo e meio homem? Pois o David é assim: 80% dele é piano. Só o resto é homem." Quem faz a piada é Geoffrey Rush, estrela do teatro australiano e protagonista de *Shine – Brilhante*. E o alvo da anedota é seu personagem: o pianista David Helfgott, ex-prodígio mirim da música, ex-interno de manicômios, atual concertista de renome internacional. O mais surpreendente em Helfgott, no entanto, não é sua peculiar relação física com o teclado do piano, ou sua doença mental, ou o talento que ela quase aniquilou. O mais surpreendente é que ele existe e de fato mergulhou num poço que parecia sem fundo, de onde saiu inteiro o suficiente para retomar a música – embora continue sendo um sujeito no mínimo excêntrico.

Parece uma daquelas histórias que Hollywood adora, na linha "doença da semana". Mas *Shine* vai muito além dessa definição tão estreita. Deixando um rastro de elogios e prêmios, o filme se tornou um favorito quase unânime entre público e crítica – enquanto a história de David Helfgott vai ganhando contornos mitológicos.

É uma recompensa justa para os dez anos que o diretor Scott Hicks passou batendo de porta em porta, tentando demonstrar sempre o mesmo entusiasmo e paciência para levantar os 4,5 milhões de dólares de que precisava. "Se eu mantiver esse ritmo, só me restam mais uns três ou quatro filmes até o final da vida", brinca Hicks, de 42 anos. Mais conhecido como documentarista, ele decidiu fazer de *Shine* um drama para melhor envolver o público nessa árdua, e emocionante, jornada.

Ainda pequeno (e interpretado por Alex Rafalowicz), David revela um extraordinário talento para o piano. É, claro, um dom; mas é também uma praga para o garoto que tem como pai Peter Helfgott, um judeu polonês que perdeu a família no Holocausto e que manifesta seu trauma ora tiranizando, ora sufocando o filho. Peter (o magnífico Armin Mueller-Stahl) quer que David supere os limites do possível ao piano, mas não permite que ele se afaste do lar para se aperfeiçoar em outros países. Quando David (agora já na pele de outro ótimo ator, o jovem Noah Taylor) finalmente decide romper com a tirania paterna e rumar para Londres, já é tarde demais. Durante um concerto, ele sucumbe a um colapso que o tira de ação por duas décadas inteiras. Quando ressurge das sombras da doença mental (auxiliado por sua mulher, a astróloga Gillian), David ainda é um menino prodígio – mas de quarenta anos de idade. "Ele tem mesmo um quê de Peter Pan", pondera Scott Hicks.

David Helfgott entrou na vida de Hicks em 1986, quando o diretor leu no jornal uma reportagem sobre o pianista excêntrico que estava retornando à ativa após uma longa ausência – e que se apresentaria na cidade de Adelaide aquela noite. O artigo descrevia a vida difícil que ele tivera e citava uma frase do músico. Sua fala peculiar intrigou Hicks, que decidiu ir ao concerto – onde logo concluiu que a vida de David "daria um filme". Empolgado, o diretor correu para os bastidores e se apresentou a David e Gillian. "E assim começou a odisséia."

Depois de muitos anos, vários rascunhos do roteiro e inúmeras visitas ao casal Helfgott, Scott Hicks con- →

...ne - Brilhante

Shine - Brilhante

seguiu o respaldo financeiro da francesa Pandora – mas não sem antes travar uma batalha pelo ator que faria o papel principal. O diretor queria Geoffrey Rush, muito respeitado no teatro australiano, mas desconhecido fora do país. Os homens do dinheiro, por sua vez, insistiam num nome que garantisse o investimento. Ironicamente, Geoffrey já ganhou seis prêmios por sua atuação em *Shine*, só nos EUA.

Bela estréia nas telas para um ator de 45 anos, que sempre se disse contente no teatro, interpretando Shakespeare e Gogol. Mas o protagonista de *Shine* era irresistível. "Li o roteiro", diz Geoffrey, "e, dois dias depois, por coincidência, vi no jornal o anúncio de um concerto de David Helfgott. Fui lá e não havia dúvida: aquele era o papel para mim".

As mãos que aparecem ao piano em *Shine* são sempre as de Geoffrey Rush – nada de dublês. Mas, segundo o ator, o maior desafio não foi tocar, e sim falar daquele jeito repetitivo e elíptico do músico. "Scott me deu horas e horas de fitas com entrevistas que ele havia feito com David", lembra. "Eu punha o fone de ouvido, sentava ao computador e datilografava tudo o que David falava, cada repetição. É incrível como os pensamentos dele dão volteios: ele começa um raciocínio e, lá pela metade, já engrena outro. É uma salada de palavras."

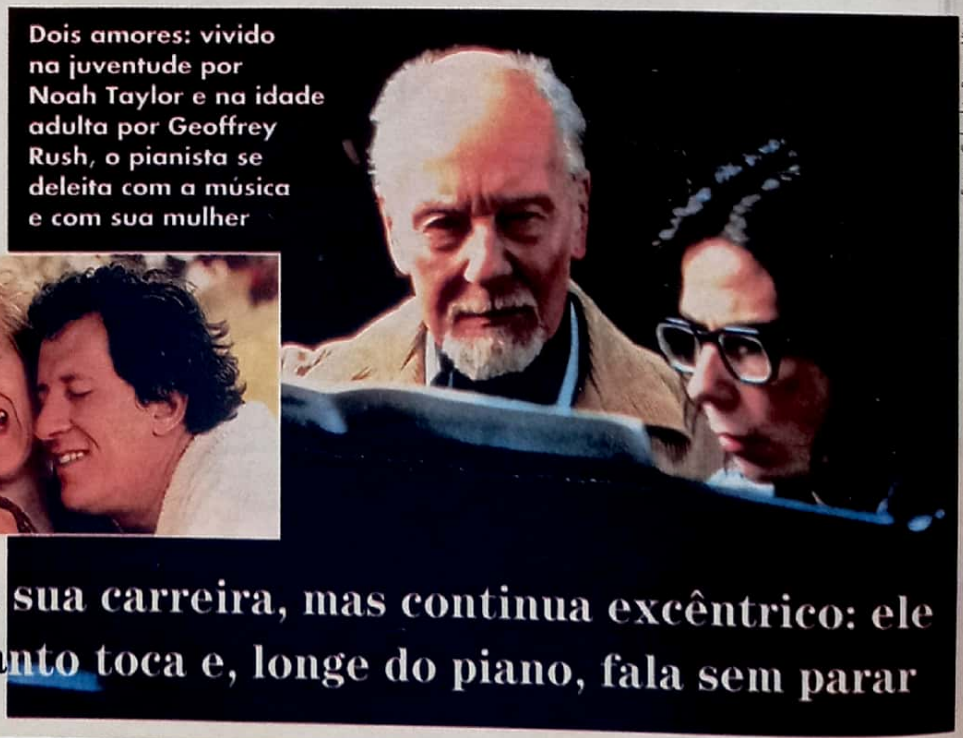
Antes da filmagem, Geoffrey também pôde conviver um pouco com Gillian e David Helfgott. "Como ele se sente mais à vontade sentado ao piano, conversávamos enquanto ele dedilhava sem parar com a mão esquerda", conta o ator, lembrando ainda que o pianista continua a gemer e cantarolar durante suas apresentações e a falar como uma matraca ao final delas. Ainda assim, afirma Geoffrey, a astróloga Gillian (que abandonou um noivo banqueiro para ficar com seu novo e estranho amor) teve um efeito extraordinário sobre David. "Ele parou de fumar de oitenta a cem cigarros por dia e nem toma mais vinte xícaras de café seguidas. Mas é preciso ficar de olho: ele ainda tem muito de criança – o que o torna ainda mais cativante."

Apesar dessa convivência entre David Helfgott e o time de *Shine*, o filme não é uma biografia, avisa o diretor Scott Hicks. Primeiro, porque para comprimir quarenta anos de vida em duas horas é preciso ser seletivo. E depois (e principalmente) porque é quase impossível esclarecer um ponto-chave na vida do músico: o verdadeiro impacto da figura paterna sobre sua bizarra trajetória. Peter Helfgott está morto, e David não é uma fonte 100% confiável, mesmo após sua recuperação. "Trabalho num meio em que existe uma certa poesia e uma certa licença na hora de contar uma história", explica o diretor. "Não posso querer atribuir causas ao colapso de David; mas ele próprio acha que seu pai foi o responsável. Quando o conheci, ele não falava de outra coisa. Com o passar do tempo, ele vem falando menos e menos do pai. Parece que um fardo está sendo tirado das suas costas."

Por outro lado, não seria sensato dizer que o amor obsessivo de Peter Helfgott é o único culpado pelo que aconteceu ao seu filho. Para alguns pianistas, aliás, a perturbação de David pode ter contado com um poderoso aliado: o *Concerto para Piano nº 3* de Rachmaninoff, uma obra de proporções épicas, não raro inatingível até para o mais maduro e virtuosístico dos intérpretes. É uma espécie de prova dos 100 metros: nada é mais duro, nada exige mais força, nada requer mais técnica. Pois foi no meio do olímpico *Concerto nº 3* que David sofreu sua crise, no início de uma juventude que nunca chegaria a existir de verdade.

Tudo isso, porém, está no passado. Hoje, aos 49 anos, o magro e calvo David Helfgott já trocou as turnês em pequenas salas pelo status de estrela. Apesar daqueles vinte anos de vácuo, ele parece ir recuperando o tempo perdido: já quebrou o recorde de público na Ópera de Sydney (que antes pertencia a Elton John) e esteve na liderança não só do hit-parade clássico, mas também no de discos pop. Impulsionado pela popularidade de *Shine*, ele está prestes a excursionar pelos EUA. E o melhor de tudo: ele gostou do "seu" filme. "David usou uma expressão bem dele", conta o diretor, afetando a pronúncia italiana de *fortissimo*: "*Brilhantissimo*!"

José Emilio Rondeau



Dois amores: vivido na juventude por Noah Taylor e na idade adulta por Geoffrey Rush, o pianista se deleita com a música e com sua mulher

Fotos: Columbia Buena Vista

David Helfgott retomou sua carreira, mas continua excêntrico: ele geme e cantarola enquanto toca e, longe do piano, fala sem parar

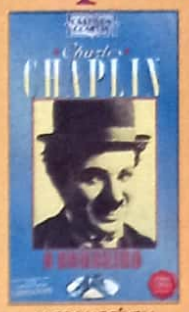
ADQUIRA O MELHOR DO CINEMA!

Greta Garbo

A GRANDE ESTRELA DE HOLLYWOOD EM SUAS MELHORES ATUAÇÕES

apenas R$ 22,50 cada vídeo

Chaplin



INESQUECÍVEL!

Tarzan

OS DOIS MELHORES FILMES DO REI DAS SELVAS COM JOHNNY WEISSMULLER

ESTOQUE LIMITADO!

Não perca mais tempo. Aproveite já esta promoção!

Grandes Clássicos

BORIS KARLOFF VINCENT PRICE | CATHERINE DENEUVE | BETTE DAVIS ERROL FLYNN | HUMPHREY BOGART | CHARLES LAUGHTON

Totó

O MAIS IMPORTANTE COMEDIANTE ITALIANO DE TODOS OS TEMPOS!

Groucho Marx

CARMEN MIRANDA | FRANK SINATRA | OS IRMÃOS MARX

PROMOÇÃO ESPECIAL!

SOMENTE R$ 16,50 CADA VÍDEO

A Princesa e o cavaleiro

Dois volumes com as aventuras da inesquecível Safiri.

INÉDITO EM VÍDEO! DUBLADO!

Cinema Nacional

A DAMA DO LOTAÇÃO | FELIZ ANO VELHO | O CANGACEIRO | A MARVADA CARNE | TICO-TICO NO FUBÁ

CORRA JÁ PARA AS LOJAS!

RESERVA VIDEO ESPECIAL

DISTRIVÍDEO
FORTALEZA - CE
(085) 244-0355
(085) 261-0466

VIDEOTECA
o cinema está aqui.
SÃO PAULO - SP
0800-112001

Carrefour Limão
SÃO PAULO - SP
(011) 230-6911

video e cia
RIO DE JANEIRO - RJ
(021) 714-6336
(021) 255-7563

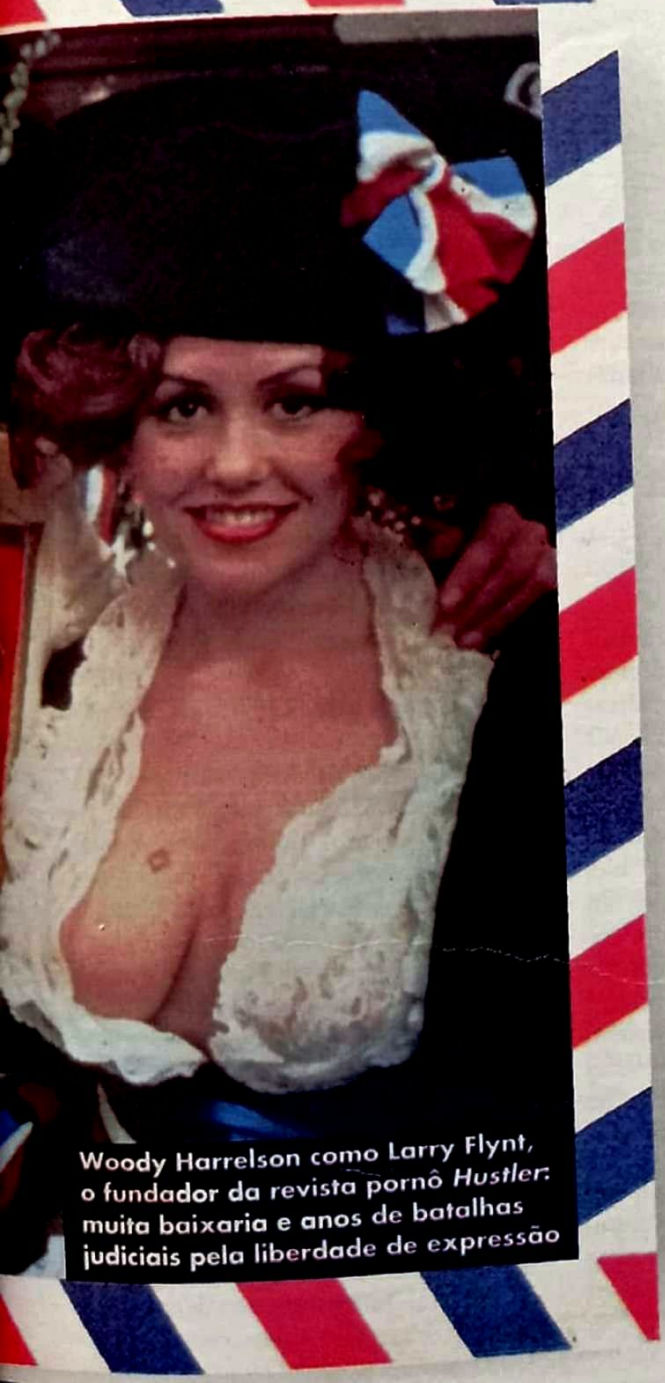
100% VIDEO
CAMPINAS - SP
(019) 231-4535
RIBEIRÃO PRETO - SP
(016) 636-1172
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP
(012) 331-3800

O Povo Contra Larry F

INDICAÇÕES AO OSCAR:
- ☑ Diretor - Milos Forman
- ☑ Ator-Woody Harrelson

Vs. Flynt

Como um barão da pornografia pode ser um herói? É o que explica o diretor Milos Forman neste filme meio cômico e meio trágico, que expõe as entranhas de duas obsessões americanas: o sexo e a liberdade



Woody Harrelson como Larry Flynt, o fundador da revista pornô *Hustler*: muita baixaria e anos de batalhas judiciais pela liberdade de expressão

O tema era tão explosivo que Oliver Stone, normalmente desprovido de sutilezas ou melindres, preferiu não dirigir o filme, limitando-se a produzi-lo. Grandes nomes de Hollywood, de Tom Hanks a Jim Carrey, recusaram o papel principal, temendo cair (o termo apropriado seria despencar) em desgraça. Jack Valenti, o manda-chuva da Motion Picture Association of America, ordenou a mudança do cartaz, considerado ofensivo. A feminista Gloria Steinem encabeçou uma campanha inédita no país, pedindo aos membros da Academia que repudiassem o filme e não o indicassem para categoria alguma do Oscar.

Mas o que poderia gerar tanta comoção? Uma biografia de Satanás? Uma elegia a Hitler, exaltando as virtudes do Holocausto? Que filme tão horroroso colocaria tanta gente de cabelos em pé e de prontidão para conter o avanço das forças do mal?

Simplesmente *O Povo vs. Larry Flynt*, o filme baseado na vida do fundador da revista *Hustler* – um templo barra-pesada à pornografia e à mulher pelada – ou ainda uma resposta altamente ginecológica à nudez mais plástica da *Playboy*.

Desde muito jovem Larry Flynt exibia tino comercial – aos onze anos, ele ganhava seus tostões extorquindo as últimas moedas dos bêbados de seu Kentucky natal. Quando já era dono de uma cadeia de clubes de striptease em Ohio, ele conheceu a mulher que o faria elevar esse tino à máxima potência: Althea Leasure, dezessete anos, *go-go girl*, criada em orfanatos depois de ver seu pai matar sua mãe e seus avós – e em seguida se suicidar. Foi em parte de Althea (que se transformaria na quarta mulher de Larry) a idéia de transformar o jornalzinho

A *Hustler* transformou em capa o cartaz original, que havia sido censurado e trocado pelo pôster ao lado

publicado pela rede de clubes numa revista. Foi ela também o primeiro pôster central da *Hustler*, que já nasceu com aquela vocação cafajeste e sacana que faria dela um alvo fácil e constante dos moralistas americanos.

O estilo de vida do casal Flynt alimentava o mito: Althea era bissexual (seu presente de núpcias foi uma noite num bordel, com uma mulher) e Larry sempre preferiu o sexo grupal. Em 1977, ele passou por uma conversão religiosa por influência da irmã do então presidente Jimmy Carter (mas nem por isso deixou de publicar sua re-

→

O Povo Vs. Larry Flynt

vista com a vulgaridade de sempre) e chegou a concorrer à presidência – sem a mínima chance, é claro. Hoje, aos 54 anos, apesar de todas essas estripulias (ou por causa delas), ele é dono de um império editorial multimilionário sediado em Beverly Hills (num majestoso edifício em que um dos inquilinos é o consulado brasileiro em Los Angeles) e gosta de usar jóias como um relógio Piaget de 500 mil dólares.

Qual então a contribuição cultural de Larry Flynt que justifique ele ser o tema de um filme? À parte a pornografia, é imensa. Ironicamente, Larry personifica a vitória da liberdade de expressão num país onde essas coisas (a luta do puritanismo contra a bacanália; a preservação da democracia e dos direitos individuais) são levadas muito a sério.

Como Larry chegou aí é assunto para uma vida inteira – até porque ele passou boa parte da sua enfronhado em batalhas judiciais, às quais comparecia num tal estado de excitação que, mais de uma vez, foi amordaçado no tribunal. O estopim dessa campanha foi uma sátira publicada na *Hustler* que mostrava o reverendo Jerry Falwell perdendo a virgindade para sua própria mãe (coisa finíssima). Religioso de prestígio em certos círculos políticos e líder de um movimento chamado Moral Majority, Falwell partiu para cima de Flynt com um processo que exigia retratação e uma indenização de 200 mil dólares por perdas e danos. Larry revidou, brigou com o reverendo e com uma sucessão de juízes e não descansou até levar o caso à Suprema Corte, em 1988, onde prevaleceu a Primeira Emenda da Constituição americana – aquela que dá a todo cidadão o direito absoluto à livre expressão. "Se a Primeira Emenda protege um canalha como eu, ela vai proteger todos vocês – porque eu sou o pior", defendia-se Flynt.

Desordem no tribunal: o irreverente editor é amordaçado na corte presidida por Larry Flynt em pessoa (no detalhe)

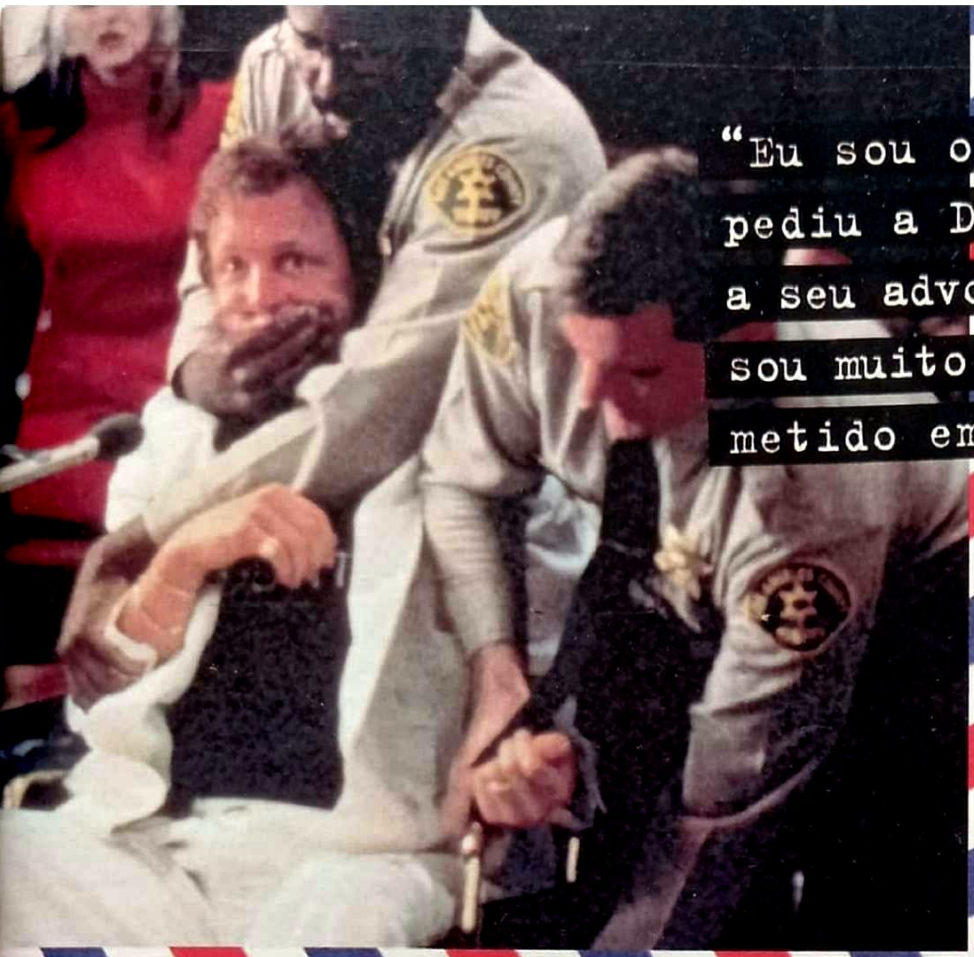
O que a Constituição não fez foi protegê-lo da ira dos moralistas. Em 1978, no curso dessa guerra, o editor tomou um tiro que o confinou para sempre a uma cadeira de rodas – mas uma cadeira de rodas folheada a ouro 14 quilates, presente de seu grande amor, Althea. A própria Althea foi, indiretamente, atingida pela mesma bala: enquanto o marido tomava sedativos poderosos para aliviar a dor, ela os tomava também, mas para aplacar sua instabilidade emocional. Viciou-se, contraiu Aids e morreu em 1987.

Para o diretor Milos Forman, esses não são tópicos de interesse geral. Nascido na Tchecoslováquia, Milos perdeu seus pais para o extermínio nazista e, nos anos 60, teve de fugir do regime comunista. Já nos EUA, fez uma carreira de muito respeito e dois Oscar, por *Um Estranho no Ninho* e *Amadeus* – não por acaso, filmes em que a censura e o patrulhamento são os vilões. Mas, se há um adjetivo que não se aplica a ele, é ingênuo. Cheio de ironia e com um raro dom para casar tragédia com comédia, Milos não perde tempo condenando ou glorificando Flynt: seu alvo é um homem que, fossem quais fossem seus deméritos, lutava por suas causas como uma força da natureza.

Courtney Love faz Althea, a mulher de Flynt, e Edward Norton vive seu advogado

"Eu sou o cliente que você pediu a Deus!", rebate Larry quando seu advogado (interpretado pelo ótimo Edward Norton) tenta se demitir. "Eu sou engraçado, sou rico e estou sempre metido em encrencas." E Milos honra a vitalidade do protagonista com um filme empolgante, corajoso e *muito* divertido. Para os padrões de Hollywood, é uma verdadeira insurreição. Até o próprio Flynt está em cena, como o juiz que lhe deu uma sentença (depois revogada) de 25 anos de prisão por obscenidade.

Mas não chame *O Povo vs. Larry Flynt* de cinebiografia. Pelo menos não na frente de Milos Forman. Sentado num restaurante defronte ao Lincoln Center, em Nova York, o diretor está rememorando o início de sua associação com o filme. "Quando recebi o roteiro", ele diz em seu sotaque carregado, "vi na página introdutória as palavras 'Larry Flynt' e os nomes dos roteiristas, Scott Alexander e Larry Karaszewski. Meu impulso inicial foi jogar fora o script, porque Larry Flynt, para mim, era sinônimo de baixaria e mau gosto. O filme, portanto, deveria ser parecido. Além disso, reconheci os nomes dos roteiristas – os mesmos de *Ed Wood*. E eu sei como em Hollywood usa-se o sucesso de um dia para, no dia seguinte, tentar se dar bem



"Eu sou o cliente que você pediu a Deus", dizia Flynt a seu advogado. "Sou divertido, sou muito rico e estou sempre metido em encrencas"

da maneira mais vagabunda". Mas, ao superar a repugnância e ler o roteiro (como cortesia a Oliver Stone), Milos achou-o magnífico.

Larry Flynt sempre adorou a pornografia. Milos Forman não. "Nunca comprei um exemplar da *Hustler*", ele garante – embora tenha lido alguns por força do filme. Ocultar o sexo vulgar e até violento popularizado pela revista seria estúpido; glamourizá-lo, mais ainda. "Eu só faria este filme se todos os envolvidos concordássemos que o verdadeiro herói aqui é a Suprema Corte. O resto seria apenas a natureza humana, com seus prós e contras", explica o diretor, acendendo um charuto. Uma prova do repúdio de Milos à censura em geral e à autocensura em particular está na presença de uma pessoa muito especial no elenco de *O Povo vs. Larry Flynt*: Courtney Love, viúva de Kurt Cobain e líder da banda alternativa Hole.

Depois de concordar com a escalação de Woody Harrelson, do qual tinha apenas vagas referências, o diretor topou por acaso com a Althea Leasure de seus sonhos. Mas Courtney trazia a tiracolo uma reputação difícil, conquistada com muitas drogas e muita bebida – como a mulher de Flynt. A Columbia não aprovava a escolha, por temer encrencas e por saber que nenhuma companhia de seguros faria uma apólice para uma pessoa tão instável. Afinal, uma seguradora cedeu. Valor do prêmio: 750 mil dólares. Sem direito a devolução. O estúdio disse não, mas Milos, Courtney, Woody e Oliver Stone fizeram uma vaquinha. Durante as filmagens, Courtney foi submetida a testes antidoping semanais. Nenhum deles deu resultado positivo.

De positivos, só os elogios à sua atuação – assim como à de Woody Harrelson, astro do infame *Proposta Indecente*, da telessérie *Cheers* e do violento *Assassinos por Natureza*. Embora hoje, no auge da forma física, Woody em nada se pareça com Larry Flynt, no filme ele recebeu o personagem de frente. "Ele é como eu", garante o ator, "um cara que não consegue ficar com a boca fechada. Escória branca, é isso que nós dois somos", ironiza Woody, referindo-se às origens de muita pobreza, pouca instrução e razoável violência (seu pai está preso por assassinato) que compartilha com o editor da *Hustler*. "Não sei se isso é favorável a ele ou não, mas vi que havia algo da personalidade de Larry em Woody", conta Milos Forman. Um e outro seriam de uma rebeldia quase ingênua, capazes de arremeter contra um obstáculo sem olhar direito e sem saber se vale a pena.

Para muitos, é isso que a trupe de *O Povo vs. Larry Flynt* está fazendo. Por exemplo, para as feministas, ofendidas com o fato de o filme omitir que espécie de pornografia Flynt exalta na *Hustler*. Ou para a Motion Picture Association of America e seu presidente vitalício Jack Valenti, que exigiu um novo cartaz de divulgação.

No pôster original, Woody Harrelson, vestindo apenas uma fralda feita com a bandeira americana, repousa, na clássica pose de Jesus crucificado, sobre o ventre de uma mulher. "Compreendo a atitude de Jack Valenti", diz Milos Forman. "Atacando o cartaz, ele defende o filme. Mas não concordo. Mais triste que a censura é a autocensura – e a MPAA é a nossa associação." Bem, então volta-se ao ponto de partida: afinal, é disso mesmo que o filme fala. E é por isso que, embora tenha levado os Globos de Ouro de melhor direção e roteiro, *O Povo vs. Larry Flynt* havia rendido só 13 milhões até meados de janeiro, com platéias especialmente minguadas no Sul do país, sempre mais conservador.

"A questão é", pondera Larry Flynt, o próprio. "Será que eu sou um mascate da baixaria ou um cruzado da liberdade de expressão? Acho que um pouco dos dois." Nada mais norte-americano. Se um país quer ser o maior, ele tem também de estar preparado para pessoas que vão longe demais.

José Emilio Rondeau

AS BRUX

Abandonada e rejeitada por seu amante, a adolescente Abigail Williams planeja a mais terrível das vinganças: a destruição física e espiritual de Elizabeth, a mulher do adúltero John Proctor, numa missa negra conduzida durante a noite, na floresta, em torno de um caldeirão. Flagradas durante esse rito demoníaco, enquanto bebem o sangue de um animal, Abigail e suas amigas enfrentam o veredito inevitável: são bruxas, e estão em conluio com o diabo. Mas a histeria desencadeada pela descoberta é contagiante, e logo Abigail terá envolvido metade do vilarejo em acusações de feitiçaria – a começar justamente por Elizabeth, a mulher mais honesta e religiosa da comunidade. Até onde esse delírio pode chegar, e que conseqüências pode trazer?

Para saber a resposta, não é preciso especular. Basta consultar os autos dos julgamentos conduzidos em 1692 no vilarejo de Salem, Massachusetts, fundado e povoado por imigrantes puritanos. Foi o que fez o dramaturgo Arthur Miller, um dos expoentes do teatro americano e autor de clássicos como *A Morte do Caixeiro Viajante*. No início dos anos 50, em meio à caça às bruxas anticomunista que varreu os EUA (e que teve em Hollywood um de seus alvos mais notórios), Miller foi buscar neste episódio que marcou o nascimento de uma nação uma alegoria para a nova onda de histeria que se alastrava pelo país. É, principalmente, uma história de medo, pânico e reação diante do desconhecido, uma história da paranóia que sacode uma comunidade quando alguém menciona a palavra "conspiração". Mas é também, e muito, uma história sobre a fúria em que se pode converter a energia sexual reprimida. E, entre uma interpretação e outra, não é difícil imaginar qual se mostrou mais sedutora para Hollywood.

Arthur Miller encenou *As Bruxas de Salem* (no original, *The Crucible*, ou *O Caldeirão*) pela primeira vez no Martin Beck Theatre de Nova York, em 1953. Desde então, a peça esteve em cartaz em algum ponto do mundo quase todas as noites, e virou leitura obrigatória nas escolas americanas. Transportá-la para o cinema, porém, eram outros quinhentos. Primeiro, porque Hollywood dividiu-se entre vítimas e carrascos durante o período (de 1940 a 1960) em que o senador Joseph McCarthy presidiu o comitê do Congresso para ati- →

INDICAÇÕES AO OSCAR:
- ☑ Atriz Coadjuvante – Joan Allen
- ☑ Roteiro Adaptado

VOCÊ SABIA QUE...

O elenco de *As Bruxas de Salem* veste-se na maior parte com trajes alugados de *A Letra Escarlate*, o fracasso que Demi Moore e Gary Oldman estrelaram em 1995? Alguns atores de *As Bruxas*, aliás, fizeram uma visita ao set de filmagens de *A Letra* – onde, dizem as más-línguas, tiveram a oportunidade de dar boas gargalhadas.

Fotos: Fox

Daniel Day-Lewis e Winona Ryder dão o sangue nesta nova e vibrante adaptação da peça de Arthur Miller sobre a histeria da caça às bruxas – sejam elas de verdade ou (principalmente) imaginárias

AS DE SALEM

DANDO A MAIOR FORÇA

Winona e Daniel são os chamarizes de *As Bruxas de Salem*. Mas, para encontrar o verdadeiro brilho do filme, preste atenção em Paul Scofield e Joan Allen

Paul Scofield: o terrível juiz Danforth

Apesar de ofuscados pelo poder de fogo de Daniel Day-Lewis e Winona Ryder na campanha publicitária, as verdadeiras estrelas de *As Bruxas de Salem* são Joan Allen e Paul Scofield, as "armas secretas" do filme. Indicado ao Oscar de coadjuvante em 1995 por seu trabalho como o pai de Charles Van Doren em *Quiz Show – A Verdade dos Bastidores*, e vencedor do prêmio de melhor ator em 1966 por *O Homem que Não Vendeu Sua Alma*, o inglês Scofield participou de poucos filmes em sua longa carreira: seu verdadeiro território é o palco. Em *As Bruxas de Salem*, ele é de longe a presença mais magnética. No papel do juiz Danforth, que preside o tribunal formado para julgar os suspeitos de feitiçaria, ele se vale quase que só de silêncios breves e sutis movimentos de sobrancelhas – e, com eles, consegue transmitir mais que os rostos transidos de Daniel e Winona. Também Joan Allen é uma cria do teatro – ela foi uma das fundadoras da trupe Steppenwolf Theatre Company de Chicago. Em *Salem*, ela sublinha a dignidade e a honra de sua personagem com um verdadeiro exercício de economia de gestos e expressões. Indicada ao Oscar de coadjuvante no ano passado pelo papel da primeira-dama Pat Nixon no filme de Oliver Stone, ela reaparecerá nas telas no final deste ano em *Face Off*, a nova aventura do diretor John Woo, ao lado de John Travolta e Nicolas Cage.

Joan Allen: a triste Elizabeth

AS BRUXAS DE SALEM

O vilarejo de Salem é, até hoje, um lugar estranho: seus habitantes não gostam de se misturar a outras raças e credos e exibem com orgulho as lembranças de seu violento passado

vidades antiamericanas. Mais de trezentos atores, roteiristas e cineastas foram banidos da profissão, na maioria delatados por colegas. Depois, porque a relutância do cinema em abraçar o teatro é famosa, e nem sempre injustificada. E, finalmente, porque Arthur Miller nunca teve fama de fácil – quem então se arriscaria a sugerir mudanças numa de suas maiores obras?

"É como chegar para Shakespeare e pedir que ele mude *Rei Lear*", confirma Nicholas Hytner, um diretor teatral de imenso prestígio na Inglaterra e que até alguns meses atrás tinha um único filme em seu currículo. Mas não um filme qualquer, e sim o elogiado *As Loucuras do Rei George*, também adaptado dos palcos. Pois Hytner foi o homem que teve o topete de chegar para "Shakespeare" – ou, no caso, Arthur Miller – e pedir que ele fizesse "umas mudancinhas" em sua obra. Surpreendentemente, a acolhida foi generosa. O próprio Miller assinou o roteiro do novo *As Bruxas de Salem* e se encarregou de cortar e reescrever seu texto, para tirar dele a incômoda roupagem de teatro filmado e transformá-lo em cinema puro e simples. Foi ele também quem deu o sinal verde à escalação de Daniel Day-Lewis e Winona Ryder para os papéis de John Proctor e Abigail Williams, os pivôs da tragédia que toma conta de Salem.

Ao que tudo indica, o autor foi recompensado pela iniciativa. "Quem vê o filme hoje jamais seria capaz de sonhar que antes aquilo era uma peça", ele elogia. "A idéia do diretor era tratar a história como se fosse um furacão movendo-se por entre aquele pequeno vilarejo, um furacão criado pelo homem e feito de misticismo e completa incompreensão da natureza." Conseguiu: *As Bruxas de Salem* é praticamente um filme de ação, desses que fazem o sangue ferver.

Entre os puritanos recém-chegados à América, no século 17, a bruxaria era um crime punido com a forca. O rigor do castigo, porém, não tinha correspondente na análise das provas. Tudo servia como evidência de culpa, e negar ou admitir o crime dava na mesma. Quem nega mente, e só as bruxas precisam da mentira; e quem admite confessa. Questionar a validade do tribunal também equivalia a uma confissão, já que só os culpados poderiam temê-lo. Durante os julgamentos liderados pelo juiz Danforth em Salem, dezenove pessoas foram enforcadas. Outras têm destino ignorado, como Abigail, que pode ter fugido do país ou ter se tornado prostituta em Boston.

Abigail Williams, na verdade, não era muito diferente de qualquer outra jovem de Salem – ou seja, temente a Deus e, por tabela, ao demônio. Enquanto trabalhava como empregada na casa dos Proctor, Abigail envolveu-se sexualmente com seu patrão, o fazendeiro John. Demiti-

A humilhação: Daniel Day-Lewis e outras duas acusadas de bruxaria são exibidos em praça pública

da por Elizabeth Proctor e rejeitada pelo amante, que depois afirmaria jamais tê-la tocado, Abigail orquestrou sua vingança da única maneira possível para uma moça de sua posição social: invocando Satanás e pedindo pela morte de Elizabeth. Descoberta em pleno ritual, ela não desistiu da vingança e tratou de acusar dezenas de outros moradores de feitiçaria. Nem Arthur Miller nem Winona Ryder, no entanto, vêem Abigail como uma vilã. Criada em meio à sufocante austeridade e superstição dos puritanos, Abigail provavelmente acreditava mesmo nas forças que desejava desencadear.

Mais ou menos como as meninas recrutadas pela produção de *As Bruxas de Salem* na própria cidade onde trezentos anos atrás esses fatos se sucederam. Escaladas para viver as participantes da missa negra, as moças aparentemente não tiveram dificuldade em esquecer a palavra "fingir", entregando-se sem reservas à ilusão de estarem possuídas. Uma delas teve um ataque de asma durante uma cena, e outras reclamaram de estranhas alucinações. Alguns membros da equipe creditam essas reações ao isolamento experimentado no set de filmagens construído na ilha Hog, um santuário marinho desabitado, a poucos quilômetros de Salem.

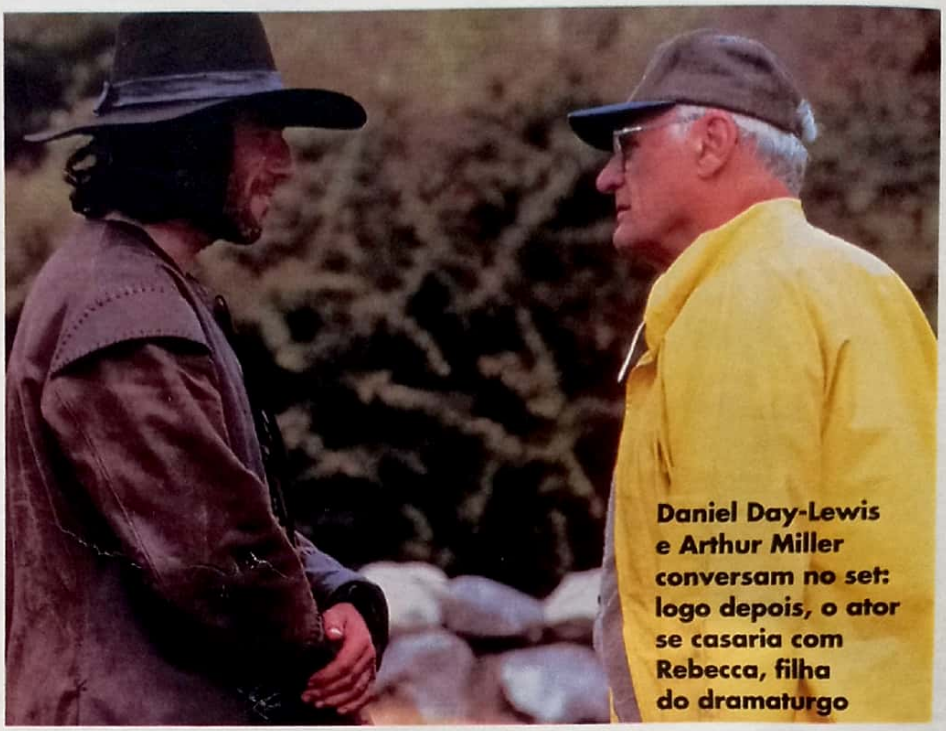
Salem, aliás, é ainda hoje um lugar bizarro, segundo o diretor Nicholas Hytner. Seus habitantes preservam o costume de não se misturar a outras raças e credos e exibem com orgulho os suvenires de seu passado, como as pedras usadas para torturar e matar um velho envolvido no processo. Nem eles nem os autos do julgamento negam que os castigos aplicados aos suspeitos foram ainda mais brutais do que os mostrados no filme. No caso do velho esmagado sob as pedras, por exemplo, pode-se acrescentar que, quando sua língua saltou fora da boca, o xerife empurrou-a para dentro novamente com uma bengala. E assim por diante.

Desde que Robert Miller, filho do dramaturgo Arthur, começou a rifar entre os estúdios de Hollywood a idéia de produzir *As Bruxas de Salem*, ele e o diretor Nicholas Hytner tinham já o seu elenco ideal. Daniel Day-Lewis seria o primeiro convidado a interpretar John Proctor porque é "uma escolha lógica", segundo o diretor – e também porque só o seu cacife poderia garantir os 25 milhões de dólares requisitados. Winona Ryder, por sua vez, ganhou de Arthur Miller um elogio inesperado para alguém de aparência e créditos tão frágeis: "Finalmente encontrei a atriz certa para dar vida ao que eu tinha imaginado". Também não é todo dia que se pode contar com a presença de uma lenda viva do calibre de Paul Scofield, famoso por recusar convites, sempre muito gentilmente, num prazo máximo de 24 horas – e que desta vez disse sim ao papel do juiz Danforth em 24 horas, com toda a gentileza. Outra inestimável contribuição ao sucesso de *As Bruxas de Salem* vem de Joan Allen, a talentosíssima primeira-dama de *Nixon*, que aqui encarna Elizabeth Proctor, a mulher que só tarde demais percebe as trágicas conseqüências de sua frieza conjugal.

Entre todos esses intérpretes, o mais peculiar é certamente Daniel Day-Lewis, de 39 anos – e que há pouco se →

As Bruxas de Salem

Durante a filmagem, Daniel Day-Lewis se recusou a falar com qualquer ator cujo personagem fosse inimigo do seu. "É importante você reconhecer seus adversários e tratá-los como tal", justifica



Daniel Day-Lewis e Arthur Miller conversam no set: logo depois, o ator se casaria com Rebecca, filha do dramaturgo

casou com Rebecca Miller, filha de Arthur. Daniel chegou às locações na ilha Hog semanas antes do resto do elenco, para começar sua imersão na atmosfera do lugar. Ajudou os carpinteiros a construir os cenários, pensou muito e, principalmente, começou a se isolar em seu personagem. Por isso, diz Winona, a experiência adquirida com seu parceiro em *A Época da Inocência* acabou sendo muito benéfica. "Eu já sabia como Daniel trabalha e o quão reservado ele é – eu já estava preparada. Não era como se estivesse pisando em ovos." Ela pára por alguns segundos, perdida nos próprios pensamentos, até retomar o fio da meada. "Na verdade, nunca, ao longo de todos estes anos, consegui descobrir o método de Daniel. Embora nos relacionemos bem, nunca conversamos sobre nossos personagens. É um assunto no qual jamais se toca: ele não quer saber o que estou pensando, nem eu quero saber o que se passa na cabeça dele."

Chega a ser antológico o método de trabalho de Daniel: durante as filmagens, ele se tranca em si próprio e raramente dá acesso a seu mundo interior. Nos três meses dedicados a *As Bruxas de Salem*, Daniel pôs essa estratégia em prática: ele se recusava a falar com qualquer ator cujo personagem fosse um antagonista de John Proctor. "É muito importante você reconhecer seus inimigos e tratá-los como tal", argumenta o ator. "Tive um ótimo relacionamento profissional com toda a equipe – é bom esclarecer isso –, mas o que se vê no filme é o resultado de milhares e milhares de colisões de energias conflitantes. Se, durante a filmagem, e nos intervalos, quando a câmera não está rodando, todo mundo ceder ao desejo natural de reduzir a ansiedade, ficando à vontade uns com os outros e se divertindo... Para mim, o ideal é preservar uma certa distância. Não acho a familiaridade propícia ao trabalho."

Se John Proctor é desde cedo um candidato à simpatia do público, os sentimentos despertados por Abigail são bem diferentes – e negativos. Para Winona Ryder, ela é uma personagem incompreendida. "Todo mundo acha Abigail uma vilã, mas não a vejo assim", explica a atriz, lembrada de que são as mentiras da garota que incriminam a maioria dos moradores de Salem, em particular Elizabeth Proctor, sua ex-patroa e mulher de seu amante, John. "Entenda que ela é uma menina muito jovem que tem um caso com um homem muito mais velho – e casado", diz Winona. Na verdade, Abigail tinha onze anos de idade e John Proctor, 65, "o que torna o relacionamento ainda mais doentio, equivalente em termos atuais ao abuso sexual de crianças. De todo modo, quando ela é expulsa da casa dos Proctor e passa a ser chamada disso e daquilo, com John afirmando nunca ter sequer conversado com ela, Abigail se sente devastada e confusa. Depois de algo assim, você não vai querer sentar e conversar sobre o assunto. Por isso compreendo a reação vingativa dela", emenda Winona.

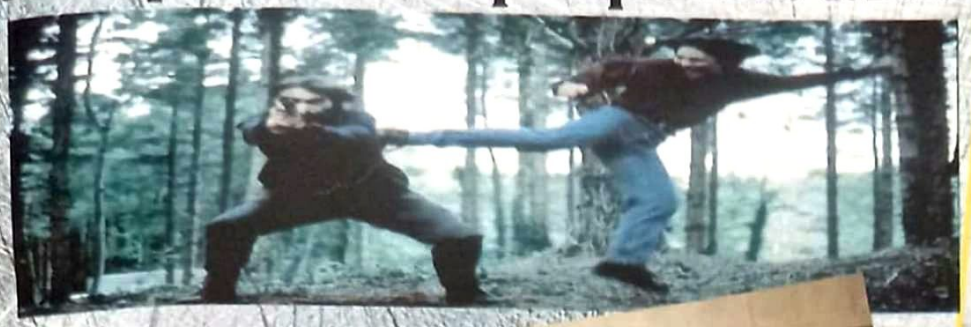
A atriz não erra também ao afirmar que o filme é muito relevante nos dias de hoje, e que aquelas forças do passado ainda operam no presente. "A busca do bode expiatório é algo da natureza humana: é preciso depositar a culpa em alguém – e rápido. O FBI sempre foi assim, o governo sempre foi assim", analisa Winona Ryder.

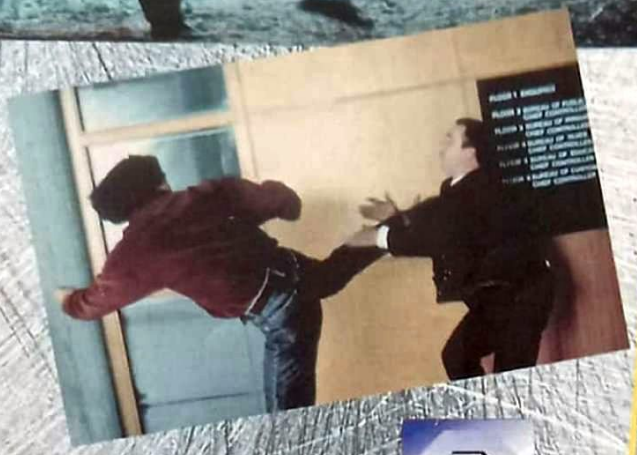
Às vezes, porém, a vingança é até melhor que a encomenda. Depois de ter escrito *As Bruxas de Salem* como uma resposta ao "dilúvio febril de acusações, vindas de todo lugar", de que ele era comunista, Arthur Miller pode se considerar vencedor desta batalha: o senador Joseph McCarthy já virou pó, mas sua peça está viva. E como!

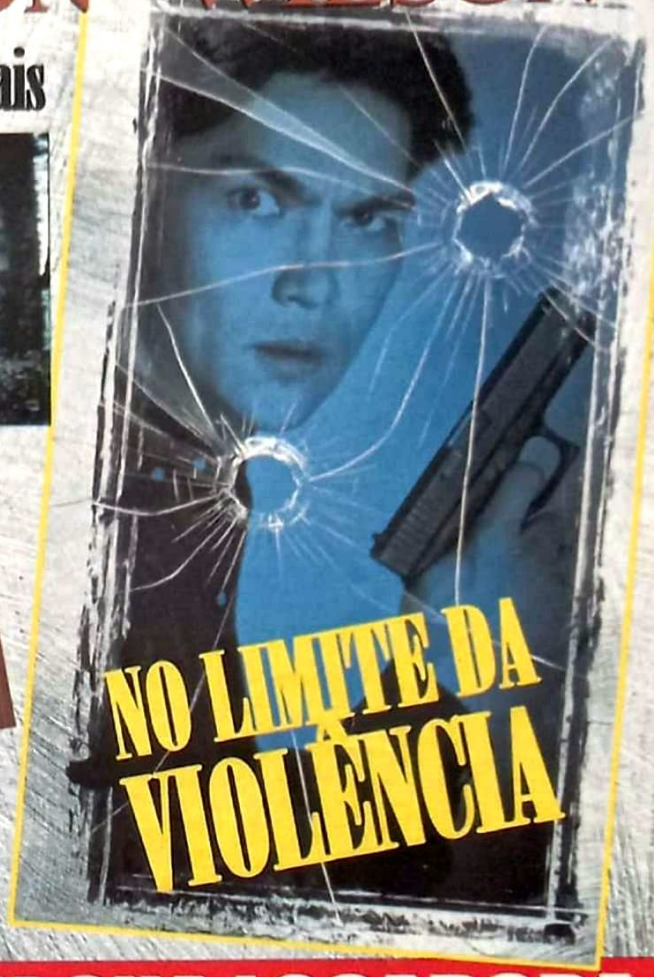
Isabela Boscov
José Emilio Rondeau

DON "THE DRAGON" WILSON

Existe apenas uma saída para quem sabe demais







NO LIMITE DA VIOLÊNCIA

CALIFORNIA HOME VIDEO

PROCURE HOJE MESMO EM SUA LOCADORA !

CYNTHIA ROTHROCK

SEDE DE VINGANÇA

Rótulo Dupla Face

ELA NÃO CONSEGUIU EVITAR A MORTE DE SEUS PARENTES...
AGORA ELA BUSCA OS ASSASSINOS PARA FAZER JUSTIÇA!

LIVE HOME VIDEO

MICHAEL

Num desempenho formidável, Liam Neeson encarna o líder nacionalista irlandês no novo e explosivo épico do diretor Neil Jordan

INDICAÇÕES AO OSCAR:
- ☑ Fotografia
- ☑ Trilha Sonora/Drama

COLLINS

Terrorista ou estadista? Um político que morreu para dar a liberdade a seu país ou o principal culpado pelo estilhaçamento de uma nação? Dependendo do ponto de vista, Michael Collins pode ser qualquer uma dessas coisas – herói ou vilão. Mas, seja lá qual for a opinião a seu respeito, não é provável que ela mude. Pelo menos não neste milênio. Isso porque Collins é o mais controvertido protagonista dos eventos que transformaram a Irlanda no que ela é hoje – um povo dividido por desavenças religiosas e políticas, um país enfronhado numa guerra que parece eterna contra a Coroa inglesa, da qual pretende arrancar a independência a qualquer custo. Seja por vias diplomáticas, seja pela explosão de bombas.

Cada país tem seu Robin Hood, e Michael Collins é o da Irlanda. Foi ele o inventor da guerrilha urbana, foi ele quem fez a Inglaterra hastear a bandeira branca, foi ele o autor do tratado que dividiu seu país em dois. Mas, ao contrário de outros líderes nacionalistas, como Mao Tsetung (que, aliás, empregou na Revolução Chinesa muitas das táticas inventadas por Collins), ele é um nome praticamente desconhecido fora de seu país. Culpa, em parte, desse tratado que cindiu a Irlanda em 1921. E culpa principalmente da violência que nas últimas décadas distorceu a causa irlandesa até torná-la quase irreconhecível. Como, então, pedir que o público simpatize com essa figura?

Para o diretor Neil Jordan, a resposta tem um nome: Liam Neeson. Nos treze anos que demorou para levar *Michael Collins* às telas, o cineasta nunca cogitou outro ator. "Liam é honesto até a alma", explica Jordan. "Ele pode picar a avó dele em pedacinhos que anda assim as pessoas vão simpatizar com ele." Apesar de sua fé no magnetismo do astro, o diretor tratou de fazer (e bem) sua parte, transformando a trajetória de Collins num autêntico épico, repleto de aventura e ação. Em suma, num filme que nasceu de uma guerra religiosa – católicos irlandeses versus protestantes ingleses – mas que mal toca em sua questão central.

Sem nem perder tempo com os créditos de abertura, Jordan mergulha direto na fracassada Rebelião da Páscoa de 1916, quando rebeldes irlandeses enfrentaram tropas britânicas na cidade de Dublin. É no meio dessa multidão que ele vai encontrar três rostos essenciais para o filme: o do próprio Collins, o de Harry Boland, seu melhor amigo, e o de Eamon De Valera, líder da insurreição e futuro presidente da República Irlandesa. O relacionamento entre o ardoroso Collins e o calculista De Valera, aliás, é crucial para a história da Irlanda. Em 1921, após dobrar os ingleses com os assassinatos em série de oficiais britânicos – episódio que ficou conhecido como "Domingo Sangrento" –, os rebeldes decidiram que era hora de negociar com seus opressores.

E o encarregado de reunir-se com estrelas da política européia, como Winston Churchill, foi Michael Collins, que voltou da mesa de negociações com um tratado que dividia (e divide até hoje) a Irlanda em duas: a Irlanda do Sul, católica, e a Irlanda do Norte, protestante e foco dos atuais conflitos. Para alguns historiadores, Eamon De Valera mandou Collins elaborar esse tratado porque ele sabia que quem o fizesse seria considerado um traidor e o culpado pela violenta guerra civil que logo se alastrou pelo país. Com ou sem má-fé, o acordo foi de fato desastroso. Resultou, primeiro, na guerra civil; depois, na morte de Collins numa emboscada armada por seus compatriotas; e finalmente na tragédia que é a história moderna da Irlanda.

MICHAEL COLLINS

Até chegar aí, porém, *Michael Collins* envolve a platéia com todas as armas possíveis. E nesse campo Neil Jordan é um general de primeira, como já provaram *Traídos pelo Desejo* e *Entrevista com o Vampiro*. Há a fotografia ora épica, ora intimista, e as tensas e grandiosas cenas de ação, que conjuram toda a violência e o gênio militar de um "mestre do caos sangrento", como o próprio Collins se definia. Há também o apurado elenco de apoio formado por Alan Rickman (no papel de Eamon De Valera), Aidan Quinn (Harry Boland), Stephen Rea (Ned Broy, um espião vira-casaca que ajuda Collins a localizar os alvos do Domingo Sangrento) e Julia Roberts (a charmosa Kitty Kiernan, que seria disputada por Collins e Boland, colocando fim à amizade dos dois).

Não falta ainda um afiado senso de humor – sim, humor –, presente nas poucas e rápidas discussões ideológicas dos protagonistas. E há, acima de tudo, a indisfarçável paixão de Neil Jordan e o desempenho magistral de Liam Neeson, a um só tempo virtuosístico e feroz, preciso e espontâneo, capaz de deixar qualquer platéia de joelhos – como a do último Festival de Veneza, de onde saiu premiado como melhor ator e *Michael Collins*, como melhor filme.

"Quando alguém tem tanta paixão por um tema, é provável que o filme saia no mínimo bom", argumenta o magnata pop David Geffen, que produziu *Entrevista com o Vampiro*. Apesar do tema delicado de *Michael Collins*, Geffen apostou novamente em Jordan e deu a ele total liberdade. Com uma condição: que ele não pedisse um centavo além dos 28 milhões de dólares concedidos.

O diretor, por sua vez, diz que essa quantia está muito aquém do que o filme exigiria, não fosse a boa vontade dos envolvidos. O governo irlandês, por exemplo, facilitou tudo o que pôde para a equipe; os moradores de Dublin compareceram em peso às filmagens, usando suas próprias roupas de época; e a tabela do sindicato foi usada para decidir o pagamento de Aidan Quinn, Alan Rickman e – pasmem – Julia Roberts.

O próprio Michael Collins se definia como "um mestre do caos sangrento". Mas, para muitos, ele foi o herói que morreu pela paz

Até o noticiário contribuiu com Jordan: ele conseguiu rodar seu filme justamente durante a efêmera paz firmada entre o Sinn Fein (o movimento nacionalista irlandês) e o governo britânico. Em fevereiro do ano passado, mal a equipe levantou acampamento, o cessar-fogo foi por água abaixo com a explosão de uma bomba do IRA no centro financeiro de Londres.

O filme, como a história, carrega o fardo da polêmica. Para alguns, ele significa milhões de dólares empregados numa apologia ao terrorismo. Para outros, ele revisita um período turbulento, tentando extrair alguma lição (e, talvez, uma solução) para o futuro. Mas, para o diretor Neil Jordan, que cresceu à sombra de Eamon De Valera, *Michael Collins* representa um "exame de consciência". Numa declaração formal enviada à imprensa, o diretor disse que nunca perdeu tanto sono por causa de um filme, mas jamais fará algo tão importante. "Através da vida de uma única pessoa, podem-se relatar todos os eventos que formaram o Norte e o Sul da Irlanda como são hoje", escreveu.

Fotos: Warner

O verdadeiro Collins, dizem alguns, pode ter sido vítima da má-fé de seu companheiro Eamon De Valera (*interpretado por Alan Rickman, de óculos*)

Não deixa de ser curioso notar que, pelo menos neste filme, as duas Irlandas estão unidas. Neil Jordan nasceu em 1950 em Sligo, na Irlanda do Sul; e Liam Neeson, de 44 anos, vem do vilarejo rural de Ballymena, na Irlanda do Norte. O ator, aliás, sentiu na própria carne o peso de Michael Collins na herança de seu país. "Eu era pequeno quando ia visitar meus avós no Sul", ele recorda, "e às vezes era marginalizado pelas crianças de lá. Elas me acusavam de ter vindo 'do Norte negro', e eu nem sabia do que elas estavam falando". Hoje, porém, ele sabe. "Para mim, Michael Collins não é 'o pai do terrorismo moderno', como querem alguns", diz Liam. "Terrorista é alguém que coloca bombas em restaurantes e mata gente inocente. Collins não. Seus alvos eram militares, era o inimigo." Por isso, argumenta o ator, este não é um filme feito para incentivar a violência ou para enriquecer organizações terroristas. "Se tanto, é um filme sobre paz, porque este era, em última instância, o objetivo de Collins. Ele morreu pela paz", frisa.

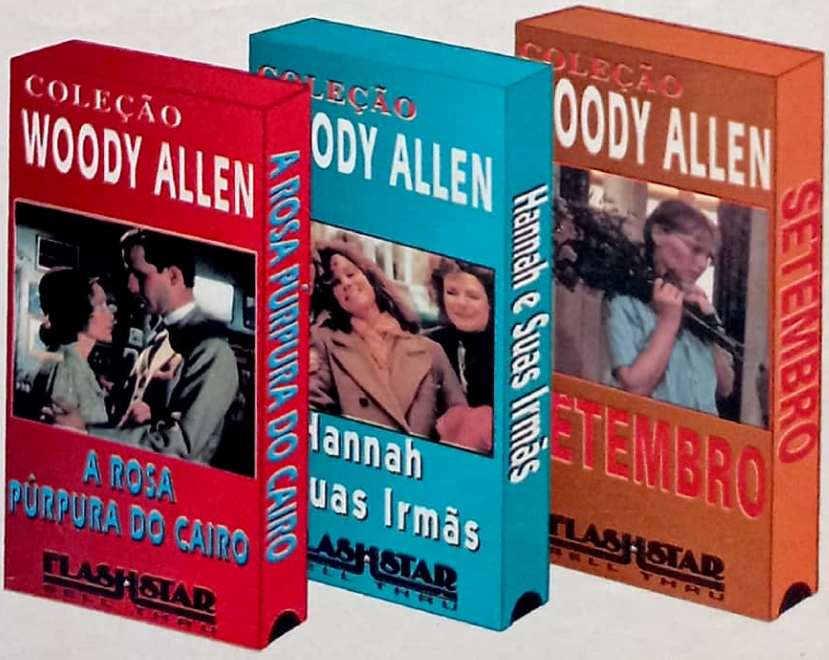
E a cena da morte do líder nacionalista, assassinado aos 31 anos, foi justamente uma das últimas a ser rodada, depois de três meses quase ininterruptos de encenações de batalhas e mortes. Indagado se, nessa altura, ele ainda tinha estômago para mais uma seqüência de sangue e ação, Jordan concede, com um sorriso meio triste: "Infelizmente, sou muito bom em violência". Exatamente como seu personagem.

Isabela Boscov
José Emilio Rondeau

FAÇA VOCÊ MESMO SUA PROGRAMAÇÃO DE TV.

Três grandes filmes de Woody Allen para seu canal particular de TV. Para você assistir no horário que quiser e quantas vezes quiser. Colecione o que existe de melhor no cinema mundial.

PACK ESPECIAL COM 3 FITAS



FITAS NOVAS REMASTERIZADAS POR SISTEMA DIGITAL.

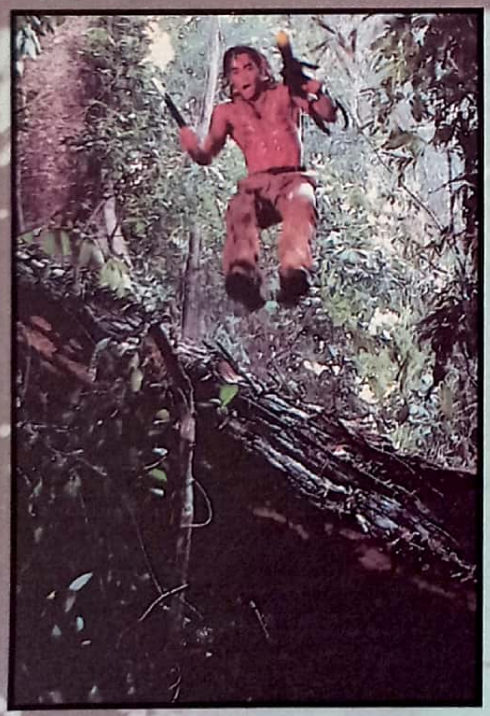
FLASHSTAR SELL THRU
COLEÇÃO SUCESSOS DO CINEMA

À VENDA NAS LOCADORA E NOS MAGAZINES.

E-MAIL: flash00@ ibm.net

VEM AÍ
A Maior Aventura de Todos os Tempos.

DOS MESMOS DIRETORES
DE EFEITOS ESPECIAIS DE
O FUGITIVO e A FORÇA EM ALERTA



DUBLADO OU LEGENDADO

RESERVE NA SUA LOCADORA

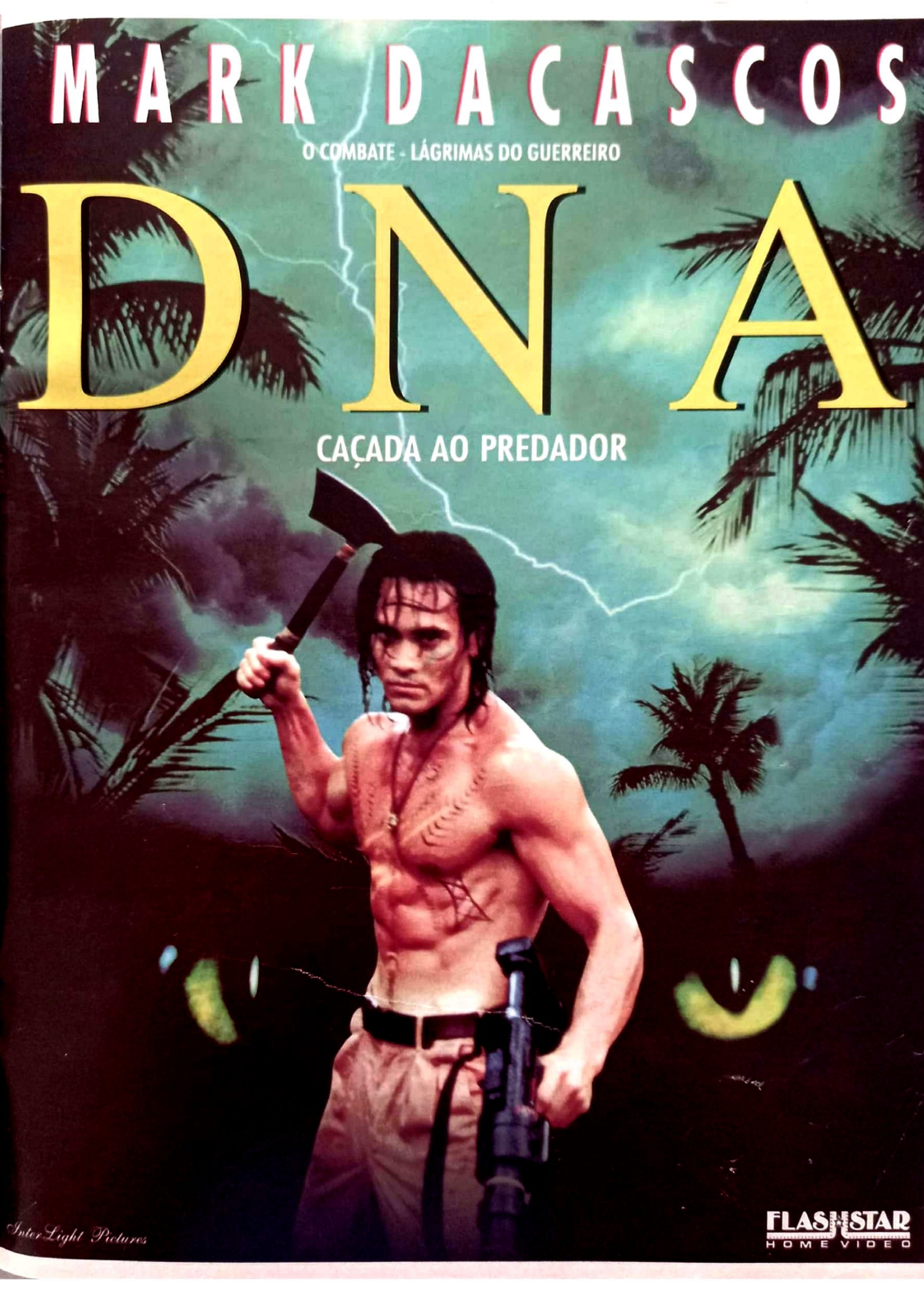
E-MAIL flash00@ibm.net

MARK DACASCOS

O COMBATE - LÁGRIMAS DO GUERREIRO

DNA

CAÇADA AO PREDADOR

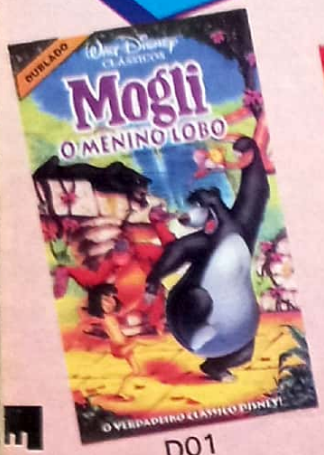


Inter Light Pictures

FLASHSTAR HOME VIDEO

ACERTE NO ALVO

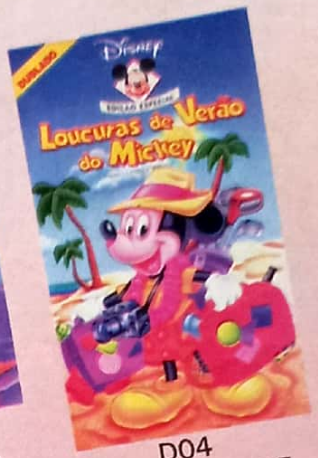
INFANTIL A R$ 21,90 cada



D01
MOGLI
O MENINO LOBO

D02
ALADDIN
O RESGATE

D03
FÍGARO E CLÉO



D04
LOUCURAS DE
VERÃO DO MICKEY

D16
ALADDIN
O RETORNO DE JAFAR

D06
ALADDIN
O GÊNIO NA GARRAFA

D07
MICKEY MEU AMOR

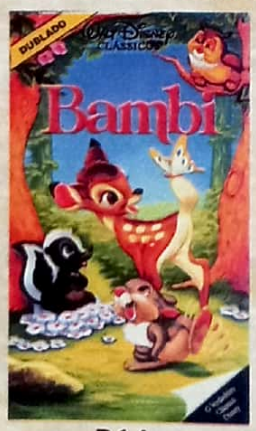
D08
O ANIVERSÁRIO
DE PLUTO

D11
BRANCA DE NEVE E
OS 7 ANÕES

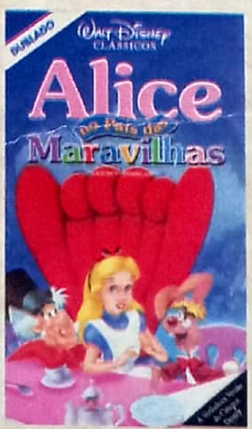
D12
O CÃO E A RAPOSA

ULTIMAS CÓPIAS! ESTAS OBRAS-PRIMAS VÃO VIRAR RARIDADE, APROVEITE!

D13
A ESPADA ERA A LEI



D14
BAMBI

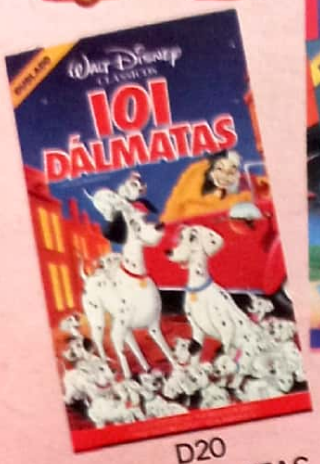


D15
ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS

D05
O REI LEÃO

D17
PINÓQUIO

ROBIN HOOD E OUTROS GRANDES SUCESSOS DISNEY : DIVERSÃO GARANTIDA. PALAVRA DA JOINTVIDEO. CONSULTE OUTROS GÊNEROS EM OFERTA.



D20
101 DÁLMATAS

D18(D)/ D19(L)
POCAHONTAS

D21(D)/ D22(L)
TOY STORY

D29
ROBIN HOOD

D23
PATETA
O FILME

D24
VOLTA AO MUNDO
COM TIMÃO & PUMBA

D26(D) / D27(L)
A BELA
ADORMECIDA

LIGUE AGORA:

DDG 0800 12 0811

JOINTVIDEO

CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.

AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

• Débito Automático no cartão de crédito. • Entrega, via moto, para São Paulo e Gde. São Paulo (+R$ 3,00) e pelo Correio - via SEDEX (despesas por conta do destinatário) para outras localidades. • Não vendemos fitas por reembolso postal

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s):

CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___
CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___	CÓD.___ QUANT.___

Nome: _____

R.G.: _____ C.I.C.: _____

End.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____ Fone: (___) _____

ASSINATURA _____

Formas de pagamento:

☐ Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado

☐ Cartão de crédito - validade: ___/___/___

☐ CREDICARD ☐ DINERS ☐ SOLLO ☐ AMERICAN EXPRESS ☐ VISA

Nº do Cartão: _____ SEDEX: ☐ Débito automático ☐ A Cobrar

NÃO ESQUEÇA DE MARCAR SUA OPÇÃO! R.H.

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

301 vez

Hami

Depois de interpretar o príncipe da Dinam
300 vezes nos palcos, Kenneth Branagh le
a mais famosa peça de Shakespeare ao
cinema de uma forma nunca vista antes
nas telas: vibrante, vigorosa e luminosa

INDICAÇÕES AO OSCAR:
- ☑ Roteiro Adaptado
- ☑ Direção de Arte
- ☑ Figurino
- ☑ Trilha Sonora/Drama

Ele passou à história como um homem pessimista e neurótico, cheio de pensamentos de morte – até um fantasma ele via. Para Kenneth Branagh, porém, Hamlet é de certa forma um injustiçado. Como não reagir com raiva, argumenta o ator e diretor, quando seu pai é vítima de uma morte misteriosa e, em apenas um mês, sua mãe já se casou de novo? E, pior, casou-se justamente com o irmão de seu pai? O príncipe da Dinamarca, diz Branagh, é um homem terrivelmente pressionado pela revelação que recebeu do fantasma de seu pai: o que o rei morto lhe conta é que foi assassinado por seu irmão, Claudius, que em meros trinta dias tratou de tomar como esposa a rainha Gertrude e tornou-se ele próprio rei. Que filho não desejaria vingar uma conspiração tão tenebrosa?

E que ator (pelos menos, que ator de verdade) não desejaria interpretar um personagem tão rico, que pode ser descrito como o primeiro existencialista da história, dividido entre o desejo de matar e o horror de provocar a morte com as próprias mãos?

No caso de Kenneth Branagh, 36 anos iniciados em Belfast, na Irlanda do Norte, e egresso da respeitada Royal Academy of Dramatic Arts, esse desejo até já poderia ter sido aplacado. Afinal, Branagh foi Hamlet cerca de 300 vezes nos palcos – algumas delas, sob a direção de Derek Jacobi, o primeiro intérprete de Hamlet que viu, na adolescência, e que o fez optar pela carreira dramática. Mas Branagh, como se sabe, não é um homem só de teatro. É, e muito, um homem de cinema. Mais: é o homem que apresentou e popularizou Shakespeare para toda uma nova geração com seu eletrizante *Henrique V*, de 1989. Nada mais natural, portanto, que ele tivesse uma idéia fixa: levar *Hamlet* para o cinema.

Por dois motivos. Primeiro, porque o príncipe da Dinamarca era um jovem. E, como o relógio não pára de correr, logo Branagh estaria fora do páreo. Segundo, porque todas as cinco versões cinematográficas já existentes de *Hamlet* (incluindo a lançada em 1948 por Laurence Olivier e premiada com o Oscar) faziam uma concessão que parecia inevitável: tesourar o longo texto original. O ator/diretor de *Henrique V* e *Muito Barulho por Nada*, no entanto, tinha uma outra idéia em mente: uma versão integral, de cerca de quatro horas de duração, que preservaria o texto ao mesmo tempo em que

renovaria a encenação da peça, sempre muito lúgubre e confinada aos austeros e sombrios castelos dinamarqueses da Idade Média. O surpreendente é que a idéia colou – tanto que seu novo filme, que deve chegar aqui nos próximos meses, corresponde tal e qual a essa descrição.

Menos surpreendente, dado o currículo de Branagh, é o fato de a idéia ter dado muito certo. Este *Hamlet*, para começo de conversa, abandona a ambientação medieval para transcorrer na segunda metade do século 19, um período em que a Europa era um continente repleto de fronteiras indefinidas. Por tabela, os tons soturnos das encenações mais tradicionais deram lugar a uma profusão de espelhos, luzes e cores que, por si só, já acrescenta uma vibração ines- →

es

et

arca

va

Rhena

As mudanças orquestradas por Branagh em *Hamlet* deram uma injeção de ânimo e eletricidade até a passagens manjadíssimas, como o "ser ou não ser"

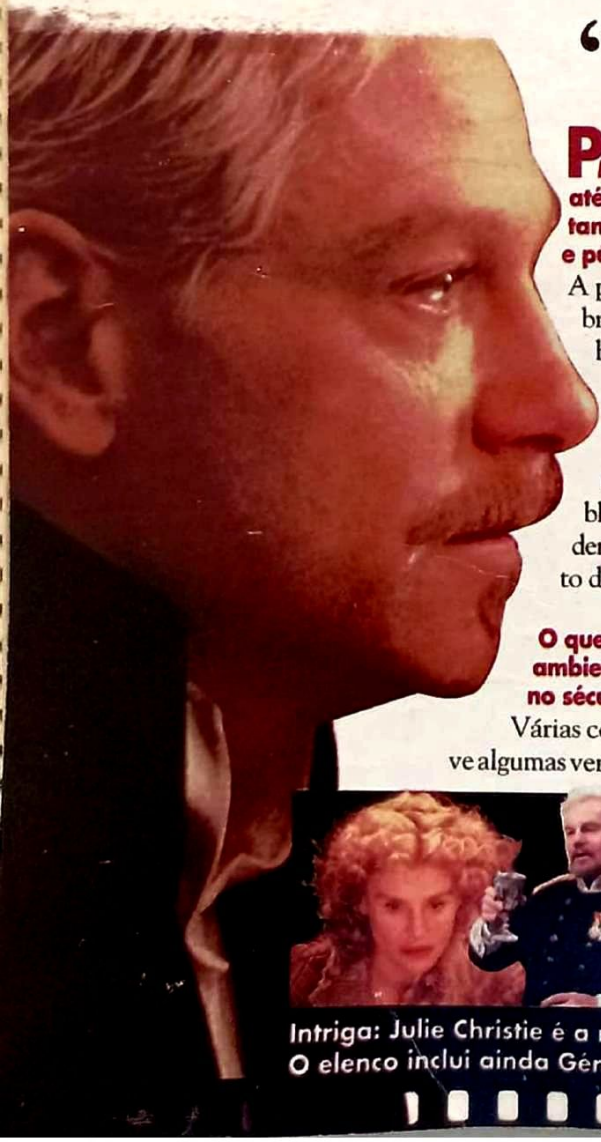
perada à história. Depois Branagh aproveitou para mesclar no elenco atores shakespearianos consagrados (como o próprio Derek Jacobi, que interpreta Claudius, o tio perverso de Hamlet) a algumas escolhas bastante curiosas, como Robin Williams, Billy Crystal, Jack Lemmon, Gérard Depardieu e Charlton Heston. Também novatas em Shakespeare são Julie Christie, no papel da rainha Gertrude, e Kate Winslet (a irmã mais nova de Emma Thompson em *Razão e Sensibilidade*), como Ofélia, a jovem enlouquecida que se apaixona por Hamlet apesar de ele ter matado seu pai. E Kenneth Branagh, por sua vez, está estupendo como um Hamlet menos amargo e bem mais exuberante que seus antecessores.

O resultado de tantas alterações, porém, não é uma colagem, e sim uma versão realmente inovadora de uma peça já tão vista e revista nos últimos cinco séculos. Sem abrir mão da clareza em momento algum – o objetivo confesso é tornar Shakespeare fascinante até para quem nunca tenha ouvido seu nome –, Branagh conseguiu um filme resplandecente, cheio de eletricidade, tensão e deslumbre visual. Até passagens manjadíssimas, como o solilóquio do "ser ou não ser", transformaram-se em cenas que parecem ter acabado de sair da pena do autor.

Resta, é lógico, aquele "detalhezinho" das quatro horas. Com 242 minutos de duração, *Hamlet* é a segunda mais longa produção de um estúdio americano, perdendo por um breve minutinho para o *Cleópatra* de Elizabeth Taylor. Por isso o filme vem sendo exibido em cinemas especiais (a projeção é em 70 milímetros) e com um intervalo aos 158 minutos. Mas, ao contrário do que temiam os produtores, a novidade foi muito bem recebida pelos exibidores e pelo público, tanto que já se descartou a hipótese de lançar uma cópia mais curta. Ela está sendo produzida, mas será mostrada apenas em aviões e na televisão. É no mínimo uma boa dica de que *Hamlet* recompensa as quatro horas de vida que exige do espectador. A seguir, Kenneth Branagh conta como foi sua visita a um dos textos mais perigosos e apaixonados de todos os tempos.

Isabela Boscov

"Se é para criar bom



Por que *Hamlet* até hoje fascina tanto artistas e público?

A peça nos lembra o que é ser humano. E, para surpresa de alguns, ela continua fazendo o público rir e aprender mais a respeito de si mesmo.

O que o levou a ambientar a peça no século 19?

Várias coisas. Já houve algumas versões cinematográficas de *Hamlet* e milhares de montagens da peça, desde a sua criação. E o importante é sempre a história. Mas, num filme, você precisa fortalecer o aspecto visual. E, francamente, muitas das soluções habitualmente usadas para contar *Hamlet* não me pareciam muito evocativas. O período que acabamos elegendo é uma impressão do século 19, mais ou menos como fizemos em *Muito Barulho por Nada*, em que misturávamos estilos de períodos diferentes da história. O resultado é coerente, mas sem pertencer a um ano ou país específicos. E o século 19 é bom para *Hamlet* porque a Europa central era gerida por várias famílias reais enormes e diferentes, que viviam discutindo. Naquela época, as fronteiras da Europa mudavam o tempo todo e havia grandes movimentações militares. Seguindo essa linha de raciocínio, tomamos muito emprestado dos czares russos e da família real austro-húngara. Certa vez, muitos anos atrás, vi um filme chamado *Mayerling*, cheio de espelhos e velas, que era uma ótima evocação de um mundo corrupto. Aquilo me

Intriga: Julie Christie é a rainha que se casa com o cunhado (Derek Jacobi) um mês após ficar viúva. O elenco inclui ainda Gérard Depardieu, Charlton Heston, Jack Lemmon, Billy Crystal e Kate Winslet

Em guarda: o diretor trocou os cinzas medievais pela luz e a cor do século 19

divertimento, tudo é permitido"

inspirou muito na hora de fazer *Hamlet*: é um mundo longínquo o suficiente para aceitarmos que eles falem de um jeito diferente, mas é glamouroso, opulento, um mundo sobre o qual nos dá vontade de fofocar – cheio de espelhos e de palavras ocultas, com álcool demais, comida demais, talvez sexo demais. É, enfim, um mundo intrigante e enervante.

Além dessa alteração temporal, quais seriam as diferenças básicas entre o mundo de Hamlet no filme e o mundo tradicional de Hamlet?

Nós nos afastamos do gótico. Mostramos a mesma história, mas tiramos os personagens daquele lugar sombrio, deprimente, onde todo mundo está predisposto à melancolia. No meu filme, o lugar é tremendamente vibrante.

Há outros filmes novos com visões nada ortodoxas de Shakespeare, como *Ricardo 3º – Um Ensaio*, de Al Pacino, e o *Romeu e Julieta* de Baz Luhrmann. Como você vê essa "repaginação" da obra de Shakespeare?

O essencial, a meu ver, seja no teatro, seja no cinema, é tornar a obra o mais real possível. Isso significa examinar constantemente como se podem fazer as peças e os filmes, talvez espanando um pouco da poeira acumulada. A poeira, no caso, é a forma como os puristas acham que a obra de Shakespeare deve ser apresentada.

Houve quem reclamasse muito da pronúncia americanizada de *Ricardo 3º – Um Ensaio*. O sotaque ofende tanto assim os ouvidos ingleses?

Suspeito de qualquer um que tenha uma atitude dogmática em relação ao texto de Shakespeare. Nenhum de nós estava vivo na época, portanto ninguém pode dizer como se falava o inglês dele. Tudo indica, aliás, que se falava um inglês com um sotaque mais próximo do inglês americano moderno. Era uma pronúncia mais dura e gutural. As peças existem em forma escrita, e cabe ao filme ou à montagem teatral tornar vivo o texto como melhor aprouver ao diretor e aos atores. O desafio é fazer a platéia acreditar no que está sendo dito e mostrado. E, se é para criar bom divertimento, se é uma boa arte, então quase tudo é permissível. *Hamlet* deve ter sido encenado sob tendas de circo, em campos de neve, deve ter havido todo tipo de variação. Na minha opinião, fazer um filme radicalmente diferente do *Hamlet* "tradicional" só ajuda a manter a peça viva.

Seu filme dura quatro horas. Houve pedidos para torná-lo mais curto?

É o que estou acabando de fazer: cortar o filme para duas horas e cinco minutos, não para passar nos cinemas, mas para ser exibido em aviões. Já pensou se quisessem passar *Hamlet* como ele está agora num vôo de Chicago a Los Angeles? Precisariam ficar voando em círculos por uma hora adicional, só para chegar ao final do filme.

José Emilio Rondeau

Fotos: Columbia Tri-Star

OS ESTRANGE preferidos da Acad

Hollywood mais uma vez aproveita as indicações na categoria de melhor filme estrangeiro para praticar sua política de boa vizinhança

Como acontece todos os anos, a Academia se aproveita da categoria de filme estrangeiro para praticar um pouco da lucrativa política de boa vizinhança: três das cinco produções indicadas este ano vêm do Leste Europeu, e as outras duas denotam velhas preferências dos votantes – filmes do "Velho Mundo", luxuosos e/ou sentimentais.

Entre a política e o coração, as apostas favorecem o tcheco *Kolya – Uma Lição de Amor* (que levou o Globo de Ouro) e o francês *Caindo no Ridículo*, que ganhou o César. *Kolya* é a opção politicamente correta e também a única obra de um cineasta já indicado ao Oscar (Jan Sverák, que concorreu em 1991 por *Lições de Infância*). O filme cruza duas tendências recorrentes no cinema dos antigos países comunistas: é uma parábola histórica e apresenta a trama pelos olhos de uma criança – que responde pelos momentos mais fortes do filme. O diretor, a partir de um roteiro de seu pai e protagonista, Zdenek Sverák, mostra a dramática abertura política, em 1989, que deu origem à República Tcheca. Ela serve de cenário para a amizade forçada entre um músico sessentão e um garoto russo.

Louka, o músico, casou-se por conveniência. Quando sua mulher foge, ele se vê obrigado a cuidar do filho dela, que não conhece e com quem mal se comunica. As diferenças que a dupla experimenta traduzem outras barreiras, muito maiores, que dividem uma nação recém-formada. Falando delas, *Kolya* mostra que, por mais que uma pessoa insista em se alienar, as mudanças externas invadem sua casa.

Na mesma linha, a única justificativa para a indicação do esquemático *Prisoner of the Mountains*, do romancista russo Sergei Bodrov, é o fato de ele focalizar a guerra civil na Chechênia. Partindo do conto infantil *Prisoner of Caucasus*, de Tolstoi, é a história de dois soldados russos capturados por um líder checheno para serem trocados por seu filho, prisioneiro dos russos.

O último candidato do Leste Europeu é *A Chef in Love*. Dirigido pelo georgiano Nana Djordjadze, faz um paralelo entre a época retratada (os anos 10 a 30) e as mudanças que a ex-URSS ainda vive. Acompanha as viagens do *chef* francês Pascal Ichac, que numa de suas rotas se apaixona pela princesa Cecilia – que larga a família para segui-lo. Com paladar e olfato rebuscados, Pascal certo dia fareja uma bomba e salva o presidente da morte. Em troca, consegue abrir o ilustre restaurante *The New Eldorado* – que, com a Revolução Russa, vira "Centro de Propaganda para uma Nutrição Comunista Exemplar". A vida de Pascal toma outros rumos – como o filme, que aí assume um tom farsesco.

Deixando de lado as lições de bom-mocismo histórico, a Academia demonstra seu conservadorismo ao indicar o norueguês *The Other Side of Sunday*. Dirigido por Berit Nesheim (de *Em Busca dos Sonhos*, que está saindo em vídeo), ele integra uma tendência nórdica que já rendeu um Oscar ao dinamarquês *Pelle, o Conquistador*: o mundo visto pelos olhos de uma criança precocemente amadurecida. Maria é uma adolescente solitária que, em 1959, amarga privações por ser filha de um padre. Tudo que ela quer é beber Coca-Cola,

O indicado da Rússia, *Prisoner of the Mountains* (*à direita*), e o finalista francês *Caindo no Ridículo* (*abaixo*): a Academia hesita entre fazer política e ceder ao luxo

IROS
emia

Pandora

usar brincos e conhecer garotos. Coisas banais, que para ela são prazeres proibidos e por isso cobiçados.

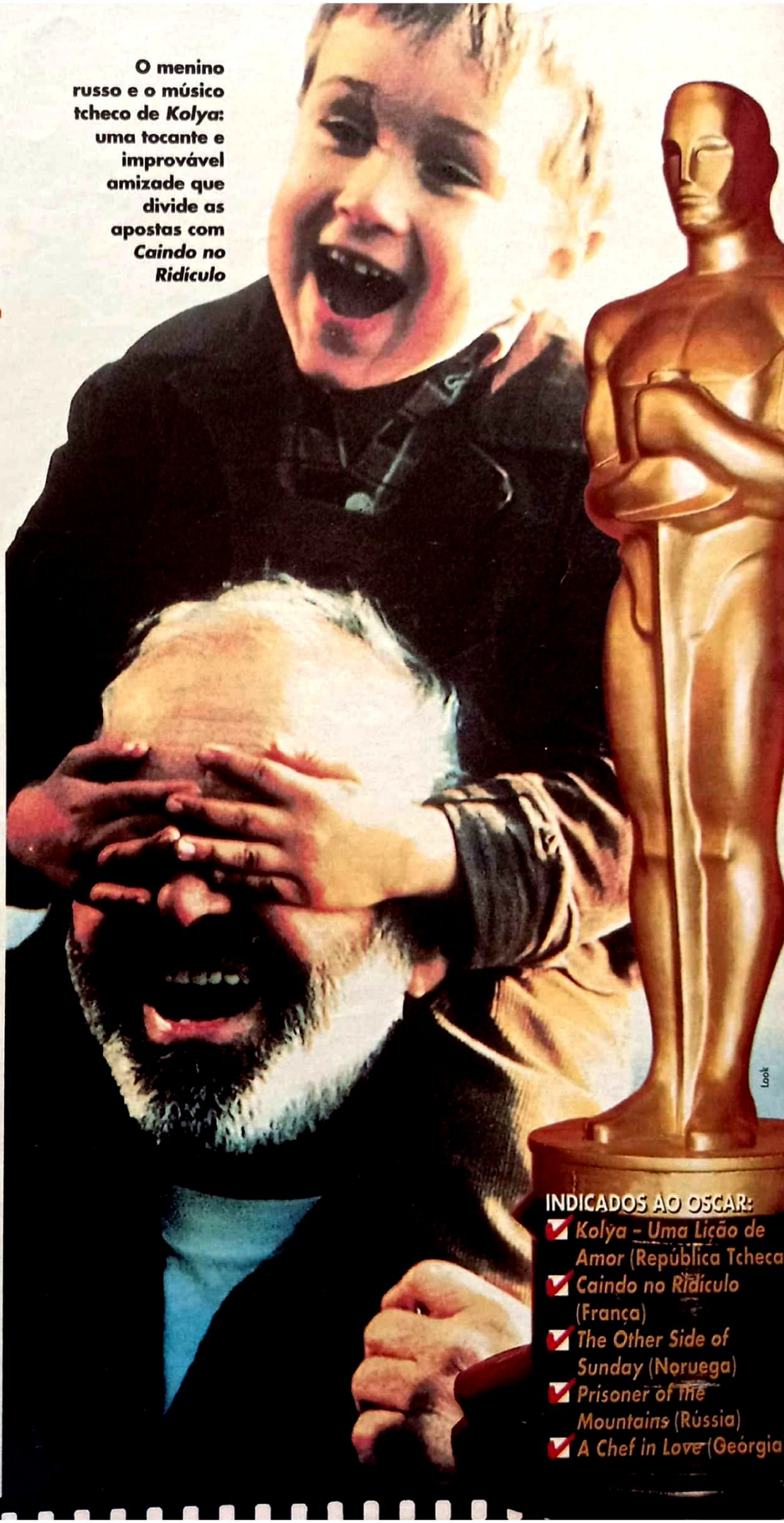
Já *Caindo no Ridículo*, de Patrice Leconte, fecha a lista numa nota sofisticada e atesta a admiração da Academia por épicos franceses suntuosos, na linha do vencedor *Indochina*, de 1992. A obra se apóia no poder da palavra e da sutileza, qualidades típicas do estilo econômico do diretor de *O Marido da Cabeleireira*.

Leconte visita a Versailles de 1780, dissecando os vícios que levariam à Revolução Francesa. Luís 16 concedia favores à corte através de um código subjetivo: as pessoas de fala espirituosa mereciam todo o apoio dos poderosos, desde que não se excedessem e acabassem na categoria das pessoas que caem no ridículo e são rechaçadas – como Gregoire de Malavoy, um modesto engenheiro rural que vai denunciar os problemas de sua região, mas logo se deslumbra e se desnorteia com o outro lado da nobreza.

Se os dois favoritos são dignos de prestígio, os outros três finalistas transitam entre o medíocre e o supérfluo. Resta a esperança – sempre a última a morrer – de que a Academia se dê conta de que há muitos filmes bons perdidos mundo afora e, em 1998, ache cinco candidatos relevantes.

Christian Petermann

O menino russo e o músico tcheco de *Kolya*: uma tocante e improvável amizade que divide as apostas com *Caindo no Ridículo*


Look

INDICADOS AO OSCAR:

- ✔ *Kolya – Uma Lição de Amor* (República Tcheca)
- ✔ *Caindo no Ridículo* (França)
- ✔ *The Other Side of Sunday* (Noruega)
- ✔ *Prisoner of the Mountains* (Rússia)
- ✔ *A Chef in Love* (Geórgia)

Com
Se
um

Durante dez meses do ano, a comunidade de Hollywood torce o nariz para os jornalistas; nos dois meses restantes, quando a imprensa estrangeira se prepara para votar no Globo de Ouro, os críticos se transformam nas pessoas mais queridas da cidade. E haja presente

o (tentar) duzir Crítico

Por José Emilio Rondeau

São oito e meia da manhã quando toca a campainha da porta. O café mal começou a esfriar e já está aqui o primeiro mensageiro do dia, carregando uma pilha de pacotes tão alta que esconde sua cara. Os recém-chegados são imediatamente depositados no alto da já enorme pilha de embrulhos que vai se formando na sala de jantar: envelopes tamanho família, caixas pequenas, caixas médias, caixas grandes, tubos, sacolas. Uma vez no escritório, a postos na minha atulhada escrivaninha, em meio a tentativas vãs de iniciar mais uma jornada de trabalho, da janela vejo chegar o cortejo de outros mensageiros, trazendo um fluxo contínuo, incessante, de mais pacotes.

Qualquer esforço para se concentrar no trabalho é inútil: é fim de ano (mais precisamente, a segunda semana de novembro) e a maior parte do dia será dedicada a atender a porta e cumprimentar um mensageiro após o outro. E acrescentar pacotes e mais pacotes àquela pilha na sala de jantar, que já ameaça ruir.

Para quem está achando que é meu aniversário – e que sou uma das pessoas mais populares de Los Angeles –, é bom esclarecer que essa horda de mensageiros →

Como (tentar) Seduzir um Crítico

tem uma função mais que utilitária: a missão deles é me comprar. Ou melhor, é servir de veículo para uma multidão que está tentando me comprar. E que, dessa forma, espera comprar também os quase seis mil membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Aqueles que votam no Oscar.

Confusos? Eu explico: como um dos 89 integrantes da Hollywood Foreign Press Association (ou Associação da Imprensa Estrangeira em Hollywood), eu voto no Globo de Ouro, como são chamados os prêmios dados aos melhores do ano na televisão e no cinema. Como os Globos de Ouro são entregues uma semana antes do prazo final para que os acadêmicos enviem os votos de suas indicações ao Oscar, o resultado, acredita-se, poderia influenciar aquelas seis mil importantíssimas pessoas. Seguindo esse raciocínio, o meu voto, dado em meados de dezembro, pode repercutir nos acontecimentos do dia 24 de março, quando será realizada a cerimônia do Oscar este ano.

Indo mais longe, pode-se dizer que essa multidão interessada em me seduzir acredita piamente que eu tenho nas mãos pelo menos uma fração do destino dos grandes astros, diretores, produtores e outros profissionais que estarão passando o maior nervoso na platéia do Shrine Auditorium no próximo dia 24, quando serão abertos os envelopes guardados em sigilo absoluto pelos auditores da Price Waterhouse.

Dispostos a chamar o máximo de atenção para seus filmes, produtores independentes, consulados estrangeiros, redes de televisão e estúdios de cinema fazem de tudo para alardear seu produto, enviando, a partir de novembro, não apenas cópias em videocassete dos filmes elegíveis, mas também "brindes promocionais" que vão de bolas de Natal – para badalar a comédia romântica *Um Anjo em Minha Vida*, com Denzel Washington e Whitney Houston – a aparelhos walkman já recheados com a trilha sonora do drama australiano *Shine*.

Para a alegria dos parentes (e da rapeize da SET), minha cara (e melhor) metade, Ana Maria Bahiana, também faz parte da Hollywood Foreign Press Association. Aqui em casa, portanto, são dois a votar no Globo de Ouro. Ou seja, a traquitana chega em dobro:

Tudo o que o nosso correspondente ganhou

• Duas mantas xadrez, com o logotipo de *Um Herói de Brinquedo*, a comédia natalina de Schwarzenegger

• Dois chocolates em forma de telefone celular (tamanho natural!), imitando os usados por George Clooney e Michelle Pfeiffer em *Um Dia Especial*

• Dois coalas de pelúcia para promover *Shine*, que é uma produção *made in* Austrália (a terra dos coalas)

• Duas jaquetas com o logotipo do seriado de televisão *O Quinteto*

• Dois relógios de bolso de *O Segredo* (no filme, Chris O'Donnell faz um advogado que corre contra o tempo para salvar a vida de seu cliente, vivido por Gene Hackman; daí a conexão)

• Um (porque a Paramount não é boba nem nada, e resolveu, sabidamente, tentar obter dois votos de uma só tacada) vaso com um mega-arranjo de flores para chamar a atenção para a comédia *Mother*, com Debbie Reynolds

No Oscar, a coisa é um pouco diferente. A Academia não vê com bons olhos o envio de qualquer coisa além de cópias em videocassete. E ainda recomenda: o melhor é ver o filme no cinema

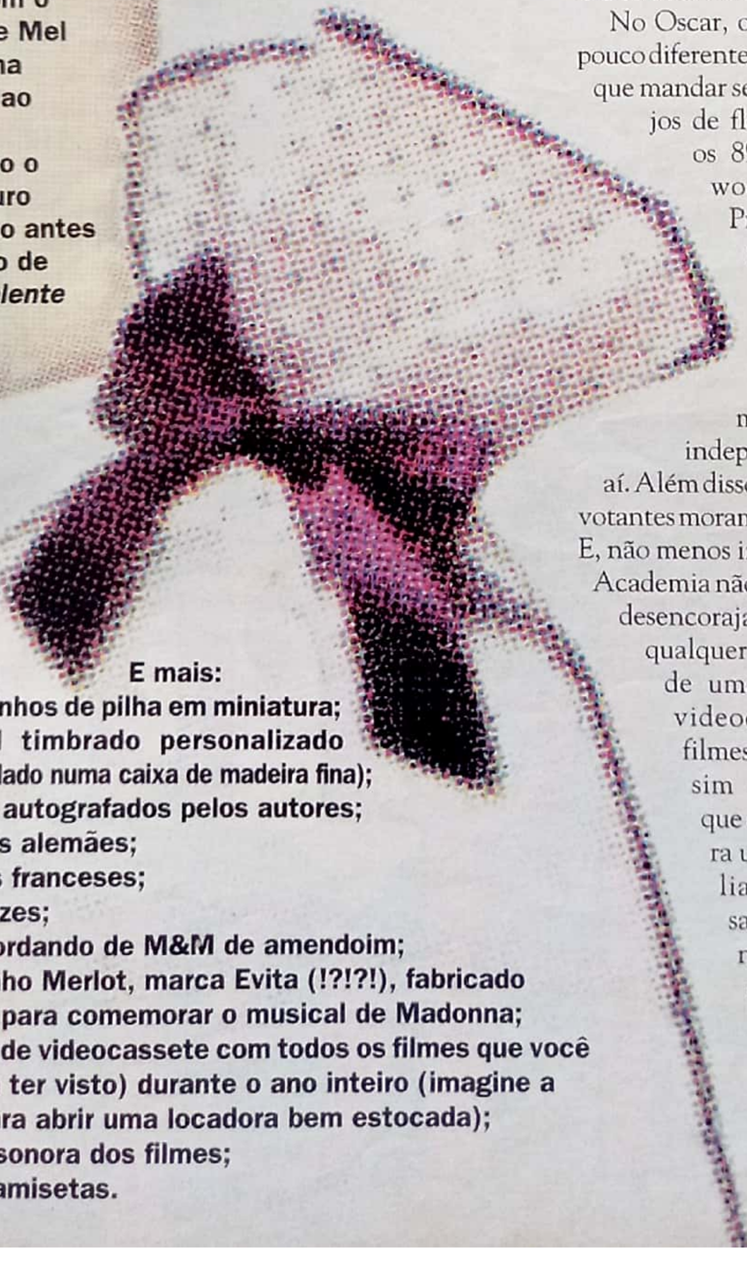
•Dois pôsteres de *O Preço de um Resgate*, com o autógrafo de Mel Gibson e uma dedicatória ao jornalista, agradecendo o Globo de Ouro dado um ano antes pela direção de *Coração Valente*

Funciona investir nisso tudo? Bom, pelo menos aqui em casa não colou. Para se ter uma idéia, de todos os filmes e programas de TV mencionados, rigorosamente nenhum recebeu nosso voto, com a exceção de *Shine*, que já havia nos conquistado em setembro, quando foi exibido no Festival de Veneza. Se tanto, quanto mais chegavam mimos referentes a um determinado produto, mais crescia a antipatia por ele. Ou estão tentando corromper você, ou o estão chamando de burro. Ou as duas coisas.

No Oscar, o lance é um pouco diferente, mesmo porque mandar seis mil arranjos de flores (contra os 89 da Hollywood Foreign Press Association) talvez custe mais caro que todo o orçamento de muito filme independente por aí. Além disso, muitos dos votantes moram no exterior. E, não menos importante, a Academia não proíbe, mas desencoraja, o envio de qualquer coisa além de uma cópia em videocassete dos filmes – ainda assim enfatizando que os filmes, para uma boa avaliação, precisam ser vistos na telona de um cinema.

O lobby, entretanto, rola solto, geralmente na base do jogo de influências; na Grande Los Angeles, as contas de telefone sobem assustadoramente entre dezembro e março. E os presentinhos (uma edição luxuosa de um livro com a realização deste ou daquele filme, uma fita de vídeo embalada numa belíssima caixa de madeira trabalhada que serve muito bem como enfeite de mesa) são fartamente distribuídos. O que a Academia faz é imprimir, numa página inteira de seu livro de regulamentos, um "aviso importante", conclamando os eleitores a "ficar em guarda contra tentativas impróprias de influenciar seu voto... como convites para jantar, presentes promocionais e outras táticas de lobby... e registrar seu desprazer com qualquer pessoa que tente fazê-lo".

E a estratégia dá certo: garanto que, pelo menos nos últimos dez anos, eu não soube de um único caso de grita pública – ou mesmo de fofoca de bastidores – contra alguém que tenha tentado influenciar "de maneira imprópria" os votos de um dos seis mil acadêmicos. Na hora de reclamar de um resultado do Oscar, então, pense ao menos neste consolo: a eleição nem sempre é justa, mas é honesta. Pelo menos até onde se sabe. ■



E mais:

- radinhos de pilha em miniatura;
- papel timbrado personalizado (guardado numa caixa de madeira fina);
- roteiros autografados pelos autores;
- panetones alemães;
- chocolates franceses;
- sacos de nozes;
- jarras transbordando de M&M de amendoim;
- garrafas de vinho Merlot, marca Evita (!?!?!), fabricado especialmente para comemorar o musical de Madonna;
- incontáveis fitas de videocassete com todos os filmes que você já viu (ou deveria ter visto) durante o ano inteiro (imagine a quantidade: dá para abrir uma locadora bem estocada);
- CDs com a trilha sonora dos filmes;
- e catadupas de camisetas.

Março é sempre mês de Oscar e de Katharine Hepburn, a grande atriz que se tornou a recordista de sua classe na Academia, com quatro estatuetas e oito indicações

Por Sérgio Rizzo

Katharine Hepb

Urn a mulher de ouro (e de ferro)

Kate era dura na queda: doze vezes indicada ao Oscar de melhor atriz, doze vezes ela esnobou a Academia e se recusou a comparecer à premiação

O inverno de 1994 para 1995 quase provocou um estrago de imensas dimensões no cinema americano. Uma pneumonia contraída em virtude das baixíssimas temperaturas levou a um hospital de Nova York, onde foi internada com nome falso, a atriz que divide com James Stewart a honraria de ser a maior representante viva da época de ouro de Hollywood. Katharine Hepburn tinha 88 anos, e a gravidade do quadro fez com que seus médicos não acreditassem que pudesse sobreviver. Até parece que não conheciam a cliente que tinham – a estrela de um filme chamado, coincidentemente, *O Leão no Inverno*. É claro que Kate saiu de mais essa e retornou à sua casa em Connecticut, de onde poderá acompanhar, se tiver paciência, a edição 97 do "mês Hepburn". Basta março chegar, e com ele a cerimônia do Oscar, para que a imprensa do mundo todo lembre quem detém, entre os atores, o recorde de estatuetas e indicações na história do prêmio concedido desde 1929 pela Academia de Hollywood.

Não tem para ninguém: entre 1933 e 1981, Kate ganhou quatro Oscar de melhor atriz – por *Manhã de Glória*, *Adivinhe Quem Vem para Jantar*, *O Leão no Inverno* e *Num Lago Dourado* – e recebeu mais oito indicações na mesma categoria. Entre as mulheres, quem chegou mais perto foi Bette Davis, com duas estatuetas num total de onze indicações. Jack Nicholson, indicado dez vezes, levou para casa dois Oscar (um de coadjuvante). E Spencer Tracy, parceiro de Kate em dez filmes, ganhou dois dos nove prêmios que disputou. Os quatro Oscar de Kate foram entregues em casa: ela não compareceu às cerimônias da Academia, apesar dos insistentes convites, durante quatro décadas. Só aceitou participar da festa para entregar o prêmio honorário Irving Thalberg ao produtor Lawrence Weingarten, seu amigo, em 1974. Fez questão de escrever seu discurso e acertou os detalhes de sua apresentação exclusivamente com o então presidente da Academia, Walter Mirisch. Foi, como se pode imaginar, a estrela absoluta da noite.

Em 1995, sessenta críticos convidados pelo diário inglês *The Guardian* elegeram Kate a maior atriz da história do cinema, encabeçando uma lista que prosseguia com Greta Garbo, Bette Davis, Anna Magnani e Ingrid Bergman. Entre os homens, deu Charles Chaplin, seguido por Marlon Brando, Robert De Niro e Humphrey Bogart. Kate foi contemporânea de Chaplin em Hollywood e, durante um certo período, no início dos anos 40, freqüentou as célebres festas dominicais que ele promovia em sua mansão de Summit Drive, ao norte de Beverly Hills. Como se não bastasse a presença da dupla mais tarde consagrada na eleição do *Guardian*, esses encontros reuniam gente como Garbo, David Niven, Errol Flynn e Gary Cooper (para desgraça de Chaplin, foi também numa dessas ocasiões que ele conheceu Joan Barry, que o acusaria de engravidá-la).

A carreira de Kate no cinema atravessou nada menos do que sete décadas, desde a estréia em *Vítimas do Divórcio*, em 1932, até a aposentadoria voluntária, em 1994. Integrante da primeira geração de astros capturada por Hollywood na Broadway após o advento do cinema sonoro, ela trabalhava no teatro desde 1928, quando formou-se em arte dramática pelo Bryn Mawr College, na Pensilvânia. Filha de um cirurgião e de uma militante sufragista, Katharine Houghton Hepburn nasceu em 12 de maio de 1907, em Hartford, Connecticut, e não perdia uma oportunidade de brincar com as particularidades de sua família. "Meu pai era urologista e estudou sexo profissionalmente a vida inteira. Antes de morrer, aos 82 anos, ele me disse que não havia chegado a nenhuma conclusão sobre o assunto", ironizou numa entrevista ao *Daily Express*. "Eu me lembro de, criança, sair com balões da campanha pelo voto feminino. Aprendi cedo o que é ser humilhada por uma boa causa", contou a um repórter do *The Times*.

A personalidade forte, herança dos pais, rendeu-lhe um vexame instrutivo logo em seu primeiro filme. Contratada pela RKO depois de atuar em uma elogiada montagem na Broadway de *The Warrior's Husband*, Kate desembarcou em Hollywood de salto alto. De cara, foi rodar *Vítimas do Divórcio* com John Barrymore, então um astro consagrado. Apesar da experiência, →

ele precisou repetir uma cena várias vezes até acertar o diálogo. Ao final, a jovem e topetuda atriz foi lhe passar um sermão. "Nunca mais vou interpretar outra cena com você", ameaçou. Barrymore, elegante e mordaz, colocou as coisas nos devidos lugares. "Querida, você nunca interpretou."

Foi uma das poucas ocasiões em que Kate, notável por personificar o protótipo da mulher liberada bem antes que as mulheres liberadas existissem, ao menos com essa denominação, precisou retirar seu time de campo. Outro desses raros momentos ocorreu quando o produtor David O. Selznick escolhia o elenco de *...E o Vento Levou*. Ou melhor: quando escolhia a atriz que faria Scarlett O'Hara, a disputa que movimentou Hollywood. A extensa lista de pretendentes incluía Kate, que não se intimidou e foi à luta, mesmo sabendo que não era cotada por seus dotes físicos, e sim porque sabia interpretar. "O papel foi escrito praticamente para mim", argumentou num encontro com o próprio Selznick. O produtor, que mais tarde acabaria escolhendo Vivien Leigh, foi sincero. "Não imagino Rhett Butler correndo atrás de você durante dez anos", explicou. Kate ainda sacou outro argumento: "Bem, talvez a visão de outras pessoas sobre *sex appeal* seja diferente da sua". Não colou.

De fato, a tenacidade com que perseguia seus objetivos sempre foi uma de suas marcas registradas. Em *Sonata de Amor*, de 1947, por exemplo, desafiou os produtores e o diretor Clarence Brown. Kate faria o papel de Clara Schuman e seria dublada, nas cenas em que tocava piano, por Arthur Rubinstein, mas recusou-se a fazer apenas mímica. Garantiu que, após algumas semanas de aulas particulares, conseguiria executar a música sem dublagem. Não o fez em 100% das cenas, mas chegou perto – e o maior elogio veio do próprio Rubinstein. "Se não tivesse visto e ouvido com meus próprios olhos e ouvidos, eu não teria acreditado", afirmou o pianista. "Essa mulher é incrível. Ela de fato toca piano quase tão bem quanto eu. E, quando ela termina e eu começo, o único em todo o mundo que poderia dizer qual é a diferença sou eu."

Kate era, apesar de tornar-se com o tempo uma unanimidade, extremamente severa em relação a seu trabalho. "Com todas as oportunidades que tive, eu poderia ter feito mais. E, se eu tivesse feito mais, poderia ter sido quase extraordinária", afirmou à revista *Time*, em 1981, já de posse de seus quatro Oscar. Não havia aí falsa

Katharine e Spencer Tracy em *A Mulher do Dia*: uma longa parceria dentro e fora das telas

modéstia, a julgar pelo relato de um episódio que fez à revista *Newsweek*. "Certa vez, uma multidão me cercou para pedir um autógrafo. 'Dêem o fora', eu disse. 'Nós fizemos você', eles retrucaram. 'O inferno que vocês me fizeram!', respondi." Nem George Cukor, seu diretor preferido, ousaria dizer que "fez" Kate. E olhe que a afirmação, em seu caso, teria algum fundamento. Cukor dirigiu *Vítimas do Divórcio* e outros três filmes de Kate nos anos 30: *Quatro Irmãs*, *Vivendo em Dúvida* e *Boêmio Encantador*, os dois últimos com Cary Grant. Então, a atriz decidiu voltar à Broadway para estrelar *The Philadelphia Story*, peça escrita especialmente para ela por Philip Barry. Com o sucesso, convidou Cukor a dirigir a versão do texto para o cinema, *Núpcias de Escândalo*, também com Grant.

Kate e Cukor voltaram a trabalhar juntos em *O Fogo Sagrado*, *A Costela de Adão*, *Da Mesma Carne* e *A Mulher Absoluta*, os quatro co-estrelados por Spencer Tracy. Encarnação insuperável da guerra dos sexos no cinema, a dupla atuou em outros seis filmes (como o clássico *A Mulher do Dia*) e estendeu seus laços também para longe das câmeras. O romance, que durou de 1942 até a morte do ator, em 1967, demonstrou como a maledicente Hollywood pode ser discreta quando os envolvidos exibem reputações acima de qualquer suspeita. Tracy manteve até o fim, inclusive por motivos religiosos, seu casamento com Louise Treadwell. Embora sua ligação com Katharine fosse conhecida, a imprensa jamais trouxe o caso a público.

Depois de *Longa Jornada Noite Adentro*, de 1962, Kate ficou cinco anos sem trabalhar para se dedicar a Tracy, que enfrentava uma doença pulmonar. Os dois só retornaram à ativa porque o diretor Stanley Kramer, julgando que atuar poderia ter efeito terapêutico sobre Tracy, convidou-os para fazer *Adivinhe quem Vem para Jantar*. O ator, incapaz de trabalhar mais do que poucas horas por dia, não achava que fosse chegar ao final das filmagens. Chegou, e morreu doze dias depois da última tomada. Indicado postumamente ao Oscar, perdeu para Rod Steiger (por *No Calor da Noite*). Kate ganhou o prêmio de melhor atriz e soube do resultado, por telefone, enquanto filmava na Europa. "Bem, tenho certeza de que o meu Oscar é para nós dois", concluiu.

A visão da atriz sobre casamento, talvez em função do episódio, era corrosiva. "É impraticável: amar, honrar e obedecer. Se não fosse, você não teria de assinar um contrato", afirmou, depois da morte de Tracy. Não teve filhos e tinha uma explicação pronta para isso. "Só quando uma mulher decide não ter crianças é que ela pode viver como um homem. Foi o que eu fiz." Mas não era, nem de longe, puritana. "Muitos de meus colegas fazem cenas de sexo por dinheiro", comentou. "É engraçado quando eles começam a rolar na cama. Para mim, o sexo que representam é patético. Não se parece com nada que eu tenha feito."

Em 17 de dezembro de 1994, Katharine Hepburn anunciou que *One Christmas*, produção para a televisão que tinha acabado de rodar, era seu último filme. "Já não trabalhei o bastante?", indagou, como quem se desculpasse pelos 66 anos de carreira, mais de quarenta filmes e quatro Oscar. Fica a sensação de que, se a saúde permitisse, a própria Kate teria concluído que não, ainda não era o bastante. ■

"Amar, honrar e obedecer: o casamento é impraticável. Se não fosse, você não teria de assinar um contrato", argumentava a ferina namorada de Spencer Tracy

Oito Grandes Momentos de Katharine

Para variar, os lançamentos disponíveis em vídeo não fazem jus à extensa e brilhante carreira de Katharine Hepburn – mas esta seleção já é um bom começo

1 QUATRO IRMÃS (*Little Women*, 1933, de George Cukor)

2 UMA AVENTURA NA ÁFRICA (*The African Queen*, 1951, de John Huston)

3 DE REPENTE, NO ÚLTIMO VERÃO (*Suddenly, Last Summer*, 1959, de Joseph L. Mankiewicz)

4 LONGA JORNADA NOITE ADENTRO (*Long Day's Journey Into Night*, 1962, Sidney Lumet)

5 ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTAR (*Guess Who's Coming to Dinner*, 1967, de Stanley Kramer)

6 O LEÃO NO INVERNO (*The Lion in Winter*, 1968, de Anthony Harvey)

7 NUM LAGO DOURADO (*On Golden Pond*, 1981, de Mark Rydell)

8 LOVE AFFAIR – SEGREDOS DO CORAÇÃO (*Love Affair*, 1994, de Glenn Gordon Caron)

Continental

Uma Aventura na África

O Leão no Inverno

Eles sabem encarnar um tipo tão

Atores de

O ANSIOSO

STEVE BUSCEMI

Os olhos esbugalhados, o corpo que é só pele e osso e a mania de falar mais que a boca fazem dele a materialização da ansiedade. O suor abundante e o jeito inquieto levam a crer que ele está sempre escondendo algo.

a melhor atuação: o sr. Pink de *Cães de Aluguel*, sempre reclamando e sempre metendo os pés pelas mãos

a pior atuação: em *Até as Vaqueiras Ficam Tristes*, em que ninguém se salva

a exceção: o amigo do herói em *A Balada do Pistoleiro*, em que ele protagoniza a clímática cena inicial

Warner

O INTELECTUAL ENTEDIADO

JOHN MALKOVICH

Um olhar distante e o jeito de quem não está nem aí para o que acontece ao seu redor são as marcas registradas de Malkovich. Em seu interior, porém, fervilha um universo de idéias eruditas e complexas, que o tornam um rigoroso observador da natureza humana.

a melhor atuação: como Valmont, o nobre frio e calculista de *Ligações Perigosas*

a pior atuação: o aventureiro enfermo e aborrecido de *O Céu que Nos Protege*

a exceção: o caipira retardado de *Ratos e Homens*

A JUNKIE

JENNIFER JASON LEIGH

Keiro

Esta talentosa atriz tem uma predileção até exagerada por personagens marginais. Jennifer interpreta com total entrega as viciadas em drogas, as prostitutas desajustadas e as pecadoras. Sua dicção mastigada e expressão sombria ajudam na caracterização.

a melhor atuação: a prostituta Tralala de *Noites Violentas no Brooklyn*, que se rende deliberadamente a uma curra

a pior atuação: a viciada e aspirante a cantora de *Georgia*

a exceção: a jornalista esperta e hiperativa de *Na Roda da Fortuna*

O PERDEDOR

BILL PULLMAN

André Penazzo

Está certo que em *Independence Day* ele foi presidente e herói, mas até então Bill era aquele cara simpático e bonachão que sempre levava a pior e acabava sem a garota em questão.

a melhor atuação: sua presença suave, tímida e compreensiva em *Sintonia de Amor*

a pior atuação: *Liebestraum* é tão ruim que estraga até seu personagem – que, claro, é um fracassado

a exceção: seu heroísmo singelo em *ID4*

O VULCÃO

ELLEN BARKIN

Playboy

Ela não é particularmente bonita, mas possui um *sex appeal* como poucas atrizes da atualidade. Mesmo quando não tem sequer uma cena quente no filme, Ellen Barkin exala uma sensualidade contagiante. Pior para o ator Gabriel Byrne, agora ex-marido da loira.

a melhor atuação: como a misteriosa suspeita de um assassinato em *Vítimas de uma Paixão*

a pior atuação: as ridículas caras e bocas que é obrigada a fazer em *Switch – Trocaram Meu Sexo*

a exceção: a durona repórter esportiva de *Estranha Obsessão*

O DURÃO

HARVEY KEITEL

Eis um homem de fibra, nervos de aço e músculos (alguns deles, bem íntimos, exibidos com freqüência e sem constrangimento). Keitel é o durão por excelência: machão, policial calejado, assassino profissional ou coisa que o valha, ele pode ser silencioso ou explosivo, mas acaba sempre roubando as cenas.

a melhor atuação: o ladrão de *Cães de Aluguel*, com valores morais e de respeitabilidade muito bem definidos

a pior atuação: os exageros de *Vício Frenético* e *Olhos de Serpente*

a exceção: o papel romântico, rude e vulnerável em *O Piano*

bem, mas tão bem, que viraram

um só papel

Reina

O PENTELHO

JOE PESCI

Não importa o papel, não importa o filme: Joe é um perfeito mala-sem-alça. Faça ele gângsters ou bandidos pés-de-chinelo, o público só quer uma coisa deste baixinho invocado – que ele suma da tela!

a melhor atuação: o divertido ladrão dos dois *Esqueceram de Mim*

a pior atuação: o panaca de *Jimmy Hollywood*

a exceção: mesmo sendo difícil simpatizar com o fotógrafo caça-defuntos de *A Testemunha Ocular*, ele é o herói da trama

O ESQUISITO

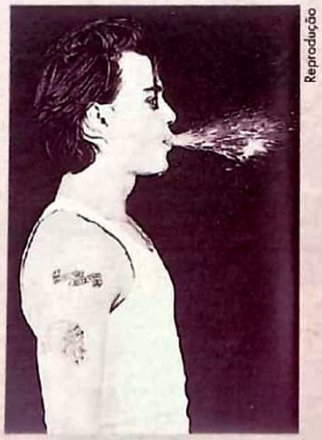
JOHNNY DEPP

Quem diria que o rostinho da série *Anjos da Lei* viria a ser o ator mais apto a assumir tipos excêntricos, esquizofrênicos e solitários? Carismático, ele empresta credibilidade a qualquer papel do outro mundo.

a melhor atuação: Depp brilhou em *Edward Mãos de Tesoura* e *Ed Wood*.

a pior atuação: o viajante de *Dead Man*, que mais parece um zumbi

a exceção: o viúvo que precisa salvar a vida da filha em *Tempo Esgotado*


Reprodução

Reina

A BAGACEIRA

DREW BARRYMORE

Se houvesse um concurso para escolher a atriz mais *hardcore* do cinema, Drew seria *hors concours*. A garota de *E.T.* passou a infância afundada em drogas e álcool. Quando superou essa fase e se tornou o mulherão que é hoje, não deu outra: só lhe oferecem papéis de vagabas.

a melhor atuação: em *Amy Fisher – A Ninfeta Assassina*, baseado num caso verídico

a pior atuação: no terror *Enigma Mortal*

a exceção: ela está do lado dos bandidos em *Batman Eternamente*, mas Sugar, a parceira do Duas-Caras, é doce e charmosa

A MAL-HUMORADA

SHIRLEY MacLAINE

É impressionante como, mesmo tendo um sorriso sempre pronto no rosto, Shirley não consegue esconder a carranca. É por isso que personagens ranzinzas e difíceis lhe caem tão bem. São coisas que nem a regressão a vidas passadas pode explicar...

a melhor atuação: a mãe birrenta de *Laços de Ternura*

a pior atuação: a viúva chata de *Guarda-Costas* e *Primeira-Dama*

a exceção: a glamourosa mãe de *Lembranças de Hollywood*

Columbia TriStar

O GORDO SIMPÁTICO

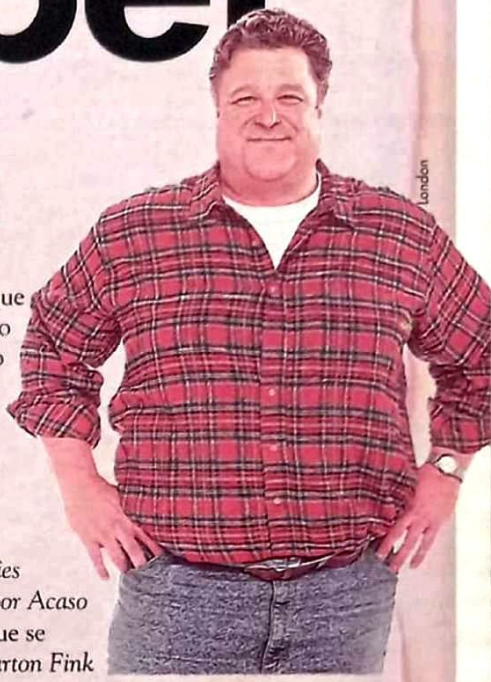
JOHN GOODMAN

Sabe aquele vizinho legal que sempre faz um churrasco no final de semana? Ou o sujeito que tem uma piada na ponta da língua para qualquer ocasião? Esse é John: o amigo que compartilha as alegrias e consola na tristeza.

a melhor atuação: o caipira carente de *True Stories*

a pior atuação: em *Rei por Acaso*

a exceção: o bonachão que se revela louco de pedra em *Barton Fink*


London

Reina

O PASPALHO

LESLIE NIELSEN

Depois de 25 anos de carreira, o ex-galã Leslie descobriu de vez, no começo da década passada, sua veia cômica. Seu forte são as comédias-pastelão, em que coloca expressões faciais engraçadíssimas a serviço de citações cinematográficas e piadas visuais.

a melhor atuação: sua personificação do tenente Frank Drebin na série *Corra que a Polícia Vem Aí*

as piores atuações: Leslie usou seu "piloto automático" nas cansadas paródias *Duro de Espiar* e *Drácula: Morto Mas Feliz*

a exceção: o herói de *Planeta Proibido*, ficção rodada em 1956

O SÁDICO

CHRISTOPHER WALKEN

Apesar da fala suave e da expressão quase sonhadora, ele gosta de personagens desequilibrados. E desde o final dos anos 80 ele tem se especializado em vilões cruéis, que não ligam para a extrema violência de seus atos e fazem do sadismo uma forma de arte.

a melhor atuação: o mafioso de *Amor à Queima-Roupa*, que dá um troco terrível às provocações de Dennis Hopper

a pior atuação: numa cadeira de rodas, repetindo cacoetes, ele é o mal em *Coisas para Fazer em Denver Quando Você Está Morto*

a exceção: seu papel terno (e convincente) em *Sarah*, ao lado de Glenn Close

Fotos: UIP

O INFERNO

A aventura estrelada por Pierce Brosnan e Linda Hamilton ganha a corrida entre os "filmes de vulcão" deste ano

Um mar de lava: um vulcão ameaça destruir a cidade de Dante's Peak, que só pode contar com a ajuda do cientista vivido por Pierce Brosnan (*acima, filmando e, abaixo, com Linda Hamilton*)

SET RECOMENDA

O DE DANTE

O que acontece quando dois estúdios rivais resolvem fazer filmes sobre um mesmo tema? Quem segue em frente? Quem sobra? Essas bolas divididas não são novidade. O que varia é o placar do confronto: em *Epidemia* versus *The Hot Zone*, o último morreu no início da produção; em *Tombstone* versus *Wyatt Earp*, o primeiro jogou o épico de Kevin Costner na lona.

Pois acaba de acontecer de novo. Por uma dessas estranhas coincidências de Hollywood, dois filmes protagonizados por um mesmo fenômeno – o vulcão – começaram a ser desenvolvidos quase ao mesmo tempo. De um lado do ringue, lutando pela Universal, estava *O Inferno de Dante*, a história de um cientista, Harry Dalton (o 007 Pierce Brosnan), que vai investigar se um vulcão dormente estaria ou não ameaçando uma paradisíaca cidadezinha americana – e é lógico que está. No outro canto, vestindo o uniforme da Fox, havia *Volcano*, sobre a súbita erupção de um vulcão em plena Los Angeles. Foi dada a partida, então, a uma nervosa corrida contra o relógio, com todos queimando orçamentos altíssimos – 100 milhões no caso de *Volcano* e 130 milhões para *O Inferno de Dante*.

Pois ganhou este último. "Às vezes dava para perceber uma energia quase palpável", relembra Pierce Brosnan, que vive o encarregado de salvar a cidade de Dante's Peak (o título original do filme) da destruição total. "Mas fico feliz de termos vencido essa corrida: os outros caras piscaram e a Universal tomou a dianteira." Segundo Linda Hamilton – que faz a prefeita de Dante's Peak e "interesse romântico" do vulcanologista –, descascar esse abacaxi foi uma tarefa que recaiu sobre a equipe do rival *Volcano*, obrigada a cortar cenas e acelerar a produção. "Não tivemos de fazer sacrifícios", atesta Linda. "Só quem sofreu um colapso nervoso foi o pessoal de efeitos digitais. Agora mesmo eles devem estar num hospício, pois o tempo dado a eles para terminar o filme foi mínimo."

Ao bater seu concorrente em cerca de três meses nos cinemas, *O Inferno de Dante* se transformou numa saborosa vitória para a produtora Gale Anne Hurd, a mesma que, anos atrás, viu a Fox jogar a pá de cal em seu *The Hot Zone*. Mas *Volcano* não perdeu a corrida por falta de méritos artísticos ou por incapacidade da produção – eles não "piscaram", como quer acreditar Pierce Brosnan. Na verdade, a Fox pôs *Volcano* meio de lado para se dedicar à reedição da trilogia *Guerra nas Estrelas* e ao contrato de dois bilhões de dólares com a Pepsi-Cola. Com o primeiro filme da saga de Lucas quebrando recordes de bilheteria em seu fim-de-semana de reestréia, dificilmente a Fox estará arrependida. Mas é certo que, ao chegar bem na frente, *O Inferno de Dante* ganha brilho adicional.

O grande trunfo do filme é menos a representação dos atores (mediana e mecânica) ou a história (altamente previsível), e mais (muito mais) a qualidade dos efeitos especiais criados pela Digital Domain de James Cameron. Não tanto a explosão do vulcão; embora bem realizada, a cena tem um sabor de anticlímax, já que se segue à destruição em massa provocada por uma série de terremotos – essa sim uma seqüência eletrizante. O melhor das cenas de ação é a demolição metódica e inexorável da cidadezinha de Dante's Peak, é a enxurrada varrendo tudo pela frente, são os elevados desabando como peças de dominó depois de um peteleco mais forte. Tudo feito de maneira a criar uma ilusão tão precisa que apenas em alguns momentos – e eles são visíveis – pode-se dar um flagra nas mãos do mágico.

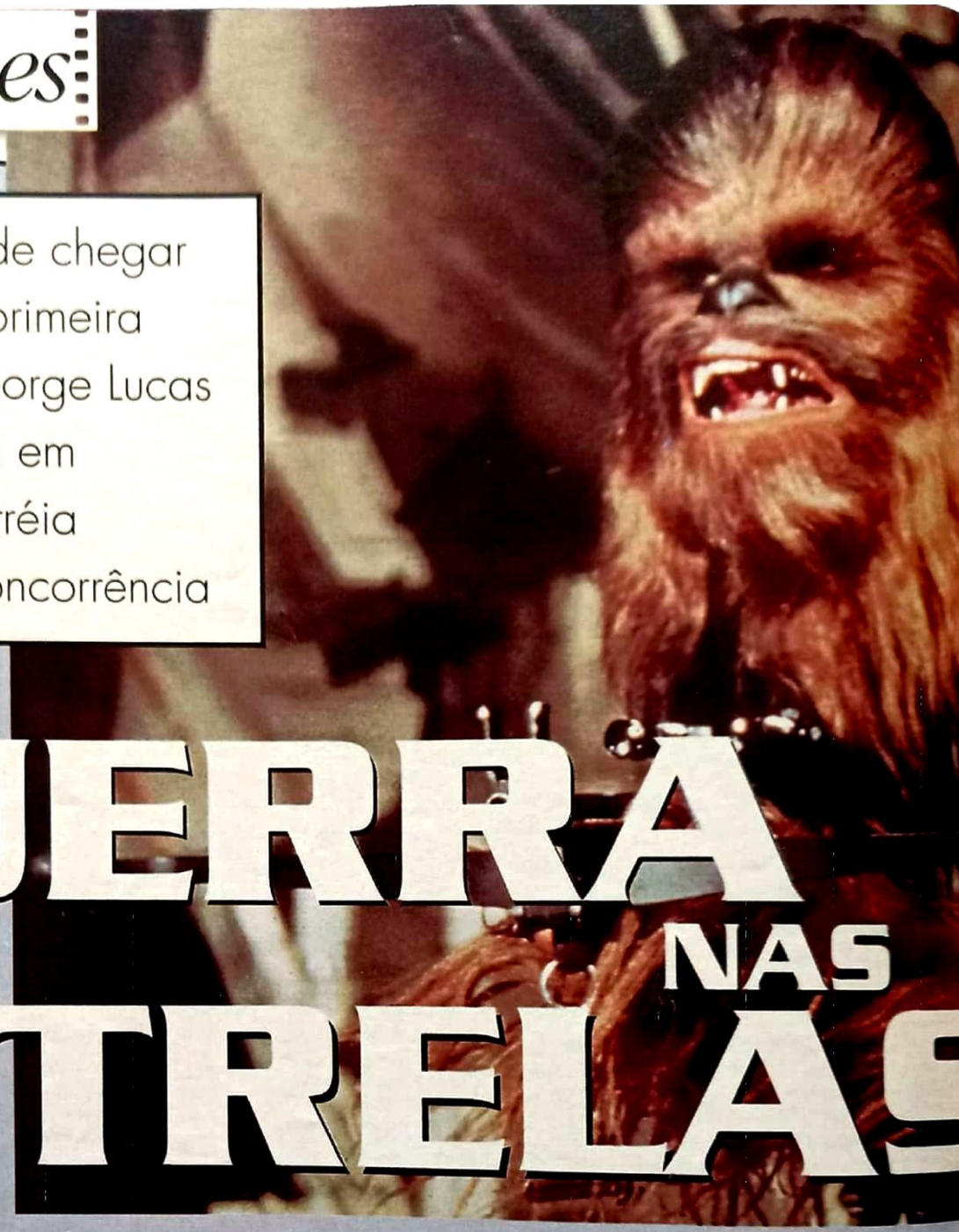
Os efeitos especiais de *O Inferno de Dante* resultam da combinação da filmagem de miniaturas e maquetes com desenhos digitais feitos em computador. Assim, o vulcão propriamente dito é uma maquete enorme, montada num hangar em Los Angeles e trazida para a luz do dia só na hora de filmar. Mas a lava e a fumaça que saem dele são criações digitais. "Nós mesmos nunca vimos o vulcão", entrega Linda Hamilton.

José Emilio Rondeau

(Dante's Peak, EUA, 1997) Direção: Roger Donaldson. Com Pierce Brosnan, Linda Hamilton, Charles Hallahan.

SET RECOMENDA

Vinte anos depois de chegar aos cinemas pela primeira vez, a saga de George Lucas prova que continua em plena forma e reestréia estraçalhando a concorrência



GUERRA NAS ESTRELAS

George Lucas deve ter uma bola de cristal no seu rancho Skywalker: em apenas três dias de volta aos cinemas americanos, *Guerra nas Estrelas* faturou 40 milhões (o mesmo que *O Preço de um Resgate* ou *Twister*), superando os filmes mais recentes de Tom Cruise ou John Travolta. Lucas sabia o que estava fazendo em 1977, e também sabia que passos dar quando orquestrou o relançamento da trilogia, cujo primeira parte chega ao Brasil no dia 21 deste mês.

Os resultados impressionam: filas imensas se formaram em frente aos cinemas que exibiam o filme – que, apesar dos novos efeitos especiais e cenas inéditas, é exatamente o mesmo *Guerra nas Estrelas* que o mundo conhece há vinte anos. A molecada, que nem havia nascido em 1977, se vestia como seus heróis de celulóide, ansiosa para vê-los pela primeira vez na tela grande.

E nem parece que já passou tanto tempo. *Guerra nas Estrelas* ainda tem cara de lançamento de verão, novinho em folha, apesar de sua estrutura de tragédia grega, do cabelo em forma de rosquinhas de Carrie Fisher e dos detalhes "modernos" dos anos 70: as mocinhas já não eram tão indefesas e os mocinhos, não tão infalíveis.

Para quem não lembra (ou não morou na Terra nos últimos vinte anos), *Guerra nas Estrelas* mostra a história do jovem Luke Skywalker, que por um acaso se vê arremessado no meio do conflito entre o poderoso Império Galático e a Aliança Rebelde – sem saber que o destino de muitos mundos repousa em suas mãos. Luke se envolve com diversos outros personagens que viraram lendas da ficção, como o guerreiro Jedi Obi-Wan Kenobi e o vilão Darth Vader, um Jedi que ficou do "lado negro da Força". É, enfim, um belo conto medieval – mas passado numa "galáxia muito distante", como avisa a imitadíssima abertura.

O relançamento de *Guerra nas Estrelas* (seguido de *O Império Contra-Ataca* e *O Retorno de Jedi*, respectivamente em 11 e 25 de abril) deixa evidente o perfeccionismo de George Lucas, que não ficou totalmente satisfeito com a obra na época de seu lançamento. Mas, com os recentes avanços tecnológicos (muitos proporcionados por ele mesmo), o cineas-

Uma dupla imbatível: Chewbacca e seu companheiro Han Solo (Harrison Ford) enfrentam as forças do mal no filme que agora volta ao cartaz

ta não perdeu a chance de terminar seu filme do modo como havia imaginado.

É assim que, agora, Han Solo (Harrison Ford) contracena com o repugnante vilão Jabba (em versão digital, como os dinossauros de *Jurassic Park*), numa cena cortada do *Guerra nas Estrelas* de 1977 por falta de técnicas de animação satisfatórias. A cidade de Mos Eisley, onde Luke Skywalker (Mark Hammill) e Obi-Wan Kenobi (Alec Guinness) vão em busca de um piloto que os leve até a princesa Leia (Carrie Fisher), aparece como um imenso espaçoporto concebido no roteiro original, com novos prédios, novos animais e uma espaço aéreo entupido de espaçonaves – tudo digital. Também a frota rebelde que desfere o ataque final contra a Estrela da Morte foi multiplicada e se movimenta com mais agilidade.

Além disso, com *Guerra nas Estrelas* novamente em moda – se é que um dia deixou de estar – muitos episódios curiosos foram trazidos à tona. Fazer o filme foi uma experiência estressante (alguns diriam traumatizante) não apenas para um George Lucas ainda sem o poder que hoje possui em Hollywood, mas também para sua equipe. Alec Guinness, por exemplo, quase pediu as contas ao descobrir no meio das filmagens que seu personagem, o mestre Jedi Obi-Wan Kenobi, "morria" antes do final. Harrison Ford teria se enfezado durante seus testes para o papel de Han Solo quando lhe disseram que Lucas não estaria disposto a contratar atores já usados em seu filme anterior, *Loucuras de Verão* (diz a lenda que a explosão de Ford nessa hora foi seu passaporte para *Guerra nas Estrelas*). E James Earl Jones – a voz, mas não o corpo, do misterioso Darth Vader – exigiu que retirassem seu nome dos créditos.

O relançamento da trilogia também ajuda a aquecer as turbinas para a nova saga estelar que George Lucas começa a rodar ainda no primeiro semestre deste ano – e lança a partir de 1999. Será seu primeiro trabalho como diretor desde *Guerra nas Estrelas*. "Estou precisando me reeducar, colocar as mãos em toda essa nova tecnologia não apenas nos bastidores", justificou. Os outros dois filmes da nova trilogia seriam apenas roteirizados e produzidos por Lucas. Também circula pelos bastidores que a 20th Century Fox não irá mais distribuir os novos filmes, passando o bastão ao Dreamworks SKG, o estúdio de Steven Spielberg. Em troca, o próprio Spielberg orquestraria uma das partes da saga.

Mas o roteiro da nova trilogia ainda é um mistério. Lucas diz que mostrará a juventude de Darth Vader e Obi-Wan, mas pára por aí. Segundo ele, quando o trabalho estiver concluído (talvez em 2005), tudo estará conforme sua concepção original: "Um grande filme com doze horas de duração".

(Star Wars – Special Edition, EUA, 1977/1997) **Direção:** *George Lucas.* **Com** *Mark Hamill, Harrison Ford, Carrie Fisher, Alec Guinness, Peter Cushing, David Prowse. 128 min.*

Nem Jamie Lee Curtis consegue salvar do tédio *Uma Família Quase Perfeita*

Uma Família...: crianças espertas

UMA FAMÍLIA QUASE PERFEITA

O novo candidato a "garoto-sensação" é Kyle Howard. Em *Uma Família Quase Perfeita*, o novo astro mirim faz Grover, um moleque que, temendo a separação dos pais, simplesmente tranca os dois no porão até que eles resolvam suas diferenças. Mas os problemas começam quando seus amiguinhos resolvem fazer o mesmo, transformando o porão de Grover numa verdadeira prisão domiciliar.

O ponto fraco de *Uma Família Quase Perfeita* é justamente esticar uma única piada até que todas as boas idéias (e a graça) se esgotem.

(House Arrest, EUA, 1996) **Direção:** *Harry Winer.* **Com** *Jamie Lee Curtis, Kevin Pollak, Jennifer Tilly, Christopher McDonald, Kyle Howard, Amy Sakasitz. 108 min.*

CILADAS DA SORTE

Kevin Spacey estréia sem brilho atrás das câmeras

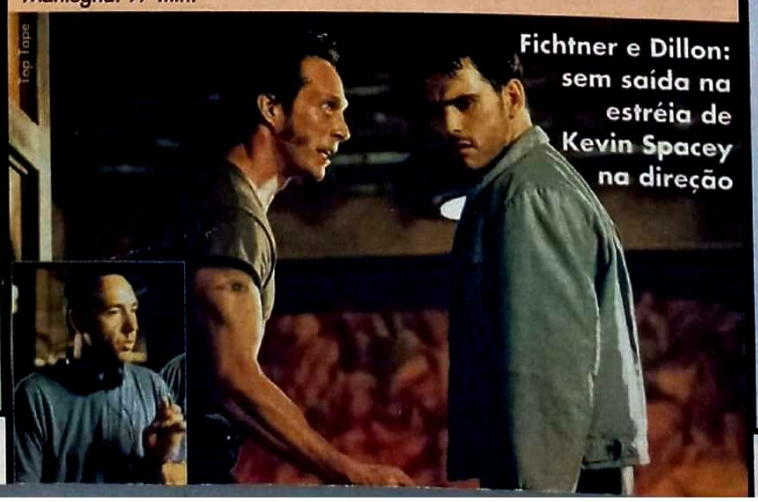
Para sua estréia atrás das câmeras, o ator Kevin Spacey – oscarizado por *Os Suspeitos* – escolheu um roteiro cheio de violência (escrito pelo novato Christian Forte) e se cercou de um elenco de peso, com gente do quilate de Gary Sinise e Faye Dunaway. O resultado é *Ciladas da Sorte*, que segue a cartilha dos thrillers policiais – mas com resultados discutíveis.

O filme mostra um confuso trio de assaltantes (interpretados por Matt Dillon, Gary Sinise e William Fichtner) que, após uma tentativa de assalto frustrada, são confundidos com contrabandistas de armas e acabam vítimas de um cerco federal. O primeiro lugar que encontram para se esconder é o boteco Dino's Last Chance – um refugo da lei seca que, para infelicidade do trio, possui apenas uma porta de entrada e saída.

Em desespero – agravado pela perseguição implacável da polícia de Nova Orleans e do obcecado agente federal G.D. Browning (Joe Mantegna) –, eles tomam os ocupantes do bar como reféns, sem saber que um deles não é exatamente o que parece ser.

O grande problema do recém-nascido diretor Kevin Spacey é que ele se encanta de tal forma com seus personagens que se esquece de desenvolvê-los: no lugar de suas motivações, o público tem de ficar às voltas com intermináveis closes e discursos. Um deles, aliás, explica bem direitinho o "crocodilo albino" do título original – o membro mais fraco do grupo, sacrificado para que os outros possam sobreviver.

(Albino Alligator, EUA, 1996) **Direção:** *Kevin Spacey.* **Com** *Matt Dillon, Faye Dunaway, Gary Sinise, William Fichtner, Viggo Mortensen, Skeet Ulrich, Joe Mantegna. 97 min.*



Fichtner e Dillon: sem saída na estréia de Kevin Spacey na direção

Ray e Lauren: perigo no ar

TURBULÊNCIA

Nem bem o ano começou e os filmes-catástrofe já estão invadindo os cinemas. *Turbulência* abre o "pacote", oferecendo tensão e muitas explosões a bordo de um 747 tomado por um psicopata. Além disso, o filme serve de veículo para Lauren Holly – agora a sra. Jim Carrey. Ela é a aeromoça Teri Halloran, que espera um vôo tranqüilo de Nova York até Los Angeles, na véspera do Natal. Com pouquíssimos passageiros – e um avião todo enfeitado com motivos natalinos –, a tripulação estremece quando dois delegados federais sobem a bordo transportando dois criminosos perigosos: Stubbs e o psicopata Ryan Weaver (Ray Liotta), que esconde sua natureza perigosa atrás de uma fachada de gentileza.

Durante o vôo, uma tentativa de fuga acaba na morte de Stubbs, dos delegados e dos pilotos, o que deixa a aeromoça com a responsabilidade de levar passageiros e tripulação em segurança até o chão – ao mesmo tempo em que inicia um jogo de gato-e-rato com o vilão.

(Turbulence, EUA, 1997) **Direção:** *Robert Butler.* **Com** *Lauren Holly, Ray Liotta, Brendan Gleeson, Hector Elizondo, Ben Cross, Rachel Ticotin. 100 min.*

Caindo no Ridículo: opulência e futilidade

SET RECOMENDA

CAINDO NO RIDÍCULO

Diretor francês cria uma nova visão para uma velha idéia

O diretor Patrice Leconte pode até ter criado mais uma comédia de época passada na corte do rei Luís 16, mas seu filme lembra mais uma nada sutil visão da Hollywood atual, com um bocado para se ler nas entrelinhas. Afinal, o filme enfoca uma sociedade que venera o poder, a manipulação e – principalmente – as aparências, na qual o maior temor de um novato é justamente ser ridicularizado.

Caindo no Ridículo conta a história de Gregoire Ponceludon de Malavoy, um proprietário de terras que, quando vê os camponeses adoecendo por causa de um pântano localizado em seus domínios, vai à corte do rei pedir ajuda – dinheiro, é claro – para drenar as águas fétidas. Uma vez entre a realeza, ele se encanta com a opulência e a futilidade, e cai nas graças da nobreza.

Após algum tempo de bajulação, o peso da responsabilidade se mostra mais forte, e ele passa a questionar os reais valores do mundo que encontra em meio aos nobres franceses, e volta a se concentrar em seu principal objetivo: salvar suas terras e as pessoas que vivem nelas.

Mesmo com uma história clássica e que já foi levada às telas centenas de vezes, Patrice Leconte cercou-se de um elenco de primeira e conseguiu um resultado acima da média – que colecionou elogios ardorosos e acabou sendo selecionado pela França como seu candidato ao Oscar.

(Ridicule, França, 1996) **Direção**: *Parice Leconte.* **Com** *Charles Berling, Jean Rochefort, Fanny Ardant, Judith Godreche, Bernard Giraudeau. 102 min.*

Vaidade, futilidade, riqueza: *Caindo no Ridículo* é uma comédia de época, mas poderia se passar em Hollywood

SET RECOMENDA

DE BEM COM A VIDA

O ano passado foi muito bom para as mulheres em Hollywood. Entre as atrizes que mais brilharam está a veterana Gena Rowlands. Em *De Bem com a Vida*, ela é dirigida por seu filho, Nick Cassavetes. Gena recebeu elogios rasgados e foi a principal responsável pela ótima acolhida do filme pelos críticos americanos.

Gena interpreta Mildred, uma viúva que vive com sua filha adolescente. Quando ela sai de casa, Mildred se vê sozinha no mundo, e trata de reinventar sua vida. Para isso, ela faz amizade com sua vizinha, a problemática Monica (Marisa Tomei) e com o motorista de caminhão interpretado por Gérard Depardieu. Além disso, Mildred cria um forte laço afetivo com J.J., o filho de seis anos de Monica.

Nick Cassavetes se mostra benevolente com a personagem interpretada por sua mãe, mostrando que uma mulher pode estar sozinha, mas não necessariamente solitária.

(Unhook the Stars, EUA, 1996) **Direção**: *Nick Cassavetes.* **Com** *Gena Rowlands, Marisa Tomei, Gérard Depardieu, Jake Lloyd, Moira Kelly, David Thornton. 103 min.*

Marisa e Gena: boas atuações

MAGIA DAS ÁGUAS

***Magia das Águas* é um típico exemplar do "filme de bichinhos" da Disney, mas com um atrativo bem particular: o bicho é uma criatura mítica – semelhante ao mostro de Loch Ness – que vive num lago do Canadá. Mark Harmon é um psicólogo que vai para a cidadezinha às margens do lago com os filhos, que logo ficam fascinados com as histórias sobre a criatura que lá habita. Muitas pessoas alegam terem sido "possuídas" pelo bicho, mas ninguém sabe que a criatura está preocupada com um eminente desastre ecológico, que pode ser causado por resíduos tóxicos despejados no lago. Uma boa dose de magia cotidiana para a criançada.**

(Magic in the Water, EUA, 1995) **Direção**: *Rick Stevenson.* **Com** *Mark Harmon, Joshua Jackson, Sarah Wayne, Harley Jane Kozak. 98 min.*

Magia...: filme de férias fora da temporada

Um Corpo que Cai, uma das obras-primas do mestre do suspense, está de volta às telas em versão restaurada

UIP

Um Corpo que Cai: clássico de cara nova

SET RECOMENDA

UM CORPO QUE CAI

Clássico de Alfred Hitchcock volta aos cinemas

Um dos maiores clássicos do mestre do suspense Alfred Hitchcock volta às telas com imagens restauradas e som digital. *Um Corpo que Cai* integra o seleto time de obras-primas que nem o tempo consegue envelhecer. Com James Stewart e Kim Novak encabeçando o elenco, o filme mexe com as crenças de platéias do mundo inteiro desde sua estréia em 1958, apresentando um envolvente jogo psicológico de emoções e desejos ocultos.

James Stewart é John "Scottie" Ferguson, um detetive de polícia que, durante uma perseguição sobre os telhados de San Francisco, descobre sofrer de acrofobia – um medo incontrolável de alturas –, o que o impede de salvar seu parceiro da morte.

Afastado da polícia, Scottie aceita trabalhar para um conhecido, que o contrata para seguir sua mulher, Madeleine (Kim Novak). O detetive acaba se apaixonando, mas novamente seu pavor de alturas entra em cena e o paralisa enquanto sua amante mergulha rumo à morte certa. Ainda corroído pelo remorso, Scottie conhece Judy Barton (de novo Kim Novak), a imagem da mulher que amava, mas que esconde segredos que irão persegui-lo (e ao público) até um chocante final.

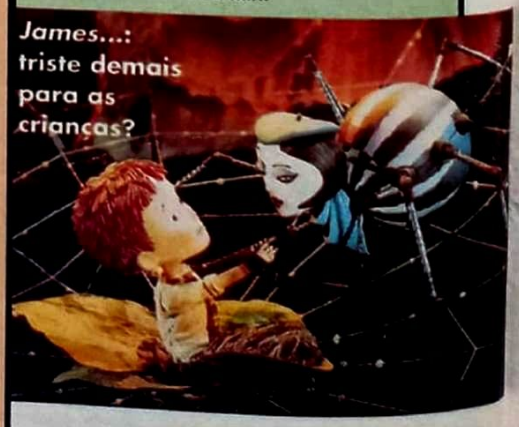
A restauração de *Um Corpo que Cai* demorou dois anos. O trabalho foi tão meticuloso que os restauradores chegaram a conseguir peças do figurino original e amostras de tinta de um jaguar verde de 1957 – tudo para que as cores fossem exatamente as mesmas escolhidas por Hitchcock. Não chega a ser um exagero quando o que está em questão é este intrincado quebra-cabeça, que influencia cineastas e surpreende o público até hoje.

(Vertigo, EUA, 1958) **Direção**: *Alfred Hitchcock.* **Com** *James Stewart, Kim Novak, Barbara Bel Geddes, Tom Helmore, Henry Jones, Ellen Corby. 128 min.*

JAMES E O PÊSSEGO GIGANTE

Após o sucesso de *O Estranho Mundo de Jack*, as apostas no bom desempenho de *James e o Pêssego Gigante* eram altas. Mas não deu certo. Com uma história considerada sombria e triste demais para a gurizada – em teoria, o público-alvo do filme –, o filme fracassou nas bilheterias americanas e teve seu lançamento no Brasil adiado. Mas nada tira o brilho da história escrita em 1961 por Roald Dahl. James vive com os pais num ambiente feliz e seguro – até que fica órfão e tem de morar com as cruéis tias. Sua tristeza só tem alívio com a chegada de um velho misterioso, que presenteia o garoto com um saco cheio de línguas de crocodilos. Uma das línguas cai perto de uma árvore, e em seus galhos cresce um pêssego de proporções gigantescas. Quando James resolve se aventurar em seu interior, o filme dá lugar à animação com bonecos – que falam com as vozes de atores consagrados, como Richard Dreyfuss e Susan Sarandon.

(James and the Giant Peach, EUA, 1996) **Direção**: *Henry Selick.* **Com** *Paul Terry, Joanna Lumley, Miriam Margoyles, Pete Postlethwaite e as vozes de Richard Dreyfuss, Susan Sarandon e Simon Callow. 102 min.*



James...: triste demais para as crianças?

Pandora

Jules et Jim: amor e amizade

JULES ET JIM

O clássico do diretor francês François Truffaut volta aos cinemas em cópias restauradas, com uma história de amor e amizade que permanece nova, mesmo 35 anos depois de seu lançamento. Truffaut narra com maestria a aventura de dois escritores – o alemão Jules (Oskar Werner) e o francês Jim (Henri Serre) – que, na Paris de 1912, conhecem e se apaixonam pela mesma mulher, Catherine (Jeanne Moreau). Truffaut acompanha a vida dos três até o início dos anos 30, mostrando seu relacionamento quase incestuoso – e nem sempre harmonioso. Misturando humor, épocas e lugares distintos, o diretor francês deu ao mundo, com *Jules et Jim*, sua mais perfeita personificação do desejo, traduzido nas belas formas da jovem Jeanne Moreau.

(Jules et Jim, França, 1962) ***Direção:*** *François Truffaut.* ***Com*** *Jeanne Moreau, Oskar Werner, Henri Serre, Marie Dubois, Vanna Urbino. 110 min.*

SWINGERS

O estreante Doug Liman mostra quatro amigos numa noite de farra

O cinema já está cheio de "filmes de amigos" protagonizados por turmas de marmanjos. A década passada praticamente esgotou o filão, que não mostrava nada de novo até *Swingers*. Mas o que este filme tem que faltou a tantos outros? Afinal, o roteiro segue trilhas já muito batidas: um grupo de amigos sai para se divertir, cada um com a sua (muitas vezes triste) história, tropeçando nos erros e agarrando desesperadamente os acertos.

O que o elogiado *Swingers* tem a seu favor é um roteiro esperto escrito por Jon Favreau (que também está no elenco) e a direção afiada do estreante Doug Liman. O filme mostra quatro amigos numa noite em Los Angeles. Rob, Sue e Trent têm o charme masculino típico dos anos 90 – pelo menos segundo a cartilha deles. Eles bebem uísque com uma expressão classuda, vestem-se com o guarda-roupa da moda e acham que tudo se resume a "money" – no caso, uma expressão que significa sucesso radiante.

O contraponto ao trio é o depressivo Mike, que passa por uma tremenda dificuldade: seis meses depois de levar um fora, ele ainda não conseguiu esquecer a namorada. Carente ao extremo, Mike transforma cada garota que se aproxima em sua irmã mais velha – uma confidente condenada a passar o resto da noite ouvindo a balada de um coração partido.

Mesmo assim, *Swingers* não é – e nem pretende ser – um dramalhão desesperado. É, sim, um delicioso passeio pelo interior da mente masculina e suas artimanhas e truques para "se dar bem" – mesmo que, no final da noite, sobrem apenas os ombros dos amigos para repousar a cabeça.

(Swingers, EUA, 1996) ***Direção:*** *Doug Liman.* ***Com*** *Jon Favreau, Vince Vaughn, Ron Livingston, Patrick Van Horn, Alex Desert, Deena Martin. 96 min.*

PlayArte

***Swingers*: os rapazes só querem se divertir**

O mundo masculino ganha uma visão nova e original com *Swingers*

Rio Film

Paulo e Alleyona: caras novas

UM CÉU DE ESTRELAS

O cartaz do longa-metragem de estréia da cineasta Tata Amaral anuncia em letras garrafais o que está por vir: "Violência urbana em retrato cru". Pode parecer exagero ou dar a impressão de que ela quer chocar o público, mas *Um Céu de Estrelas* consegue ir além de suas promessas: é um conto de desespero que acaba em sangue, tão familiar que poderia acontecer em qualquer lugar do mundo. O metalúrgico Vitor, desempregado, vai até a casa de Dalva, sua namorada há dez anos, na tentativa de reatar o relacionamento – sua última esperança em se sentir humano. Mas Dalva tem outros planos: ela quer uma nova vida e está de partida para Miami, a fim de participar de um concurso de cabeleireiras. Sua recusa é traduzida em violência e acaba se transformando num seqüestro de conseqüências trágicas. Contando com uma equipe premiada e um elenco afiado, Tata Amaral caminha a passos largos para o primeiro time do cinema brasileiro.

(Brasil, 1996) ***Direção:*** *Tata Amaral.* ***Com*** *Paulo Vespúcio Garcia, Alleyona Cavalli. 70 min.*

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
E GANHE TODAS AS PRATELEIRAS E BRINDES ESPECIAIS.

TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

- PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
- PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
- PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
- GARANTIA E QUALIDADE
- ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)

Disk Vendas
(011)
298-1899
NOVO TELEFONE

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

CANNE'S
VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

- Todos os lançamentos
- Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
- Novas promoções
- Venha aproveitar!

CONFIRA!

- Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
- Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA

Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

QUEM VIAJA, LÊ.

QUEM LÊ, VIAJA.

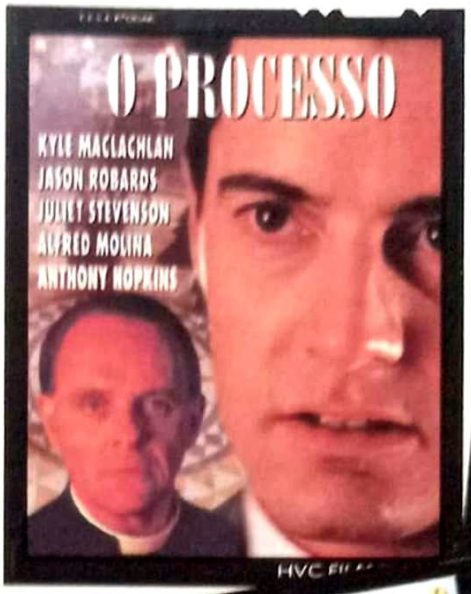
REVISTA Viagem E TURISMO

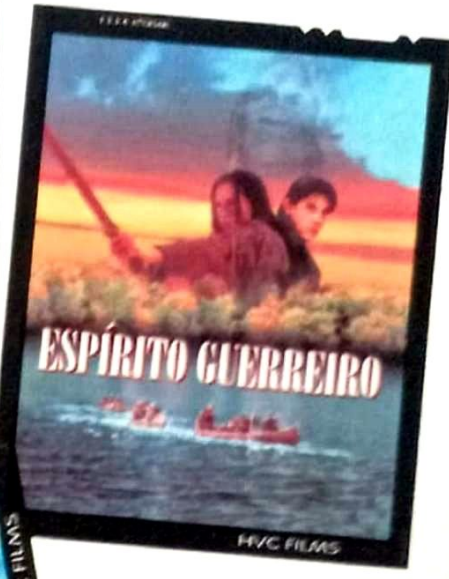
EDITORA AZUL

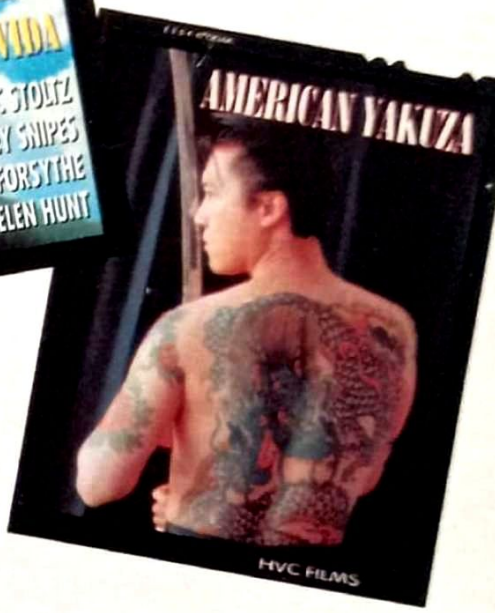
TODOS OS MESES NAS BANCAS.

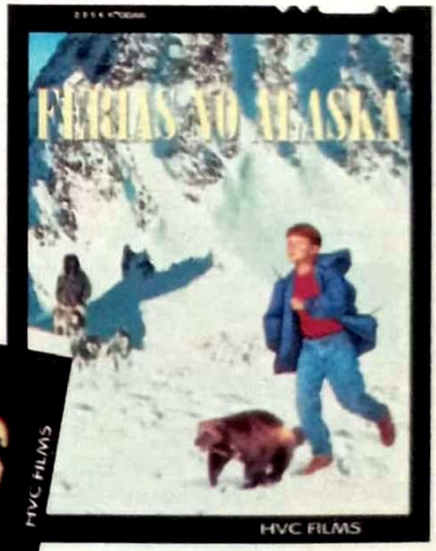
SELL THRU

Coleção de Sucessos HVC Films. A cara da sua Videoteca!









Central de Televendas
(011) 253-0600

HVC FILMS

SE O SEU AMIGO USA

DROGAS

E VOCÊ NÃO FALA NADA,

QUE DROGA DE AMIGO É VOCÊ?

Se você optou por não usar drogas, sorte sua. Mas se algum amigo seu tomou a decisão errada, a sorte dele pode depender de outras pessoas. Inclusive de você. Muitos jovens vêem seus melhores amigos indo em direção a um beco sem saída e não fazem nada para ajudá-los. Na maioria das vezes, esta passividade tem a mesma explicação: medo de parecer careta.

Careta mesmo é rotular as pessoas. Escolher não usar drogas significa que você tem auto-estima, segurança e gosta de viver. Óbvio, não há nada de errado com isso. Como também não há nada de errado em querer ajudar alguém de que você gosta. Raramente o drogado admite estar com problemas. Uma pessoa que usa drogas tem dificuldades de enxergar com clareza o tamanho da encrenca em que se meteu. Dependendo da droga, o processo de desintoxicação pode ser muito dolorido. O tratamento é longo, caro e sempre existe o risco de uma recaída depois da recuperação.

A falta de informação também é um dos motivos que levam as pessoas a experimentar drogas. Só quem sabe a extensão real dos prejuízos que cada tipo de droga provoca no organismo, pode pesar as conseqüências e decidir se vale ou não a pena correr este risco.

Leia as informações a seguir com muita atenção. E depois mostre para os seus amigos.

Cocaína e crack

Provocam sensação de poder, euforia, perda da fome, do sono e do cansaço. Em doses elevadas, causam aumento da temperatura, convulsões e aumento dos batimentos cardíacos, podendo resultar em parada cardíaca, respiratória e colapso do sistema nervoso central.

O crack pode provocar lesões cerebrais irreversíveis. É também uma das drogas de maior poder viciante. Ele leva apenas 15 segundos para chegar ao cérebro e, 15 minutos depois, o usuário já sente necessidade de inalar novamente a fumaça, para fugir dos efeitos da síndrome de abstinência: desgaste físico, prostração e depressão profunda.

Ácido (LSD)

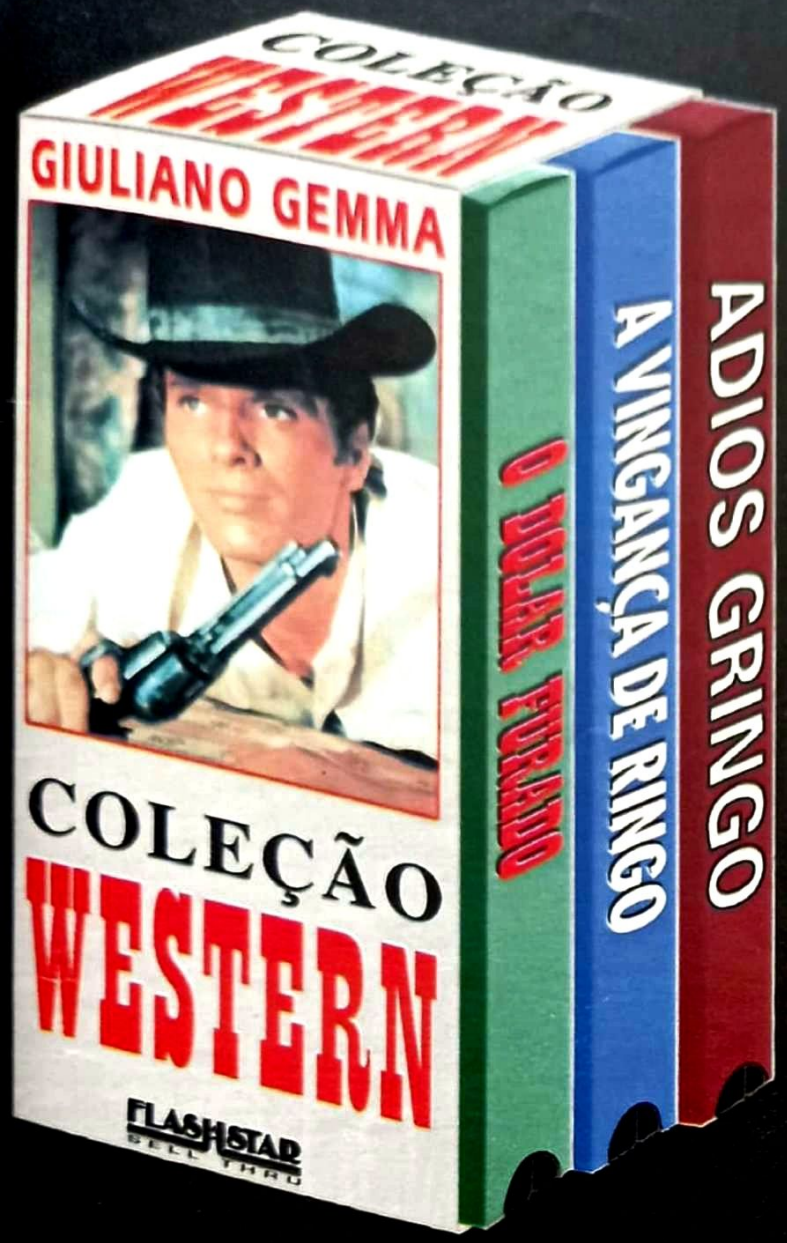
Causa alucinações, distorções perceptivas, fusão dos sentidos (o som parece adquirir forma). As reações dependem da personalidade e da sensibilidade de cada um.

Em alguns casos, podem ocorrer as "más viagens": ansiedade, pânico, mania de perseguição, sensação de deformação do próprio corpo e de morte iminente. Pode causar delírios, convulsões e dependência psicológica.

Maconha

Sensação de calma, relaxamento, vontade de rir. Produz dependência psicológica. O uso prolongado pode afetar os pulmões, a memória e, temporariamente, a libido e a produção de óvulos e espermatozóides. Diminui a capacidade de concentração.

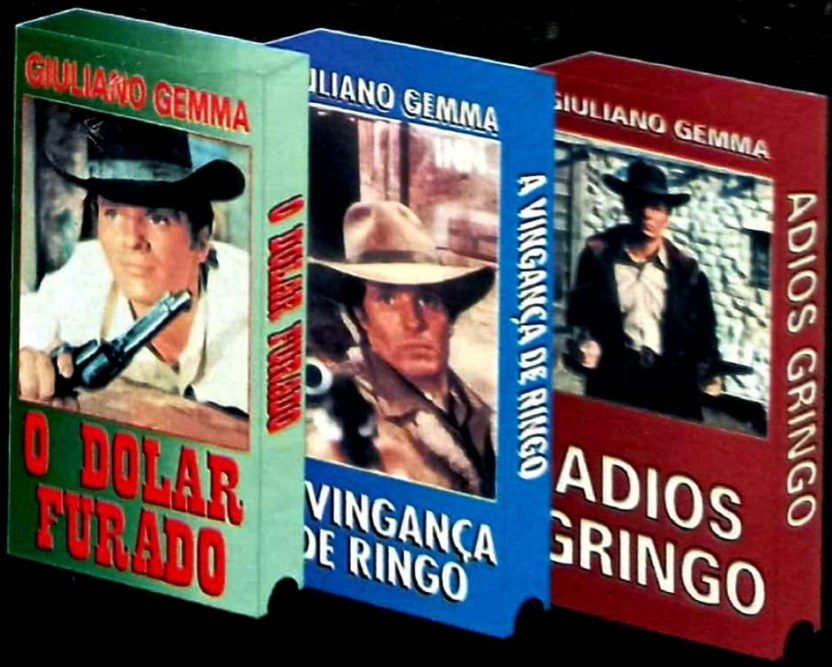
Fumar maconha de forma sistemática, principalmente na adolescência, acarreta má performance na escola e diminui as possibilidades profissionais na vida adulta.



Chegaram os Verdadeiros Clássicos do Western.

FITAS NOVAS REMASTERIZADAS POR SISTEMA DIGITAL.

PACK ESPECIAL COM 3 FITAS



Renda-se! Pois eles vão tomar conta de sua videoteca.

À VENDA NAS LOCADORA E NOS MAGAZINES.

E-MAIL: flash00@ibm.net

FLASHSTAR
SELL THRU
COLEÇÃO SUCESSOS DO CINEMA

VIDEO*lançamentos*

Com uma campanha milionária, chega às locadoras um dos maiores sucessos de todos os tempos

INDEPENDENC

Duas décadas depois de *Guerra nas Estrelas* estrear na surdina e se tornar um fenômeno, outro épico de ficção científica, *Independence Day*, pega o mundo de calças curtas e entra na lista dos cinco maiores sucessos de todos os tempos. É uma ironia que sua posição agora esteja sendo ameaçada, justamente pela lucrativa reestréia de *Guerra nas Estrelas*. Mas nada diminui o estrondo que cerca, merecidamente, o lançamento em vídeo do arrasa-quarteirão *ID4*.

Se *Guerra nas Estrelas* é uma das mais divertidas e complexas sagas que o cinema já criou, o filme dirigido pelo alemão Roland Emmerich é bem menos ambicioso: sua meta é entretenimento puro, à base de opulentos efeitos especiais. São emoções baratas, mas nem por isso menos atraentes.

Apesar de os alienígenas invadirem o mundo todo, *ID4* obedece a uma regra hollywoodiana: a sala de estar do planeta é os EUA, e é ali que as coisas são resolvidas. O espectador avesso a tanta xenofobia deve dar meia-volta, ou se colocar diante da telinha com o espírito preparado.

Bill Pullman é o presidente em busca da paz

É fácil entender o sucesso do filme nos EUA: além da patriotada, *Independence Day* reúne o herói solitário do faroeste (o piloto que nocauteia um ET), o presidente gente-como-a-gente que defende a democracia, os militares que adoram jogar bombas e (como sempre) os cidadãos comuns que dão o sangue para salvar criancinhas e cachorros.

Mas o resto do mundo também formou filas quilométricas para torcer pelos mocinhos. Afinal, quem é que não se entusiasma com a chance de chutar o traseiro do inimigo com panca de vitorioso? Como se essa catarse não bastasse, o filme apresenta o terror da invasão com impacto: as cenas em Nova York, da escuridão crescente nas avenidas apinhadas de gente ao ataque de proporções apocalípticas, são antológicas.

A destruição da Estátua da Liberdade (e do que ela representa) ocorre no dia 2 de julho. O orgulho ferido do povo americano tem até o sugestivo dia 4 de julho (o Dia da Independência) para ser remendado. Entre batalhas aéreas na linha *Guerra nas Estrelas*, mensagens politicamente corretas e frases feitas, o filme é um esfuziante "day after" patriótico.

Certos espectadores podem achar que, depois do grande ataque que ocupa a eletrizante primeira parte, o filme se preocupa apenas em contar piadas – algumas delas bastante ruins. Os fãs, porém, ressaltam que a inverossimilhança é uma das maiores virtudes da fita.

E DAY

O próprio diretor assume que seu filme é só um passatempo, uma produção B em escala megalomaníaca, que soma a neurose dos filmes espaciais da década de 50 com a destruição ilimitada dos filmes-catástrofe dos anos 70. É uma história fajuta em embalagem de luxo. Sem qualquer vocação para clássico, *Independence Day* é o melhor brinquedo que o cinema ofereceu em 1996. Novo, divertido e eterno até que uma outra catástrofe se avizinhe da raça humana. Provavelmente nos Estados Unidos.

★★★

(EUA, 1996) Direção: Roland Emmerich. Com Bill Pullman, Will Smith, Jeff Goldblum, Mary McDonnell. 145 min. Abril/Fox.

Christian Petermann

COMÉDIA

O PROFESSOR ALOPRADO

Quem diria que Eddie Murphy acabaria fazendo as pazes com o sucesso ao deixar de ser Eddie Murphy? Explica-se: em *O Professor Aloprado*, a quinta maior bilheteria de 1996, o ator aparece despido das caretas e trejeitos que o fizeram famoso nos anos 80: ele é o cientista Sherman Klump, gordíssimo, simpático e o oposto de tudo que Eddie Murphy (escondido atrás de uma ótima maquiagem) representou no passado. Por causa de sua anatomia avantajada, Klump é tímido e inseguro. Mas, quando conhece a charmosa professora interpretada por Jada Pinkett, ele decide testar em si mesmo uma fórmula que garante emagrecimento real e imediato.

É então que o Klump bonachão se torna... Eddie Murphy! Ou melhor, Buddy Love, um sujeito atlético e mulherengo que decide roubar a amada de seu alter ego e tomar de vez seu lugar. Segue-se uma variação de *O Médico e o Monstro*, com os dois personagens lutando pelo controle do mesmo corpo. Embora o novo *O Professor Aloprado* não chegue aos pés do original de Jerry Lewis (que aqui é um dos produtores), o longa agrada em cheio à molecada por causa de seu humor escatológico. Além disso, as piadas andam de mãos dadas com o melhor que a tecnologia em efeitos especiais pode oferecer.

Exemplos? A cena do jantar, na qual Eddie contracena consigo mesmo – ele faz o pai, a mãe, o irmão e a avó de Sherman Klump. Em uma sucessão de arrotos e flatulências, Papai Klump reclama que a apresentadora e atriz Oprah Winfrey ficou mais magra e por isso perdeu seu charme, ao mesmo tempo em que pergunta se o filho está doente por parecer "menos gordo". Em outra cena, Buddy Love arrasa com um comediante que antes havia humilhado Klump, atacando-o com piadas que fariam qualquer Ary Toledo corar. É de rachar o bico.

Murphy parece que bebeu na fonte de Jim Carrey, transformando seu Buddy Love num careteiro exagerado. Não à toa, o diretor Tom Shadyac é o mesmo que lançou Jim Carrey ao estrelato com o primeiro *Ace Ventura*. Embora *O Professor Aloprado* se preocupe muito mais com o antipático personagem "magro", é Sherman Klump quem dá alma ao filme. E, como ele certamente não aparecerá nos próximos trabalhos de Murphy, aí sim é que veremos como o astro vai se virar.

★★★

(The Nutty Professor, EUA, 1996) Direção: Tom Shadyac. Com Eddie Murphy, Jada Pinkett, James Coburn, Larry Miller, Dave Chappelle, John Ales. 95 min. CIC.

Roberto Sadovski

Cobaia de sua própria fórmula para emagrecer, Eddie fica esbelto, mas sofre graves efeitos colaterais

Matthew Broderick e Jim Carrey vivem dois amigos sem senso de ridículo

COMÉDIA

O PENTELHO

★★ ✓

O título brasileiro não poderia ser mais feliz: o instalador de TV a cabo Chip Douglas (Jim Carrey) é um verdadeiro mala sem alça. Falastrão e com língua presa, ele não tem a menor vergonha de confessar que viu *Waterworld* seis vezes... e gostou! Mas, como ninguém é apenas um chato, Chip tem suas qualidades: ele canta numa festa uma música do Jefferson Airplane e faz uma ótima brincadeira com um dos episódios clássicos de *Jornada nas Estrelas*. Mas eis que cruza o seu caminho o cliente de nome Steven Kovacs (Matthew Broderick). É a partir da estranha relação de amizade que nasce entre os dois, que sai de controle e ruma em direção à tragédia anunciada, que se estabelece o verdadeiro assunto do filme: a triste realidade dos solitários e carentes. Chip é um cão sem dono, que começa a seguir os passos de Steven e manifesta suas instáveis emoções ora com entusiasmo, ora com acentuada morbidez. Foi esse lado escuro que o fã de Jim Carrey não estava preparado para ver. O filme, portanto, foi um fracasso não merecido, pois, mesmo irregular, "diz" muito mais coisas que os dois *Ace Ventura* e *Debi & Lóide* juntos. É só uma questão de o espectador se preparar.

Christian Petermann

(The Cable Guy, EUA, 1996) ***Direção:*** *Ben Stiller.* ***Com*** *Jim Carrey, Matthew Broderick, Leslie Mann, Jack Black, George Segal, Diane Baker, Ben Stiller, Eric Roberts, Janeane Garofalo. 95 min. Columbia TriStar.*

AVENTURA/INFANTIL

A INCRÍVEL JORNADA 2

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Homeward Bound II: Lost in San Francisco, EUA, 1996) ***Direção:*** *David R. Ellis.* ***Com*** *Robert Hays, Kim Greist* ***e as vozes de*** *Michael J. Fox, Sally Field, Ralph Waite, Sinbad, Carla Gugino. 88 min. Abril.*

Os mascotes: perdidos no mundo

A HISTÓRIA A caminho do compartimento de bagagem do avião (no qual já estão seus donos, de partida para as férias), o buldogue Chance tem uma crise de claustrofobia e escapa, obrigando seus companheiros – o veterano cão Shadow e a gata Sassy – a acompanhá-lo. Perdidos na desconhecida San Francisco, os três têm de se esquivar de uma carrocinha clandestina e de uma gangue canina até achar o rumo de casa.

O COMENTÁRIO Continuação que segue tal e qual a fórmula de *A Incrível Jornada*, de 1993: enquanto brigam e conversam (nas vozes de Michael J. Fox, Sally Field e Ralph Waite), os três mascotes enfrentam todo tipo de perigo na tentativa de se reunir a seus donos. Em vez das florestas e montanhas do primeiro filme, porém, agora o cenário é urbano. Para os adultos, fica cansativo; para as crianças, é um prato cheio. Dublado.

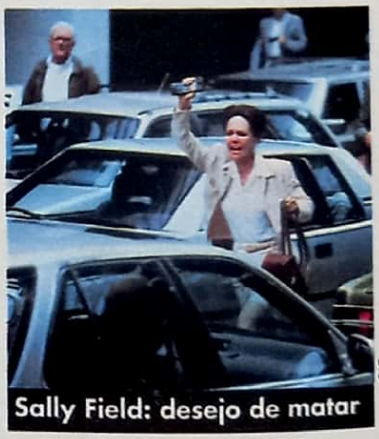
Isabela Boscov

SUSPENSE

OLHO POR OLHO

★★★ ✓

(Eye for an Eye, EUA, 1996) ***Direção:*** *John Schlesinger.* ***Com*** *Sally Field, Kiefer Sutherland, Ed Harris, Joe Mantegna, Beverly D'Angelo, Charlayne Woodard, Olivia Burnette, Alexandra Kyle. 100 min. CIC.*


Sally Field: desejo de matar

A HISTÓRIA A executiva Karen McCann fica presa num grande engarrafamento de trânsito ao voltar para casa. Usando o celular para avisar a família de que está atrasada, ouve os gritos de sua filha mais velha, que está sendo atacada por um assassino. O responsável, um jovem entregador de mercadorias, é preso e depois solto por falta de provas. Karen não se conforma e fica obcecada com o desejo de vingança.

O COMENTÁRIO Mesmo apelando para alguns clichês, o diretor de *Maratona da Morte* e de outras tramas de suspense mantém a tensão do início ao fim, enfatizando a angustiante dor da perda e a questão da justiça individual. Esses temas encontram respaldo na atuação de Sally Field, que já fez várias vezes o papel de mãe sofredora e determinada (por exemplo, em *Nunca Sem Minha Filha*).

Alfredo Sternheim

DRAMA

PONTO DE ENCONTRO

★★★

(Trees Lounge, EUA, 1996) **Direção:** *Steve Buscemi.* **Com** *Buscemi, Chloe Sevigny, Anthony LaPaglia, Seymour Cassel, Daniel Baldwin, Carol Kane, Debi Mazar, Samuel L. Jackson, Mimi Rogers. 94 min. Video Arte.*

Buscemi: beber é tudo na vida

A HISTÓRIA Tommy mora no subúrbio proletário de Nova York. Tem 31 anos, é piadista, alcoólatra e um total perdedor. Sua vida nada ambiciosa se resume a encontrar os amigos no balcão de seu bar favorito, a verdadeira extensão de sua casa. Depois de perder a namorada, ele passa a dirigir um caminhão de sorvete que pertencia a um tio, morto há pouco. Tudo dá errado, porém, quando ele se envolve com uma garota menor de idade.

O COMENTÁRIO Steve Buscemi estréia na direção com um filme à sua imagem e semelhança. Este drama intimista e bem-humorado segue o perfil de muitas das produções independentes que o próprio Buscemi estrelou: tipos comuns, a ação concentrada em diálogos espertos, uma necessidade evidente de não maquiar a realidade. É o carisma do ator que carrega nas costas um filme de participações especiais e pequenas idéias.

Christian Petermann

Sem saber que uma tragédia se avizinha, Feynman (Broderick) passeia com a mulher (Patrícia) por Atlantic City

Paramount

DRAMA

INFINITY

★★

Tinha tudo para dar certo: um ator talentoso – Matthew Broderick – passa à direção para contar a história de uma das figuras mais curiosas da ciência moderna – Richard Feynman, prêmio Nobel de física e um dos integrantes do projeto Los Alamos, que resultaria na bomba atômica lançada sobre Hiroshima. De quebra, o roteiro era assinado por sua mãe, garantia de que ele receberia um script de acordo com a encomenda. Mas, contrariando as expectativas, Matthew (que interpreta Feynman) se revela um diretor dispersivo e cauteloso até beirar a hesitação. Pior: tendo uma vida tão rica e inusitada para biografar, ele preferiu gastar duas horas falando do relacionamento entre o físico e sua primeira mulher, morta na juventude. O resultado é um filme lento e lacrimoso, que não faz jus nem a Matthew nem a Feynman.

Isabela Boscov

(Infinity, EUA, 1996) **Direção:** *Matthew Broderick.* **Com** *Broderick, Patricia Arquette, Peter Riegert, Dori Brenner, Peter Michael Goetz, Zeljko Ivanek, Joyce Van Patten, James LeGros. 119 min. Miramar.*

AVENTURA/INFANTIL

KAZAAM

★★

(EUA, 1996) **Direção:** *Paul M. Glaser.* **Com** *Shaquille O'Neal, Francis Capra, Ally Walker, Marshall Manesh, James Acheson, Fawn Reed, John Costelloe. 92 min. Paris.*

Paris

O garoto e o gênio: três pedidos

A HISTÓRIA Um garoto de doze anos atravessa uma fase difícil: filho de pai desconhecido, ele vive contrariado com o romance de sua mãe com um bombeiro. Constantemente perseguido por uma gangue de pequenos marginais, o menino também não consegue boas notas na escola. A situação se modifica quando, acuado num prédio em ruínas, ele liberta um gênio que estava aprisionado há três mil anos. O gigante lhe concede três pedidos.

O COMENTÁRIO As pretensões do astro do basquete Shaquille O'Neal estão extrapolando os limites das quadras: dos discos de rap à estréia no cinema (em *Blue Chips*), seu nome atrai milhões de dólares. Ele agora protagoniza e é co-produtor desta insossa história juvenil. Na falta de um roteiro consistente, os produtores apelaram para uma chuva de (razoáveis) efeitos especiais e intermináveis números de rap.

Miguel Barbieri Jr.

A CURIOSIDADE HUMANA

O APELO MÓRBIDO DA IMAGEM

Duas obras de apelo jovem apresentam um incômodo tema em comum: a atração mórbida que as imagens exercem sobre o ser humano. Em *O Fotógrafo* (1995), o editor de um jornal universitário registra o suicídio de uma estudante e se vê em dúvida entre o sensacionalismo lucrativo e o respeito moral. Marcado por paixões e tensões raciais, o filme oferece ainda uma trilha pop com nomes como Lou Reed, P.J. Harvey, John Cale, Frank Black e Violent Femmes. Já o diretor alemão Ulli Lommel, que colaborou com Rainer Werner Fassbinder, faz uma investigação particular em *Marilyn – Homicídio ou Suicídio* (1992). Três estudantes de cinema tentam solucionar a morte de Marilyn Monroe. Reunindo cenas de arquivo da atriz, inclusive rápidos nus, e reconstituições de época, o filme revela como a curiosidade matou o gato. A trilha, por sua vez, é do grupo suíço Yello.

PlayArte

Marilyn: dublê de corpo

VIDEOlançamentos

Paixões orientais: decepção

Paris

DRAMA

CHOCOLATE CHINÊS

★★

(Chinese Chocolate, Canadá, 1995) **Direção:** *Yan Cui e Qi Chang.* **Com** *Diana Peng, Shirley Cui, Bo Z. Wang, Henry Wang, James Purcell, Fei Gao. 101 min. Paris.*

A HISTÓRIA As chinesas Jessie e Camille chegam ao Canadá no mesmo vôo, uma com o objetivo de estudar, a outra para se unir ao marido, distante há anos. A nova vida, porém, logo se mostra mais complicada do que o esperado. Embora não se conheçam, seus caminhos acabam se cruzando, em meio a um processo de adaptação repleto de decepções, inseguranças e outros percalços determinados pelos costumes ocidentais.

O COMENTÁRIO A idéia de explorar o conflito cultural sob diferentes pontos de vista femininos tinha tudo para agradar. Pena que os diretores/roteiristas tenham se limitado quase que só aos casos amorosos das personagens. As cenas de sexo mal elaboradas e quase ininterruptas são de dar sono. O aluguel da fita vale pelas belas paisagens do Canadá e pelo desfecho inesperado da trama.

Suzana Uchôa Itiberê

Rachel Weisz e Keanu Reeves em busca do grande culpado

AVENTURA

REAÇÃO EM CADEIA

★★★

Depois de *Disputa em Família*, sua fracassada incursão pela comédia dramática, o diretor Andrew Davis volta à fórmula de *O Fugitivo*, o filme que lhe deu tanto o devido reconhecimento no terreno dos filmes de ação quanto uma inesperada indicação ao Oscar. Um apático Keanu Reeves (rechonchudo e barbado) trabalha em um laboratório químico que descobre como extrair energia de água. O projeto é sabotado, o galpão vai pelos ares, um cientista é assassinado, e o inocente Reeves passa a ser o principal suspeito do atentado. Fugindo em disparada, com o FBI e a CIA em seu encalço, ele tenta descobrir quem é o verdadeiro culpado. As cenas de ação, marca registrada do diretor, são de tirar o fôlego. Metido a sério, porém, o filme perde o impacto no desenrolar da trama.

Miguel Barbieri Jr.

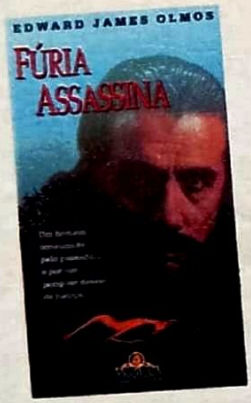
(Chain Reaction, EUA, 1996) **Direção:** *Andrew Davis.* **Com** *Keanu Reeves, Morgan Freeman, Rachel Weisz, Fred Ward, Kevin Dunn, Brian Cox, Joanna Cassidy. 106 min. Abril/Fox.*

SUSPENSE

FÚRIA ASSASSINA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(The Limbic Region, EUA, 1996) **Direção:** *Michael Pattinson.* **Com** *Edward James Olmos, George Dzundza, Roger R. Cross, Gwynth Walsh, Don S. Davis, Tom McBeath. 95 min. Warner.*



A HISTÓRIA Um detetive tenta capturar um assassino que escolhe mulheres e casais como vítimas. O caso só é encerrado oito anos depois, com a prisão e morte de um provável criminoso. Durante esse longo processo, a vida do investigador se tornou um inferno – ele enfrentou graves crises conjugais e familiares – e, nos dias de hoje, passados outros tantos anos, ele ainda está à procura do verdadeiro culpado.

O COMENTÁRIO *Seven* faz escola: em meio a um clima sombrio e chuvoso, este policial dramático fala da relação obsessiva entre dois homens em lados opostos da lei. Com pouca ação, o filme tem um duelo de titãs similar ao de *Fogo Contra Fogo*. O que é melhor: a impecável interpretação realista de Edward James Olmos ou a presença de George Dzundza como o responsável por sua tortura psicológica?

Miguel Barbieri Jr.

COMÉDIA

DOCES CRIMINOSOS

★★★

(Palookaville, EUA, 1995) **Direção:** *Alan Taylor.* **Com** *Adam Trese, Vincent Gallo, William Forsythe, Frances McDormand, Lisa Gay Hamilton, Kim Dickens, Bridgit Ryan. 92 min. Cannes.*

Cannes

O trio se reúne: fracasso à vista

A HISTÓRIA Jerry, Russ e Sid têm muitas coisas em comum: são amigos inseparáveis, estão duríssimos e são incrivelmente desajeitados (mas muito simpáticos). Ainda assim, eles acreditam que o crime é o caminho mais curto para sair da eterna lona em que vivem. Sempre planejando um roubo perfeito, eles descobrem que até para ser um bandido pé-de-chinelo é preciso algum talento – artigo definitivamente em falta no trio.

O COMENTÁRIO Já na hilariante cena de abertura, *Doces Criminosos* se destaca da nova safra do cinema independente: aqui os diálogos são poucos e enxutos, deixando que a ação e os ótimos personagens tomem a dianteira. Nota dez também para o humor afiado e discreto, para o elenco e para a produção, que sabe valorizar seus modestos trunfos. Merecido, portanto, o prêmio de melhor filme de um estreante recebido em Veneza-95.

Isabela Boscov

TERROR/COMÉDIA

O MISTÉRIO DE KARMINA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Karmina, Canadá, 1996) ***Direção:*** *Gabriel Pelletier.* ***Com*** *Isabelle Cyr, Robert Brouillette, Yves Pelletier, France Castel, Gildor Roy, Raymond Cloutier, Sylvie Potvin. 100 min. HVC.*

A HISTÓRIA Karmina é uma jovem vampira de 140 anos, filha de um barão da Transilvânia. Para fugir de um casamento arranjado, ela vai para o Canadá, onde se esconde na casa de sua tia Esmeralda. Ela é convencida, então, a tomar uma poção que a transforma temporariamente em mortal e se apaixona por um jovem músico. Enquanto isso, seu noivo, Vlad, parte para o Canadá para buscá-la, aterrorizando as pessoas em busca de sangue.

O COMENTÁRIO No melhor estilo pastelão, *O Mistério de Karmina* é uma surpresa despretensiosa e divertida. Com um humor basicamente visual, cheio de gagues, o filme cutuca os estereótipos do universo dos vampiros com resultados acima da média. Para falar a verdade, bem que o título poderia ser "Os Trapalhões e o Mistério de Karmina" – parece que Didi e sua trupe vão invadir a tela a qualquer momento. Trash total.

Roberto Sadovski

SUSPENSE

CONFRONTO FINAL

★★★

(Blue River, EUA, 1995) ***Direção:*** *Larry Elikann.* ***Com*** *Jerry O'Connell, Nick Stahl, Susan Dey, Sam Elliott, Neal McDonough, Jean-Marie Barnwell, Patrick Renna. 89 min. Alpha.*

Alpha

Retrato familiar: ódio

A HISTÓRIA Edward é um respeitado oftalmologista, que vive tranqüilamente com a mulher e o filho pequeno. Ele se sente ameaçado, porém, depois de receber a inesperada visita de seu irmão mais velho, Lawrence, agora um maltrapilho decadente. Esse reencontro, depois de quinze anos, leva Edward a recordar fatos indesejáveis de sua adolescência junto à família e que provocaram a longa separação.

O COMENTÁRIO Teledrama familiar que é fascinante do início ao fim por causa de sua habilidosa mistura de afetos mal resolvidos, ressentimentos e mistério. O filme comprova o talento do diretor para narrativas em que a ambigüidade dá o tom. Nesse sentido, é perfeita a presença do diabólico sedutor criado por Jerry O'Connell (no papel de Lawrence), que esconde um assustador lado negro.

Alfredo Sternheim

John Travolta, mesmo depois de descobrir uma nova realidade, mantém-se fiel à mulher que ama. (Kyra Sedgwick)

DRAMA

FENÔMENO

★★

Depois de reencontrar a chave do sucesso como gângster em *Pulp Fiction* e *O Nome do Jogo*, John Travolta deve ter sentido saudades dos tempos de bom moço de *O Garoto na Bolha de Plástico* (1976). É difícil não simpatizar com seu personagem em *Fenômeno*, um simplório mecânico do interior da Califórnia que, ao fazer 37 anos, tem (literalmente) uma iluminação que transforma sua vida. Deslumbrado com seus novos poderes mentais, mas generoso a ponto de colocá-los a serviço exclusivo de boas causas, esse herói ingênuo consegue arrumar encrencas com o governo norte-americano – embora, no fundo, desejasse apenas conquistar a jovem por quem é apaixonado (Kyra Sedgwick). De todos os caminhos que o filme ameaça tomar, o melhor é o da comédia à la Frank Capra, sobre os percalços de um homem comum repentinamente exposto a acontecimentos extraordinários. Mas, ao final, fala mais alto o dramalhão médico, vendendo a "mensagem" pseudocientífica de que o ser humano poderia ser muito melhor se não usasse apenas 10% de sua capacidade cerebral. Está aí o próprio *Fenômeno* para exemplificar a teoria.

Sérgio Rizzo

(Phenomenon, EUA, 1996) ***Direção:*** *Jon Turteltaub.* ***Com*** *John Travolta, Kyra Sedgwick, Forest Whitaker, Jeffrey DeMunn, Robert Duvall, Richard Kiley, Brent Spiner. 124 min. Abril.*

Marie Gillain e Jean-Hugues Anglade são opostos que se atraem e mudam suas vidas

Flashstar

AS AFINIDADES ELETIVAS

DRAMA

★★★ Vê

Em meados da década de 80, os irmãos Taviani abandonaram a temática engajada de obras como *Pai Patrão* e *A Noite de São Lourenço*, que exploravam a interação política na vida de pessoas comuns. Chegando perto da velhice, os mestres do cinema italiano optaram pelos assuntos do coração, e como estes arrancam das mãos dos apaixonados o controle sobre seu destino. Escolheram um texto de Goethe publicado em 1809 para contar sua primeira grande história de amor. Se o apuro visual permanece tão arrebatador quanto em todos os filmes anteriores, aqui derramando-se nas paisagens toscanas, os diretores perderam a paixão manifesta nos filmes de esquerda, praticando agora um romantismo gelado. As "afinidades eletivas" são um fenômeno que explica como certas substâncias da natureza tendem a se unir e, com a intervenção de elementos externos, dividem-se e criam novas combinações. A história de quatro pessoas que vivem essas "relações químicas" avança aqui sob o signo da tragédia.O ceticismo dos irmãos Taviani, porém, renega o idílio passional e se entrega a um triste fatalismo. Não são todos os espectadores que aceitarão esse gosto amargo na boca.

Christian Petermann

(Le Affinitá Elettive, Itália/França, 1996) ***Direção:*** *Paolo e Vittorio Taviani.* ***Com*** *Isabelle Huppert, Jean-Hugues Anglade, Fabrizio Bentivoglio, Marie Gillain, narração de Giancarlo Giannini. 95 min. Flashstar.*

KABLOONAK – O ESTRANGEIRO

DRAMA

★★★

(Kabloonak, França/Canadá, 1993) ***Direção:*** *Claude Massot.* ***Com*** *Charles Dance, Adamie Quasiak Inukpuk, Georges Claisse, Matthew Saviakjuk, Seporah Ungalaq. 103 min. Mundial.*

Bastidores: no pólo Norte

Mundial

A HISTÓRIA Depois de perder os negativos de um documentário que havia rodado no pólo Norte, o cineasta Robert Flaherty volta à região, em 1919, para filmar um novo trabalho. Desta vez, o personagem principal é Nanook ("urso"), um esquimó que vive no Alasca e que abriga Flaherty durante alguns meses. Três anos depois, quando *Nanook do Norte* é lançado em Nova York, o diretor recebe a última notícia do amigo.

O COMENTÁRIO Minuciosa reconstituição das filmagens de um dos maiores clássicos da história do documentário, rodado na Sibéria e no Canadá. Documentarista que faz sua estréia na ficção, o diretor Claude Massot capricha nos detalhes de bastidores de *Nanook do Norte*, mas surpreende ao revelar aspectos pouco conhecidos da relação de Flaherty (1884-1951) com os esquimós, incluindo um filho gerado durante a produção.

Sérgio Rizzo

EXPRESSO PARA A LIBERDADE

DRAMA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Les Milles, França/Alemanha/Polônia, 1995) ***Direção:*** *Sebastien Grall.* ***Com*** *Jean-Pierre Marielle, Ticky Holgado, Rudiger Vogler, Philippe Noiret, Kristin Scott Thomas. 106 min. Mundial.*

Cenas de guerra: colaboracionismo

A HISTÓRIA França, 1940: durante a Segunda Guerra, alemães, austríacos e apátridas são levados a um campo de refugiados por tentar fugir do jugo nazista. Pouco a pouco, o capitão Perrochon, responsável pelo campo, descobre as intenções diplomáticas do governo francês de entregá-los aos alemães e opta pela desobediência. Agindo na surdina, ele tenta libertar mil homens em uma arriscada fuga de trem.

O COMENTÁRIO O filme retrata, com um olhar maduro e senso de humor, um momento crítico na vida de várias celebridades mundiais (como o pintor Max Ernst). Embora lembre muito *A Lista de Schindler*, esta é a história de uma desobediência oficial, interessante por si só. Jean-Pierre Marielle (o capitão Perrochon) entrega-se de corpo e alma a um filme em que os valores humanos superam a moral institucional.

Claudia Erthal

O motorista de caminhão Jorge Perugorria e uma de suas conquistas de beira de estrada

Top Tape

DRAMA

GUANTANAMERA

★★★★

Depois de *Morango e Chocolate*, esta é a segunda e última parceria entre os diretores Tomás Gutierrez Alea (morto logo após a conclusão das filmagens) e Juan Carlos Tabío. *Guantanamera* é um *road movie* contemporâneo sobre a Cuba do regime comunista. O ponto de partida é a crise de combustível para os serviços oficiais e seu reflexo no serviço funerário estatal. Carlos Cruz é Afonso, um burocrata puxa-saco que monta um plano para tentar acabar com o problema. Uma morte inesperada na família de Afonso inaugura o novo sistema de transporte funerário na ilha. Sua mulher acompanha o féretro. A viagem começa, e as diferenças entre o burocrata retrógrado e sua mulher progressista se acentuam. Ao mesmo tempo implacável e carinhoso com Cuba, o filme é um singelo manifesto sobre a necessidade de abertura num país que sofre com a dificuldade de obter ajuda externa.

Alessandro Giannini

(Cuba/Espanha/Alemanha, 1995) ***Direção:*** *Tomás Gutierrez Alea e Juan Carlos Tabío.* ***Com*** *Carlos Cruz, Mirtha Ibarra, Jorge Perugorría. 102 min. Top Tape.*

DRAMA

ANGEL BABY

★★★

(Austrália, 1995) ***Direção:*** *Michael Rymer.* ***Com*** *John Lynch, Jacqueline McKenzie, Colin Friels, Deborra-Lee Furness, Robyn Nevin, Daniel Daperis. 105 min. Europa/Carat.*

Europa/Carat

Casal desesperado: terapia

A HISTÓRIA Harry e Kate se conhecem na terapia de grupo de um centro médico. É paixão à primeira vista, apesar de todos os indícios de que esta não será uma relação tranqüila. Os dois resolvem enfrentar o mundo para ficar juntos. Os problemas se acentuam com a gravidez de Kate – por mais que Harry tente segurar a barra da vida a dois e que um não consiga viver sem o outro, a convivência é difícil.

O COMENTÁRIO As atuações sensíveis de John Lynch (*Em Nome do Pai*) e Jacqueline McKenzie dão um brilho especial a este drama, que prima pela coesão entre a fotografia e a direção de Michael Rymer, um estreante promissor – e que assina também o roteiro. O ritmo é nervoso e tenso, com cenas bem construídas que se encaminham para um final aberto a interpretações. A trilha sonora inclui Peter Gabriel e Brian Eno.

Claudia Erthal

DRAMA

FÚRIA NAS RUAS

★★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Small Faces, Inglaterra, 1995) ***Direção:*** *Gillies MacKinnon.* ***Com*** *Iain Robertson, Joseph McFadden, J.S. Duffy, Clare Higgins, Laura Fraser, Garry Sweeney, Kevin McKidd. 102 min. Mundial.*

Mundial

Gangues de rua: violência

A HISTÓRIA A Glasgow de 1968 é vista pelos olhos de Lex, um garoto de treze anos que se autoproclamou um gênio. Ele mora com a mãe viúva, que se esforça em educá-lo e a seus dois irmãos mais velhos – Bobby, um rebelde incorrigível, e Alan, que quer entrar numa escola de artes. A violência das gangues de rua torna-se uma realidade de seu dia-a-dia quando Lex fere, acidentalmente, um perturbado líder rival.

O COMENTÁRIO Este é um poderoso retrato de uma época na qual a inquietude dos jovens não era só uma questão hormonal, mas também de grande insatisfação social. Apesar de nada revelar de novo, o filme ganha pontos por introduzir aos poucos a questão da violência. Mesmo quando esta explode, em nenhum momento a poesia é abandonada. E o diretor narra os fatos com conhecimento de causa, já que Glasgow é sua cidade natal.

Christian Petermann

CINEMA BRASILEIRO

PELA PRIMEIRA VEZ EM VÍDEO

Três produções de diferentes escolas estéticas estão sendo lançadas em vídeo pela primeira vez. Dos estúdios da Atlântida, chega a comédia *Esse Milhão É Meu* (1958), de Carlos Manga, com Oscarito e Zezé Macedo. É uma sátira sobre como pessoas humildes conquistam dinheiro apenas pela sorte. Já quem gosta do cinema trash e cultuado de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, pode tomar contato com o pouco conhecido *Inferno Carnal* (1976). Por fim, o destaque vai para *Natal da Portela*, que não teve lançamento comercial em algumas praças, como São Paulo. Obra de Paulo César Saraceni, com Milton Gonçalves, Zezé Motta e Grande Otelo, é a saga de um banqueiro do jogo do bicho, cuja ascensão e queda é paralela à história de sua escola de samba, a Portela. O filme conta com a presença de sambistas como Almir Guineto, Jamelão, João Nogueira e Monarco.

Tudo por dinheiro

Milton Gonçalves é o bicheiro da Portela

NUNCA É TARDE PARA AMAR

DRAMA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Lilian's Story, Austrália, 1995) **Direção:** *Jerzy Domaradzki.* **Com** *Ruth Cracknell, Toni Collette, Barry Otto, John Flaus, Susie Lindeman, Anne Louise Lambert. 94 min. Cannes*

A volta ao passado: trauma

Cannes

A HISTÓRIA Após ficar quarenta anos em um sanatório, Lilian é acomodada pela tia num pequeno apartamento em Sydney, na Austrália. Ao se decepcionar com o retorno ao lar paterno, ela decide buscar uma vida diferente. Os momentos felizes, porém, são ofuscados pelas lembranças de um passado traumático. Lilian, então, decide exorcizar seus demônios e entender os principais fatos do dia em que seu destino mudou.

O COMENTÁRIO Drama bem cuidado, que faz um retrato doloroso dos estragos causados pela ausência de carinho familiar. Toni Collette (de *O Casamento de Muriel*) aparece como a jovem Lilian, cuja infância e juventude foram marcadas pela incompreensão. A interpretação de Ruth Cracknell como a ex-interna é tão sutil que chega a ser difícil distinguir seus momentos de delírio dos de extrema lucidez.

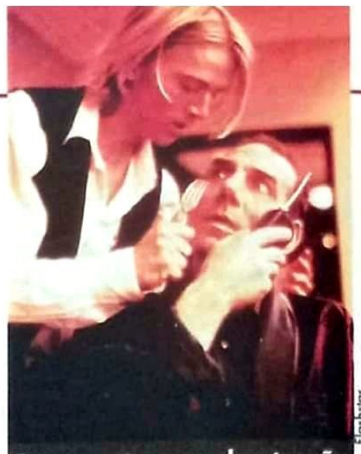
Suzana Uchôa Itiberê

ACONTECEU NA SUÍTE 16

SUSPENSE

★★★

(Suite 16, Bélgica/Holanda/Inglaterra, 1995) **Direção:** *Dominique Deruddere.* **Com** *Pete Postlethwaite, Antonie Kamerling, Geraldine Pailhas, Tom Jansen, Bart Slegers. 109 min. Flashstar.*



Entre quatro paredes: tensão

Flashstar

A HISTÓRIA Na Riviera francesa, Chris, um jovem holandês, vive de dar golpes em senhoras solitárias atraídas por seus dotes físicos. Ao acreditar ter provocado a morte de sua última conquista, ele se esconde na suíte principal de um hotel de luxo. Lá vive Glover, um senhor inglês confinado a uma cadeira de rodas. Glover oferece muito dinheiro a Chris para que este viva experiências sexuais diante de câmeras secretas.

O COMENTÁRIO Intriga psicológica que recorre à violência física e a um acentuado erotismo para discutir o abuso de poder, a alienação e a invalidez. O duelo entre o excelente Pete Postlethwaite (*Em Nome do Pai*) e o belo Antonie Kamerling prende a atenção por suas conotações ambíguas. De início instigante, a trama, porém, se perde no desenvolvimento irregular dos personagens e numa solução insatisfatória.

Christian Petermann

Um raro momento carinhoso entre Jack Nicholson e Judy Davis, um casal em crise

Paris

SANGUE E VINHO

DRAMA

★★

Depois da bomba chamada *O Cão de Guarda* (1992), o diretor Bob Rafelson decidiu apostar em terreno seguro. Esta sétima parceria do cineasta com Jack Nicholson é também uma tardia conclusão da trilogia sobre famílias desajustadas iniciada com *Cada Um Vive Como Quer* (1970), no qual Nicholson interpretava o filho, e *O Dia dos Loucos* (1972), no qual ele era o irmão. É fácil compreender, portanto, por que o filme tem a cara dos anos 70: a história e o desenvolvimento dos personagens carregam características inconfundíveis da contracultura que dominava a época. Jack Nicholson agora é o pai – um pai relapso e adúltero. Ele pouco se importa em destruir as vidas de sua mulher (Judy Davis) e de seu filho (Stephen Dorff), desde que leve a cabo o plano de roubar um valioso colar de diamantes. Conta, para isso, com a ajuda de um veterano arrombador de cofres (Michael Caine). Esse personagem traduz o espírito do filme. Caine interpreta um ladrão à beira da morte, que não consegue respirar. De forma semelhante, o diretor parece cansado, sem muito fôlego para valorizar uma intriga em si interessante. Nicholson, por sua vez, se esbalda em seu papel amoral.

Christian Petermann

(Blood and Wine, Inglaterra/EUA, 1996) **Direção:** *Bob Rafelson.* **Com** *Jack Nicholson, Stephen Dorff, Michael Caine, Jennifer Lopez, Judy Davis, Harold Perrineau Jr. 98 min. Paris.*

Mundial

Os gatos: pardos à noite

COMEDIA

LOUCAS NOITES DE BATOM

★★

(Pedale Douce, França, 1996) **Direção**: *Gabriel Aghion.* **Com** *Patrick Timsit, Fanny Ardant, Richard Berry, Michele Laroque, Jacques Gamblin, Christian Bujeau, Boris Terral. 99 min. Mundial.*

A HISTÓRIA Homossexual festivo, Adrien omite sua opção sexual no ambiente de trabalho. É por isso que, tendo em vista um contrato com um banco, ele pede à amiga Eva, dona de uma boate gay, que finja ser sua mulher num jantar oferecido por Alexandre, presidente do banco. Este se apaixona por Eva e descobre toda a armação. Durante uma visita à boate, o executivo é flagrado pela mulher, Marie, que passa a considerá-lo gay.

O COMENTÁRIO Na mesma tradição de *A Gaiola das Loucas*, este é mais um filme que arma o seu humor em torno de homossexuais que escondem sua condição. A confusão não tem limites, dando espaço a situações hilárias, como aquela em que um sádico fica no encalço de um seminarista. Pena que alguns intérpretes exagerem, caso do co-roteirista Patrick Timsit, que, como Adrien, escorrega num inoportuno tom dramático.

Alfredo Sternheim

Demi Moore defende a sua honra

Columbia TriStar

STRIPTEASE

★

COMEDIA

Striptease parece um daqueles engavetamentos que vez por outra acontecem numa descida de serra: um sujeito derrapa, o que vem atrás não acha o freio, o terceiro não nota a confusão e acerta o companheiro da frente, e por aí vai. A diferença é que aqui não há aquela dimensão catastrófica alcançada, por exemplo, em *Waterworld*; é só um acidente meio besta, insuficiente para gratificar a morbidez do pessoal que vai passando devagarinho para olhar os pára-choques entortados. É um saldo decepcionante para uma produção tão comentada, pela qual Demi Moore embolsou 12,5 milhões de dólares e passou meses malhando loucamente. O problema de *Striptease* (pelo menos o principal) é que ora ele é uma comédia (fraca), ora um drama familiar (surrado), ora uma intriga política (estapafúrdia), ora um thriller erótico (morno). Sem falar na inoportuna ressurreição do ex-astro (mas ex mesmo) Burt Reynolds, sumamente desagradável no papel de um senador corrupto. É, enfim, incompreensível que tenha sido Andrew Bergman, diretor dos simpáticos *Um Novato na Máfia* e *Lua-de-Mel a Três*, o autor do filme capaz de fazer com que *Showgirls* pareça um programão.

Isabela Boscov

(EUA, 1996) **Direção**: *Andrew Bergman.* **Com** *Demi Moore, Burt Reynolds, Ving Rhames, Armand Assante, Robert Patrick, Rumer Willis, Paul Guilfoyle, Stuart Pankin. 115 min. Columbia TriStar.*

A ÚLTIMA FESTA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

DRAMA

(It's My Party, EUA, 1996) **Direção**: *Randal Kleiser.* **Com** *Eric Roberts, Gregory Harrison, Lee Grant, Olivia Newton-John, George Segal, Marlee Matlin, Bruce Davison, Roddy McDowall. 109 min. Warner/MGM.*

Warner/MGM

A festa de adeus: solidariedade

A HISTÓRIA Nick Stark é um arquiteto de sucesso que descobre estar com Aids. Após ser abandonado pelo namorado e lutar anos contra a doença, ele é avisado de que uma lesão cerebral o levará ao coma em poucos dias. Decidido a morrer com dignidade, Nick convoca amigos e familiares para sua última e grande festa, no fim da qual cometerá o suicídio. Será a sua chance para resolver todas as pendências.

O COMENTÁRIO Os reencontros e as reconciliações na festa de adeus do protagonista (Eric Roberts) são o ponto alto deste filme tocante, em que lágrimas e risadas se alternam na medida certa. A Aids é apenas o ponto de partida da história, que aborda temas universais como o amor, a amizade e a família. O bom elenco inclui as sumidas Olivia Newton-John e Marlee Matlin (de *Os Filhos do Silêncio*).

Suzana Uchôa Itiberê

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Fox	(011) 837-4500	HVC	(011) 253-0600
Alpha/Betta	(011) 230-0200	Look	(011) 536-9366
América/Paris	(011) 872-4404	Mundial	(011) 536-0677
CIC	(011) 816-0852	PlayArte/Video Arte	(011) 575-6996
Columbia TriStar	(011) 5505-3836	Sagres/Riofilme	(021) 253-4750
Europa/Cannes	(011) 7295-7020	Top Tape	(021) 205-5552
Flashstar/Miramar	(011) 255-9911	Warner/MGM	(011) 820-6777

Dulce Damasceno de Brito

Macaulay: vítima da ambição desmedida dos pais

Abril/Fox

No cinema, ser um prodígio mirim não é garantia de sucesso duradouro. Que o digam Shirley Temple, Macaulay Culkin e Tatum O'Neal

ADOLESCENTES e APOSENTADOS

No dia 26 de agosto, Macaulay Culkin fará dezessete anos. Mas, em vez de comemorar um futuro promissor, o garoto-prodígio de *Esqueceram de Mim* estará entrando numa fase rara para os adolescentes: a aposentadoria. O motivo dessa estranha situação é a má orientação de seus pais, cuja ambição desmedida prejudicou as perspectivas do filho. Sem estrutura para conviver com o sucesso, o casal Culkin quis faturar alto à custa de Macaulay e afundou toda a família. Desanimado e confuso com as esnobadas que vem recebendo dos produtores, Mac é hoje uma triste figura, já apelando para o álcool e as drogas.

Caso semelhante aconteceu com Sue Lyon. Ela tinha quatorze anos em 1962, quando derrotou oitocentas candidatas e ganhou o papel-título de *Lolita*, de Stanley Kubrick. Contrariando a censura da época, Sue interpretou com muita sensualidade o papel da menina que seduzia o professor quarentão vivido por James Mason. A sexy loirinha só não foi indicada para o Oscar de coadjuvante porque a Academia temia apoiar a precocidade sexual da atriz e da personagem. Mas, no mesmo ano de *Lolita*, quem recebeu o Oscar foi outra menina, também de quatorze anos – Patty Duke, pela memorável performance como a cega-surda-muda Hellen Keller em *O Milagre de Anne Sullivan*. Patty nunca virou uma estrela, mas manteve uma carreira estável, principalmente na TV, onde estrelou a série *The Patty Duke Show* e filmes especiais de sucesso.

Depois de *Lolita*, por sua vez, Sue Lyon só botou os pés pelas mãos. Ao filmar *A Noite do Iguana*, em 1964, julgou-se no mesmo nível das parceiras Deborah Kerr e Ava Gardner, deixando o diretor John Huston irritado com suas exigências e entrando na lista negra dos estúdios. Assim, aos dezesseis anos, a ninfeta já ia encerrando a carreira que iniciara tão bem. Desorientada, Sue aprontou poucas e boas. Foram dois casamentos inusitados – o primeiro com um jogador de futebol, Roland Harrison, de quem teve uma filha, e o outro com Gary Adamson, que cumpria pena de trinta anos no Colorado por assalto e assassinato. As bodas aconteceram na cadeia, com a atriz vestida de noiva. E foi graças a ela que, dali em diante, os presos do Colorado conquistaram o privilégio de receber as esposas nas celas. Mas as portas de Hollywood fecharam-se definitivamente para Sue.

Já Shirley Temple foi a estrelinha infantil de maior sucesso da história, reinando dos seis aos doze anos. Verdadeiro fenômeno de bilheteria, chegou a fazer oito filmes em 1934 e, por isso, recebeu um Oscar-miniatura especial. Mas ela soube retirar-se de cena estrategicamente ao completar 21 anos e ver que o público não a aceitava como atriz adulta. Outra garota inteligente foi Tatum O'Neal, que tinha onze anos quando levou o Oscar de coadjuvante de 1973 por sua estréia em *Lua de Papel*, ao lado do pai, Ryan O'Neal. Como os filmes seguintes não fizeram o mesmo sucesso, Tatum preferiu deixar o cinema e dedicar-se ao casamento com o tenista John McEnroe. Em 1993, foi a vez de outra estreante de onze anos, Anna Paquin, levar o Oscar de coadjuvante por *O Piano*. Nesse caso, tudo indica que Anna continuará a carreira em Hollywood – ao menos sua atuação no novo *Voando para Casa* vem sendo muito elogiada. ■

Sygma

Shirley Temple (*à esq.*) e Tatum O'Neal com seus Oscar: prodígios que saíram de cena na hora certa

PRIMO BENJAMIM

PETER RABBIT

PATA JEMIMA

E SEUS AMIGOS

ESSE COELHO VAI MULTIPLICAR SUAS LOCAÇÕES.

MÍDIA
TV, revistas e jornais.
MATERIAL PROMOCIONAL
displays para 48 fitas e pôsters.

A Publifolha está lançando "Peter Rabbit e seus amigos", um desenho mágico e eterno que transporta para as telas os contos consagrados de Beatrix Potter. Uma coleção de desenhos animados que vem conquistando famílias de todo o mundo. Com um produto assim, não vai sobrar uma fita nas prateleiras da sua locadora!

GATINHO TOM

SAMUEL, O RATO

D.ESPINHOSA E SAPO JEREMIAS

UM produto Video Kids

HIT ENTERTAINMENT PLC

MUNDO MÁGICO

PUBLIFOLHA VIDEO
F: (011) 224-4828

DISTRIBUIDORES PUBLIFOLHA VÍDEO: SOLICITE A VISITA DO DISTRIBUIDOR DE SUA REGIÃO:São Paulo-Joint Video: 0800 12-0811 ou 290-0811; 100% Video: (019) 234-0709 **Minas Gerais**-Rede Minas: (031) 235-6500 **Distrito Federal**-Rede Minas: (061) 340-5513 **Rio de Janeiro**-Scorpius Home Video: (021) 290-6379 **Rio Grande do Sul**-Sul Brasileira Multimídia: (048) 248-0048 **Paraná**-Sul Brasileira Multimídia: (041) 246-0320 **Ceará**-Distrivídeo: (085) 244-0355

Cartas

SAUDADE

Realmente, o mundo do cinema sofreu uma perda muito forte com a morte de Marcello Mastroianni – um ótimo ator, que ficará para sempre nas nossas memórias.

Vitor Bertini
(Rio de Janeiro – RJ)

SET começou 1997 com o pé direito. Mostrou de maneira emocionante a trajetória de sucesso do mito Marcello Mastroianni. A matéria *Dê a Volta ao Mundo em 80 Vídeos* foi uma agradável surpresa, na qual descobri filmes magníficos que estavam perdidos no tempo.

Henrique Akira Hattori
(Londrina – PR)

ELOGIOS

Irresistível é a palavra que resume a edição 115. Vocês bateram os recordes de qualidade, informação e curiosidades no mundo do cinema.

Daniel Bezerra Soares
(Timon – MA)

Quero parabenizá-los pela matéria sobre *The Wonders – O Sonho Não Acabou*. Tom Hanks continua imbatível, assim como a SET!

Ana Yumi K.Giuliano
(São Paulo – SP)

Aguardo todos os meses por uma obra de arte. Uma obra que complete meu âmago, que alimente meu desejo de saber cada vez mais sobre a arte que mexe com nossa imaginação e que constrói vidas e situações na tela. Será que eu preciso dizer qual é a obra e qual é a arte?

André
(Cangaíba – SP)

CADA VEZ MELHOR

Acompanho SET há um ano e não resisti – tornei-me assinante. A revista fica mais interessante a cada nova edição. Matérias bem elaboradas, visual atraente e principalmente críticas coerentes são seus grandes trunfos. Parabéns!

Grazielle Costa
(São Paulo – SP)

Comprovei ao receber a edição 115 que SET é a melhor revista de cinema do país. Cada nova edição supera a anterior. Continuem com esse sucesso.

Wilmar Schrurder Jr.
(Ibirubá – SP)

SET está cada vez melhor. A edição de janeiro, falando sobre tudo o que vai rolar nas telas... demais!

Marcos Dias Gonçalves
(Juiz de Fora – MG)

PONTO DE VISTA

É uma pena que SET tenha dado tão pouco espaço para *O Pequeno Dicionário Amoroso*. Trata-se de um filme adorável, que no fim-de-semana da estréia teve mais bilheteria que *O Preço de um Resgate*.

Carolina
(cmarques@uninet.com.br)

A SET 115 superou as expectativas. Simplesmente deu um show de informações, mas faltou falar mais sobre *Romeu e Julieta*. Mesmo assim, não se pode negar: ninguém comenta o cinema de forma tão ampla quanto vocês.

Ana Lúcia da Mota Dútra
(Fortaleza – CE)

OLHO VIVO

O leitor Terence Christian chama a atenção para a matéria do filme *The Wonders – O Sonho Não Acabou*: Tom Hanks concorreu a dois Oscar de melhor ator (por *Forrest Gump* e *Filadélfia*) e ganhou ambos – não um só.

"A edição 115 estava maravilhosa, principalmente pela cobertura à memória do inesquecível Marcello Mastroianni e pela matéria *Os Grandes Filmes que Você Vai Ver em 1997*."

Josiane Maria Bosqueiro
(Sta. Bárbara D'Oeste – SP)

entre leitores

Vendo ou troco materiais de filmes e atores, além da coleção da SET e várias revistas importadas.
Humberto, Caixa Postal 132, CEP 60001-970 (Fortaleza – CE)

Coleciono filmografias e quero manter um intercâmbio com leitores que tenham o mesmo hobby.
Carlos Delpino Lobo
R. Dona Célia, 200, CEP 25973-250 (Teresópolis – RJ)

Troco correspondência com fãs do mestre do terror, Stephen King.
Edson Santos Cardoso
Av. Getúlio Vargas, 295, CEP 44245-000 (Conceição do Jacuípe – BA)

Consulte pela Internet: vídeos, fotos, filmografias e links para os grandes filmes e estúdios. http:www.powerline.com.br/cultura/video.htm
Otto Marcelo Giovanetti Lima (ottolima@powerline.com.br)

Quero me corresponder com pessoas que possuam qualquer material sobre o Oscar (de 1980 a 1996), ou mesmo comentário e opinião própria.
Danielle Nazareno Silva
R. Samambaia, 08, CEP 69050-700 (Manaus – AM)

Coleciono material sobre Kevin Costner e tenho vasto material sobre Madonna para troca.
Margareth Martins Belo
R. Felipe Condurú, 353, CEP 65235-000 (São Bento – MA)

Tenho interesse em artigos sobre Michael Douglas, especialmente biográficos.
Edméa R. Ruivo
R. Arruda Alvim, 187, CEP 05410-020 (São Paulo – SP)

Quero divulgar o primeiro site sobre Jodie Foster do Brasil. http://www.geocities.com/Hollywood/Set/2008
Hamilton Oliveira (oliveira@nutecnet.com.br)

Escreva para a SET, Avenida das Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 867-3215 ou via internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

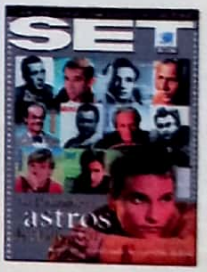
ÚLTIMAS edições

Nº 116
FEVEREIRO 97
A Nova Geração de Star Trek em *Primeiro Contato*; Jack Nicholson em *Marte Ataca!*; a "regeneração" de Mel Gibson; Anthony Hopkins abre o jogo; Madonna em *Evita*; em vídeo, *Missão Impossível*.

Nº 115
JANEIRO 97
SET antecipa os grandes filmes de 97; uma homenagem a Mastroianni; a volta ao mundo em 80 vídeos; Woody Allen explica como transformar neuroses em filmes; em vídeo, *Twister*.

Nº 114
DEZEMBRO 96
Uma seleção dos melhores vídeos de 96; Glenn Close em *101 Dálmatas*; as filmagens de *For All* em Natal; Francis Coppola fala de trabalho e lazer; em vídeo, *O Primeiro Amor de um Homem*.

Nº 113
NOVEMBRO 96
Os jovens e poderosos talentos de Hollywood; os 99 melhores lançamentos do mês no cinema, vídeo e TV por assinatura; DVD, o disco que vai substituir o vídeo; um perfil de Robert De Niro.



Nº 112
OUTUBRO 96
Os dez maiores astros de Hollywood e o novo candidato a mito Matthew McConaughey, de *Tempo de Matar*; por que um filme custa tão caro; as filmagens de *Ed Mort*; em vídeo, *Fargo*.

Nº 111
SETEMBRO 96
Demi Moore por inteiro em Striptease; Schwarzenegger em *Queima de Arquivo*; nosso correspondente vira ator por um dia; uma seleção de 44 ótimos dramas; em vídeo, *Jumanji*.

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/810-4800) ou mesmo telefone (011/810-6800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-6800.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 867-3000 - Fax: (011) 867-3300 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021 - Caixa Postal: 4816 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 / 532-1583

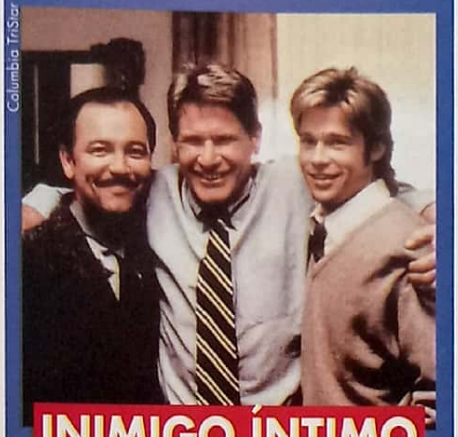
REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza/CE - Tel.: (085) 254-1666 Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Av.Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 335-8789
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel.: (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax: (048) 232-0519
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. - Rua Fábio Rusch, 42 A - Bento Ferreira - Espírito Santo - Telefax: (027) 324-1174

PRÓXIMAS atrações:

o que você vai ver na SET de abril

Columbia TriStar



INIMIGO ÍNTIMO

★ **Brigas, confusão, hostilidade, revisões de roteiro, atrasos: os bastidores do filme que fez Brad Pitt e Harrison Ford baterem de frente**

UIP

O SEGREDO

★ **Chris O'Donnell é um advogado na mais nova adaptação de um livro de John Grisham**

Columbia Buena Vista

THE PREACHER'S WIFE

★ **Whitney Houston e Denzel Washington estrelam este misto de romance e musical**

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor de Redação: Jorge de Souza

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editor: Christian Petermann
Editor Assistente: Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboram nesta edição: Texto: Alessandro Giannini, Alfredo Sternheim, Claudia Erthal, Dulce Damasceno de Brito, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê (coordenação de TV por assinatura).
Revisão: Vera Rodrigues

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Ana Lúcia Serra
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Conta: Miriam Horta
Contato de Agência: Andrea Madrid
Contatos Diretos: Marília Guiti Hindi
Coordenação: Supervisor: José Soares
Coordenadora: Mônica Nicolau

COMERCIAL
Diretor: Sérgio Fernandes
Gerente de Produto: Luciene Laureano
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Pesquisa: Sílvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (**ISSN 0104-1592**, edição 117, março de 1997). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 867-3300. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro, CEP 20030-021, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486/532-1583, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05066-900 – São Paulo – **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868-3018, fone (011) 868-3038 E-mail: **dinap.na@email.abril.com.br**, pagando com os cartões: Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem. Impresso na Div. Gráfica da Editora Abril.

ANER

Fotolito: Bureau Azul

IVC

É TUDO MENTIRA

Ah, os bastidores do cinema. Quando os olhos do público são desviados da magia da cena para o que acontece por trás das câmeras, até um clássico como *Spartacus* ganha novos contornos.

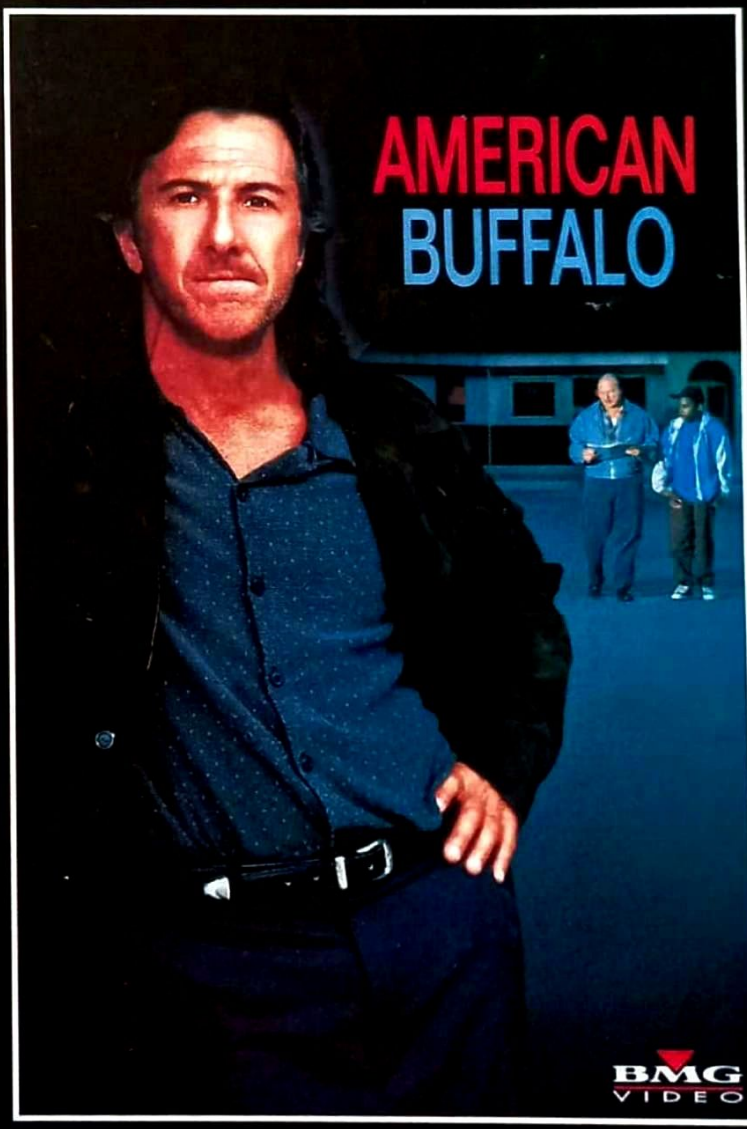
O espetáculo dirigido por Stanley Kubrick em 1960, que retrata a revolta e o inconformismo humano, se revela um grande circo, no qual homens vestidos em roupas de época convivem com um batalhão de técnicos, equipamentos e todo o resto que torna a magia real. No caso de *Spartacus*, nem é preciso dizer que tudo funciona: convocado pelo astro Kirk Douglas para substituir o diretor Anthony Mann, que fora sumariamente demitido, Kubrick saiu da maré baixa em que andava e foi (novamente) consagrado pela crítica. Douglas, por sua vez, deixou de ser apenas outro "cara durão", e Tony Curtis protagonizou com Laurence Olivier o relacionamento amoroso mais escancarado (e, ao mesmo tempo, mais sutil) do cinema.

LANCAMENTO
MARÇO

DOIS ATORES EXTRAORDINÁRIOS EM DOIS GRANDES FILMES

DENNIS HOPPER

DUSTIN HOFFMAN

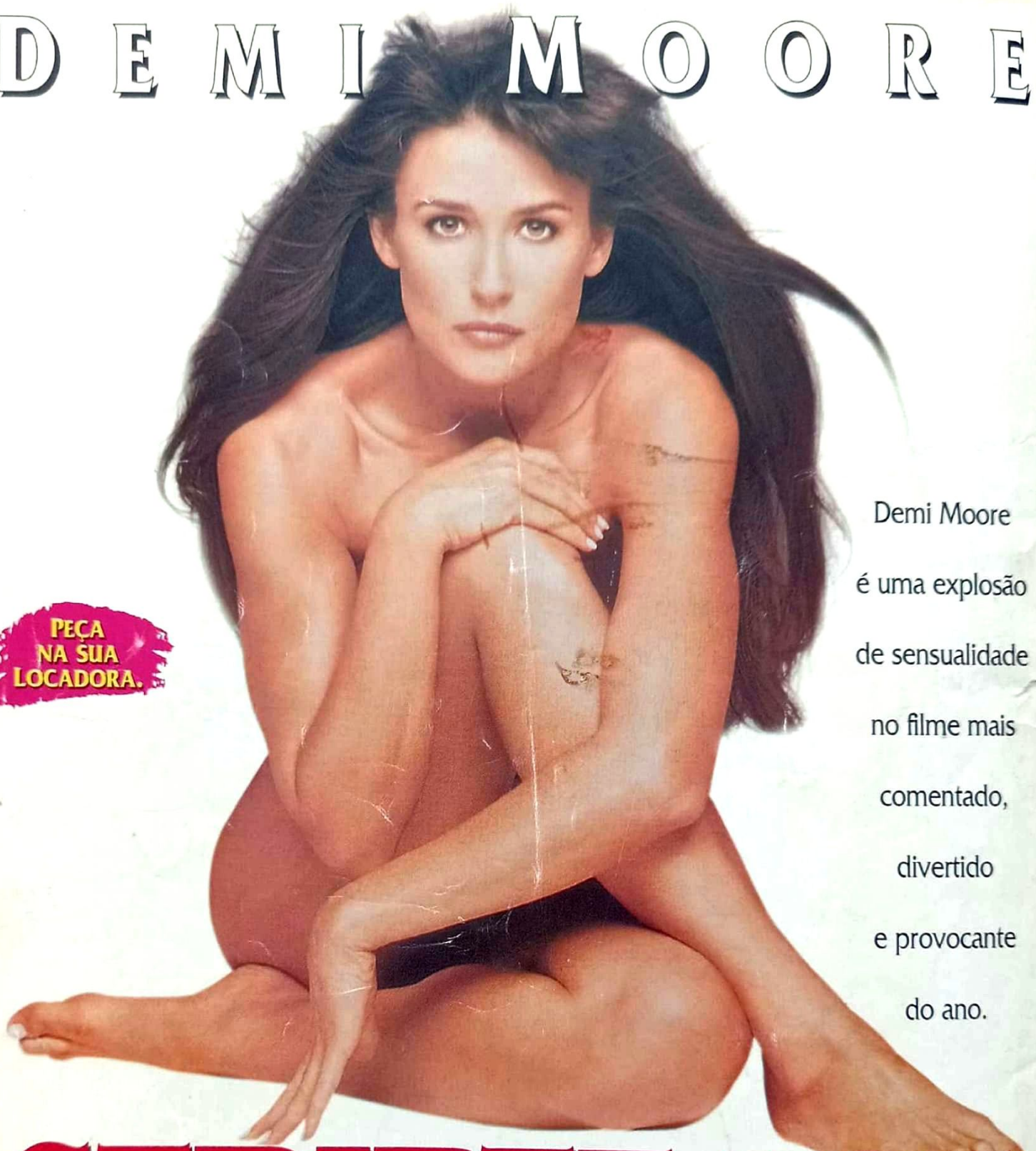


EUROPA
HOME VIDEO

EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS, BREVE EM VÍDEO!

CANNES
HOME VIDEO

DEMI MOORE



PEÇA NA SUA LOCADORA.

Demi Moore é uma explosão de sensualidade no filme mais comentado, divertido e provocante do ano.

STRIPTEASE

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

CASTLE ROCK ENTERTAINMENT APRESENTA UMA PRODUÇÃO LOBELL/BERGMAN UM FILME DE ANDREW BERGMAN DEMI MOORE "STRIPTEASE" ARMAND ASSANTE VING RHAMES ROBERT PATRICK E BURT REYNOLDS COSTUMES MARGUERITE POMERHN DERRICKS MÚSICA HOWARD SHORE SUPERVISÃO MUSICAL JOE SILL EDIÇÃO ALBERT WOLSKY MONTAGEM ANNE V. COATES, A.C.E. ESCULTURA MEL BOURNE DIRETOR DE FOTOGRAFIA STEPHEN GOLDBLATT, A.S.C. PRODUTOR EXECUTIVO JOSEPH HARTWICK BASEADO NO LIVRO DE CARL HIAASEN ESCRITO ANDREW BERGMAN PRODUZIDO POR MIKE LOBELL DIRIGIDO POR ANDREW BERGMAN

SET

ESPECIAL

EDITORA AZUL

Este suplemento é parte integrante da revista SET, ed. 117. Não pode ser vendido separadamente

Tom Cruise
melhor ator por *Jerry Maguire*

Frances McDormand
melhor atriz por *Fargo*

Woody Harrelson
melhor ator por *O Povo vs. Larry Flynt*

OSCAR 97

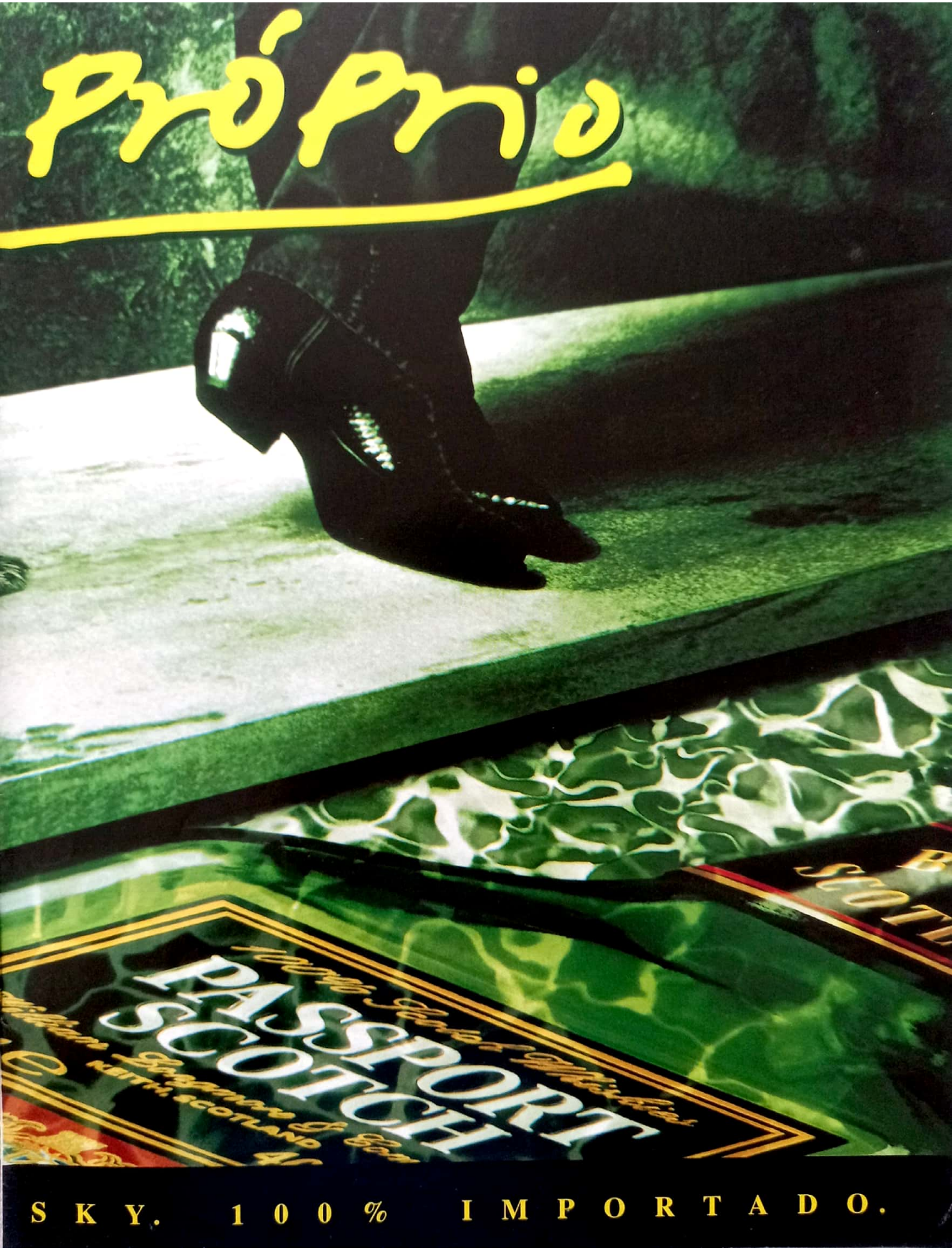
Diane Keaton
melhor atriz por *Marvin's Room*

Ralph Fiennes
melhor ator por *O Paciente Inglês*

Milos Forman
melhor diretor por *O Povo vs. Larry Flynt*

TUDO SOBRE TODOS OS INDICADOS

STANDARD OGILVY


Próprio
PASSPORT
SCOTCH
SKY. 100% IMPORTADO.

MELHOR FI

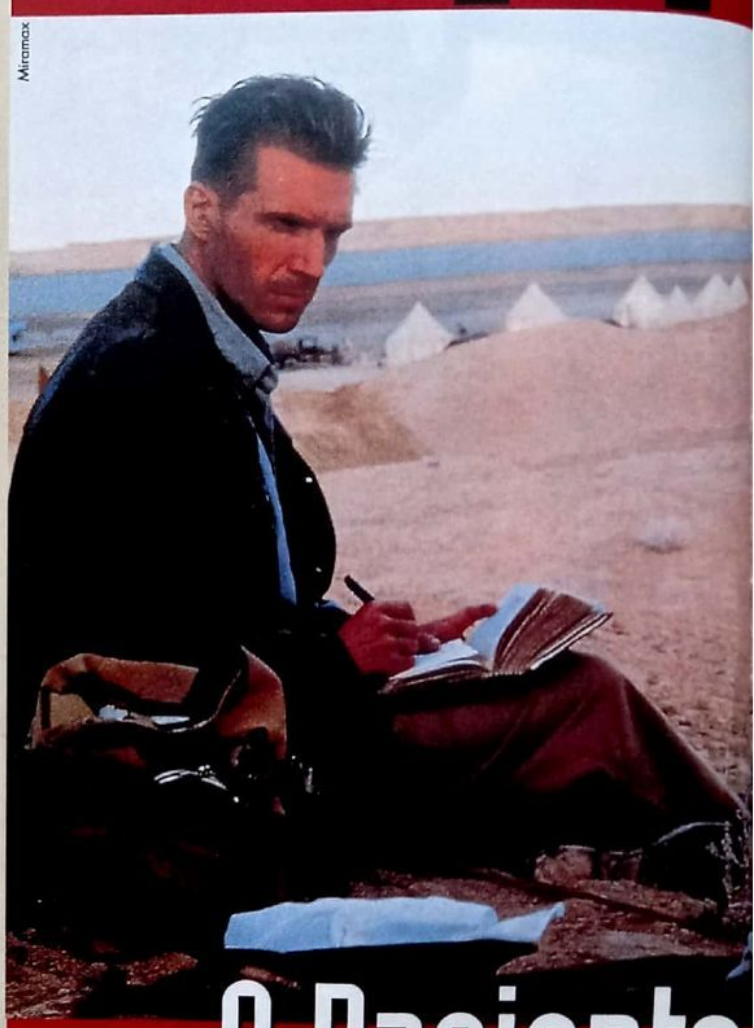
Poucas vezes a concorrência esteve tão forte. Ainda assim, *O Paciente Inglês* lidera as apostas

Segredos e Mentiras

O inglês Mike Leigh fez de *Segredos e Mentiras* o seu *Gente como a Gente*: um drama familiar que pode estar acontecendo na casa vizinha. Mas o filme – premiado com a Palma de Ouro em Cannes e dono de cinco indicações – vai mais fundo. Uma jovem negra parte em busca de sua mãe verdadeira após a morte de seus pais adotivos – e descobre que ela é branca. Apesar da surpresa, surge um forte relacionamento entre as duas. A verdade é exposta para o restante da família num momento de grande tumulto e revelações.

Fargo

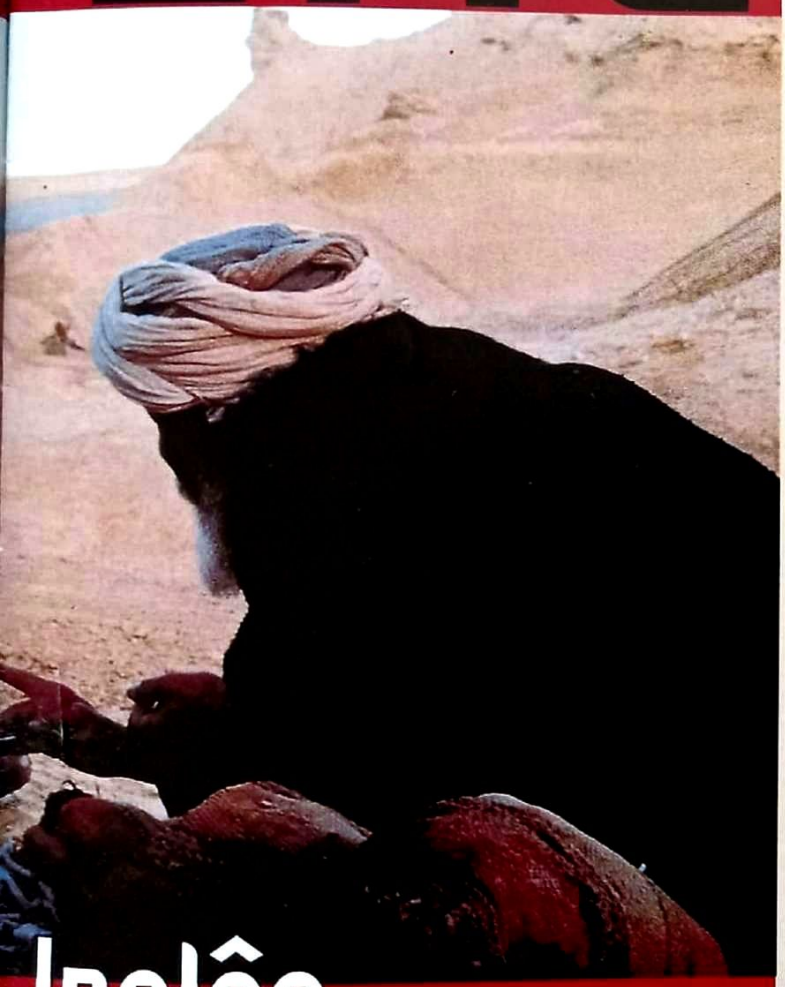
Por mais que alguns produtores relutem em aceitar este fato, às vezes o talento vale bem mais que o dinheiro. A prova? *Fargo*. Para cada centavo a menos no orçamento, *Fargo* tem um tostão a mais na criatividade dos irmãos Joel e Ethan Coen (diretor e produtor, respectivamente), na atuação discretamente humorística e acintosamente brilhante de Frances McDormand, na pontuação original dos fatos que relata (e que não são verídicos, como promete a abertura do filme) e no impecável elenco de apoio. Segundo a preferência do espectador, é uma tragédia ou uma comédia minimalista. Há uma unanimidade, porém: este é, talvez, o melhor filme de 1996, tanto que recebeu sete indicações.



O Paciente

Um livro maravilhoso, mas infilmável: esse era o veredicto sempre que alguém mencionava o cultuado romance do canadense Michael Ondaatje. Mas regras existem para ser quebradas – e, no caso da adaptação capitaneada pelo diretor inglês Anthony Minghella, quebradas com sucesso. *O Paciente Inglês* resultou um filme arrebatador

LME



Inglês

em suas tintas épicas e românticas, ressaltadas por uma tragédia que gradualmente se desenha nos relatos de um homem misterioso que, desfigurado por queimaduras, conversa com uma enfermeira durante a Segunda Guerra. Já levou o Globo de Ouro de melhor filme dramático e é um candidato fortíssimo ao Oscar, com doze indicações.

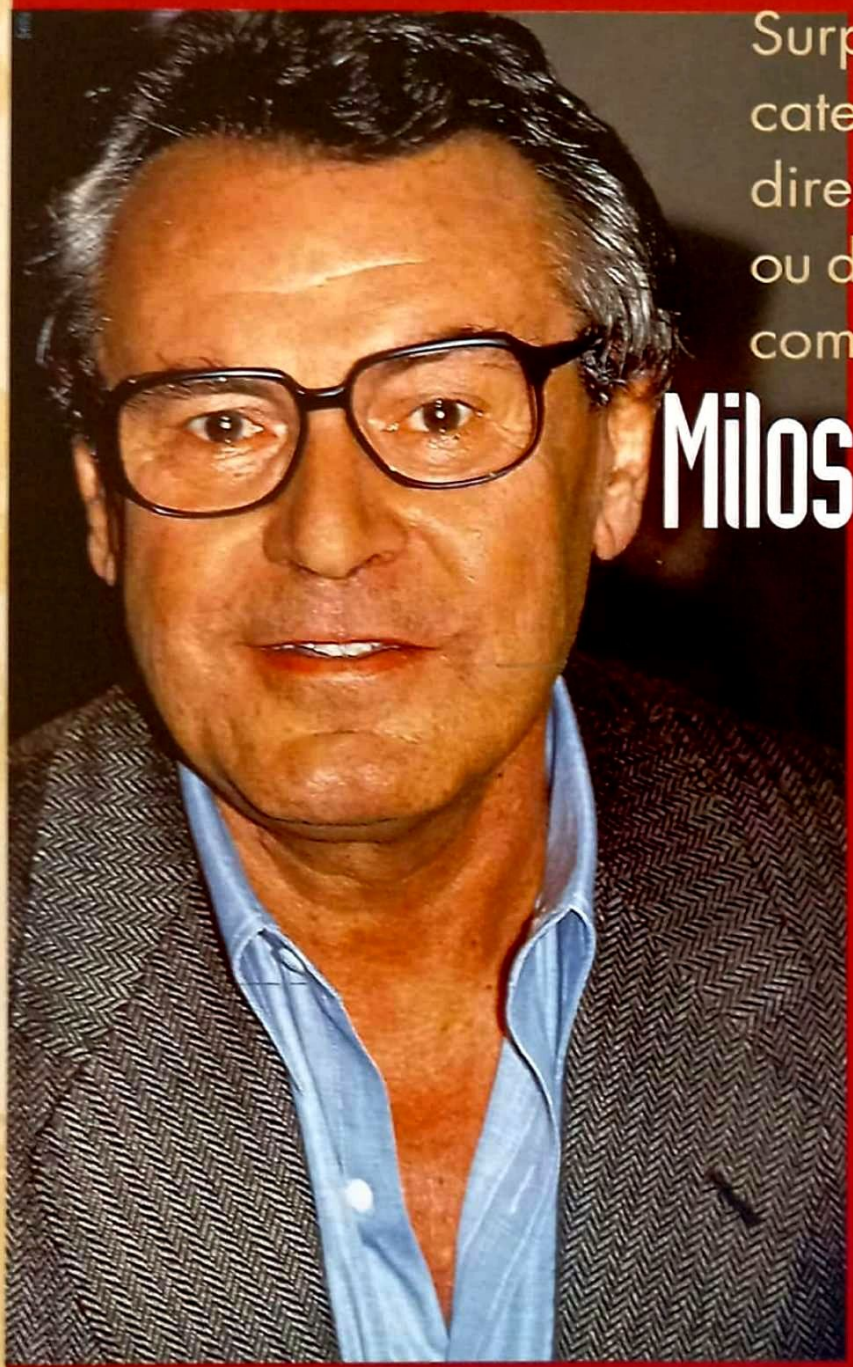
Se o mundo fosse justo...

... *O Povo vs. Larry Flynt* teria achado uma vaguinha entre os indicados a esta categoria. Mas o filme de Milos Forman foi prejudicado, em parte, por seu tema explosivo.

A Academia adora histórias de pessoas que superam adversidades. Se elas forem mentalmente perturbadas, tanto melhor; e se elas saltarem do limbo para a fama, se tornam quase imbatíveis. *Shine* é tudo isso – e mais um pouco. É um drama inteligente, original, que reúne três talentosos atores para contar a vida de um único personagem verídico: o pianista David Helfgott, um prodígio na infância, mas que se perdeu na obscuridade da esquizofrenia por causa da sufocante pressão exercida por seu pai. Musical até em seu ritmo, o filme do australiano Scott Hicks já pôs muita gente para chorar. Seus produtores, por outro lado, têm chances de sair da festa do Oscar com um belo sorriso. Tem sete indicações.

A combinação parece estranha: um superastro, um diretor quase alternativo, uma novata e um talento do cinema negro, todos unidos por uma trama que narra a queda em desgraça de um yuppie ganancioso. O resultado, porém, é dos mais felizes – literalmente. Com diálogos que se ajustam direitinho aos ouvidos da platéia, a direção fluente e ritmada de Cameron Crowe e as atuações muito inspiradas de Tom Cruise, Cuba Gooding Jr. e Renee Zellweger, *Jerry Maguire* é um desses filmes capazes de alegrar até um deprimido contumaz. Uma boa aposta, com cinco indicações.

MELHOR DIRETOR



Surpresa total: nesta categoria, a festa é dos diretores independentes ou das figuras polêmicas, como Milos Forman

Milos Forman

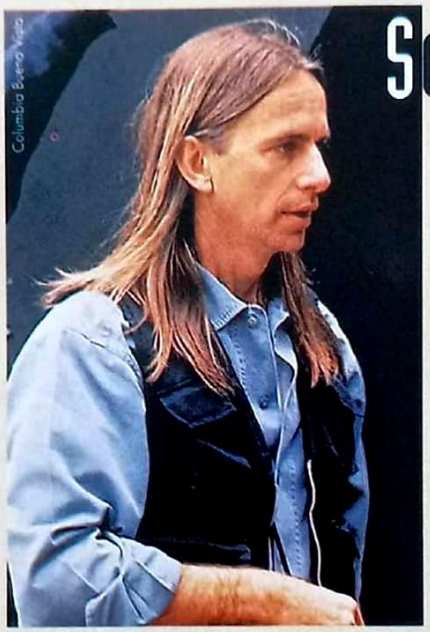
Desde 1989 Milos Forman não se decidia a retomar seu posto atrás das câmeras, de onde comandou filmes decisivos como *Um Estranho no Ninho*. Mas, quando topou com o roteiro de *O Povo vs. Larry Flynt*, ele não hesitou: ali estava uma história com toda a ironia, o sabor e também a raiva com que esse cineasta tcheco costuma temperar seus trabalhos. Flynt, afinal, é o fundador da revista pornô barra-pesada *Hustler*, e é também, ironicamente, um símbolo da defesa à liberdade de expressão, pela qual passou anos a fio lutando nos tribunais. Por esse trabalho, Forman já levou o Globo de Ouro de direção – e pode também amealhar seu terceiro Oscar. Prêmios anteriores: **melhor diretor por *Um Estranho no Ninho* e *Amadeus*.**

Se o mundo fosse justo...

... a Academia não teria ficado cheia de dedos e teria reconhecido ao menos com uma indicação o talento e a ousadia demonstrados pelo escocês Danny Boyle com *Trainspotting*.

Anthony Minghella

Desde 1992, quando foi lançado, o livro *O Paciente Inglês* conquistou a admiração de milhares de leitores, que se deixaram envolver por sua espiral de lembranças, personagens e paisagens, todos unidos na pessoa de um homem desfigurado por queimaduras e entregue aos cuidados de uma enfermeira solitária, durante a Segunda Guerra. Mas o livro era objeto de outra unanimidade ainda: era impossível filmá-lo. Quem desafiou esse veredicto foi o dramaturgo inglês Anthony Minghella, dono de um magro currículo cinematográfico (*Um Romance do Outro Mundo* e *Um Amor de Verdade*), mas de uma vontade de ferro. Em suas mãos, *O Paciente Inglês* virou um épico romântico que honra a melhor tradição do gênero – e já conquistou o Globo de Ouro de melhor filme. Candidato seriíssimo ao Oscar.



Scott Hicks

O australiano Scott Hicks pode não ser muito conhecido (ainda), mas dele já se sabe com certeza que é um obstinado. Com uma carreira quase toda dedicada ao documentário, Hicks já levara o prêmio do Festival de Frankfurt de 1988 por um trabalho de ficção, *Sebastian and the Sparrow*. Desde então, quase não fez outra coisa a não ser pensar em *Shine – Brilhante*, pelo qual passou dez anos batendo à porta de investidores que bancassem a história (verídica) de um prodígio da música que, ainda jovem, mergulha na loucura, para só na meia-idade retomar sua arte. Valeu o esforço: *Shine* é um dos filmes mais elogiados de 1996, e tem boas chances na disputa.

Mike Leigh

O diretor inglês Mike Leigh acertou no alvo com *Segredos e Mentiras*. Ao contar de maneira econômica a história da amizade entre uma mãe e uma filha que somente se conhecem após a morte dos pais adotivos da jovem, Leigh conseguiu ser emocionante sem pieguice, e comoveu o público com uma trama que, ao mesmo tempo em que parece tão familiar, soa distante. O detalhe: enquanto a mãe, uma inglesa neurótica de meia-idade, é branca, sua filha é negra, fruto de um relacionamento mal explicado.

Joel Coen

Só mesmo Joel Coen – junto com seu irmão, o produtor Ethan – poderia transformar um seqüestro seguido de assassinato numa deliciosa comédia de humor negro. *Fargo* consegue ser interessante e surpreendente, mostrando como uma policial muito grávida é o único vestígio de honestidade, decência e clareza num mundo tomado pela ganância e pelo cinismo. Joel é talentoso, faz tudo em família (a protagonista de *Fargo* é sua mulher, Frances McDormand) e arranca de seu público não gargalhadas, mas sorrisos nervosos.

MELHOR AT

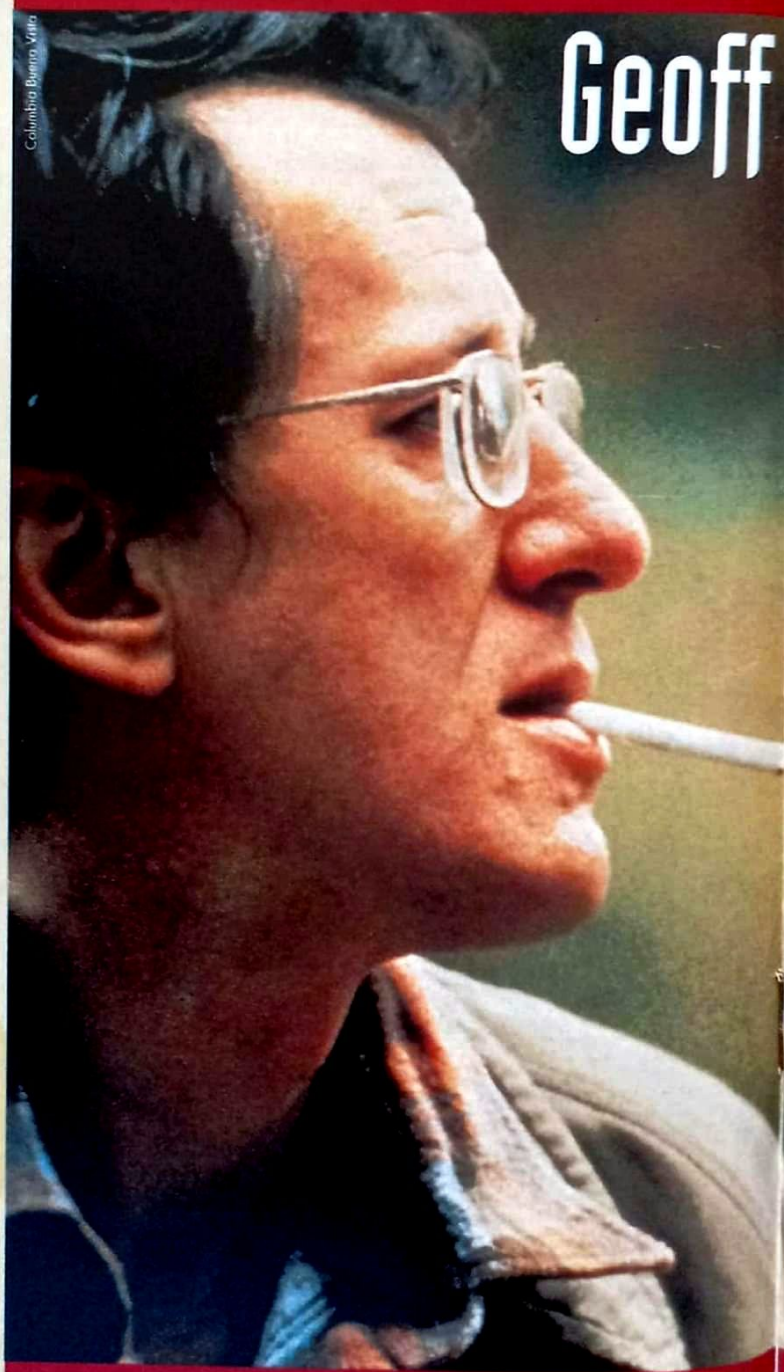
Já premiado com o Globo de Ouro por *Shine*, o australiano Geoffrey Rush promete dar trabalho aos rivais

Ralph Fiennes

Em 1993, ele despontou para a notoriedade com o doentio e violento nazista de *A Lista de Schindler*. Foi uma atuação soberba, mas seu autor se revelou caprichoso: em vez de quebrar a banca, Ralph Fiennes (cujo nome deve ser pronunciado rimando com "safe signs") preferiu escolher seus roteiros de acordo com preferências pessoais – nem sempre idênticas às do público. Mesmo seu filme mais famoso desde então, *Quiz Show*, obteve uma acolhida discreta. Com *O Paciente Inglês*, no entanto, Ralph mostra que tinha suas razões: o filme é um sucesso, e sua interpretação, arrebatadora. Mais ou menos como ganhar pela segunda vez na loteria. **Indicação anterior**: melhor ator coadjuvante por *A Lista de Schindler*.

Se o mundo fosse justo...

... a extraordinária interpretação de Liam Neeson no papel-título de *Michael Collins – O Preço da Liberdade* não teria sido solenemente ignorada pelos votantes da Academia.



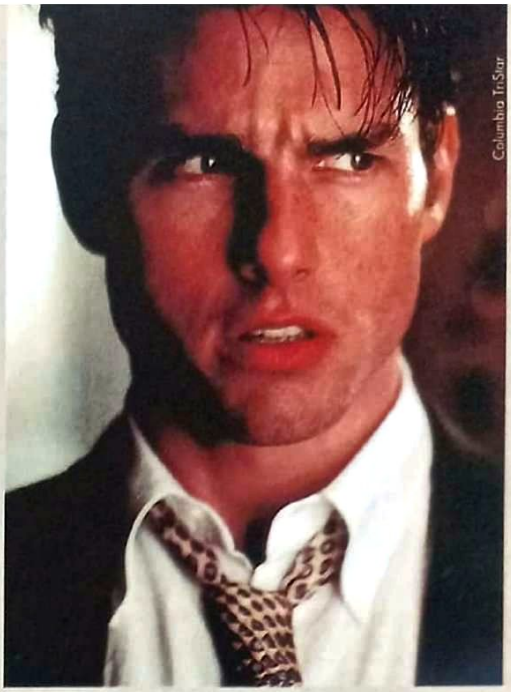
Geoff

OR

rey Rush

Com duas décadas dedicadas ao teatro, este consagrado ator australiano é um caso raro: só agora, aos 45 anos, faz sua estréia no cinema. Mas que estréia. Em *Shine – Brilhante*, ele imprime humor, sentimento e veracidade a um papel que, em mãos menos hábeis, poderia ter se transformado no suprassumo da pieguice. Afinal, o pianista David Helfgott, que ele interpreta, é um homem que está saindo de décadas de doença mental para, pouco a pouco, juntar os fragmentos de sua personalidade e retomar sua grande vocação – a música. Falando sem parar, alternando estados de espírito e comportando-se de forma geralmente excêntrica, o David Helfgott de Geoffrey Rush já é um personagem de dimensões clássicas.

Tom Cruise

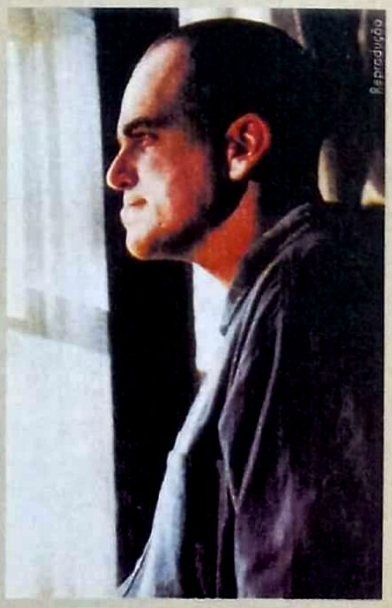


Longe das pressões de um filme-evento – como foi o caso de *Missão Impossível* –, o astro Tom Cruise mergulhou numa produção despretensiosa e leve sobre um agente esportivo que sofre uma crise de consciência. Os resultados não poderiam ter sido melhores: Tom nos brindou com sua melhor atuação em muito tempo (e conquistou um Globo de Ouro por ela), dando ao filme *Jerry Maguire* uma credibilidade e simpatia que conquistam até o mais descrente detrator do sorriso-símbolo de Hollywood. **Indicação anterior**: melhor ator por *Nascido em 4 de Julho*.

Woody Harrelson

Só um louco poderia ter apostado que aquele rapaz loiro e meio desengonçado da telessérie *Cheers* um dia seria um ator de respeito – e as participações em filmes como *Proposta Indecente* não ajudavam a desmentir essa impressão. Mas aquela promessa com que Woody Harrelson acenou em *Assassinos por Natureza* agora se concretiza de fato em *O Povo vs. Larry Flynt*, um filme irreverente e polêmico sobre o criador da revista pornô *Hustler*, que passou anos lutando na Justiça pela liberdade de expressão. Pensando bem, é um papel sob medida para Woody, que vive comprando brigas com bispos retrógrados ou alardeando as virtudes da maconha.

Billy Bob Thornton



Azarão total: aos 41 anos, este ex-cantor e baterista de rock de Los Angeles, com um histórico modesto nos cinemas, conquista o reconhecimento já em seu primeiro grande projeto. Lembrado por ter atuado em filmes como *Um Passo em Falso* (também co-escrito por ele) e *Dead Man*, Billy Bob Thornton dirigiu, escreveu e protagonizou *Sling Blade*, que levou ainda uma indicação ao Oscar de roteiro adaptado. No filme, ele interpreta o paciente de um manicômio que é solto 25 anos depois de assassinar a mãe e o seu namorado e enfrenta o choque do contato com a realidade. Segundo previsões da própria mãe de Thornton, uma vidente, esta indicação é apenas uma das dádivas que a vida lhe oferecerá. Pelo jeito...

As indicadas deste ano têm um ponto em comum: são atrizes discretas, que não fazem alarde de seu imenso talento

Miramax

Kristin Scott Thomas

Quando ela tinha dezoito anos, um professor de arte dramática disse-lhe que ela jamais seria uma atriz. Não se sabe o nome do sujeito, mas pode-se garantir que ele era cego, ou obtuso, ou ambos. Aparentemente feita sob medida para papéis de inglesas esnobes, irônicas e reprimidas, como a que interpretou em *Quatro Casamentos e um Funeral*, Kristin mostra o reverso de sua moeda em *O Paciente Inglês*. Com sua incendiária combinação de inteligência e sensualidade, ela é uma razão perfeitamente compreensível para os riscos que o conde Almasy (Ralph Fiennes) corre em seu nome.

Arte Films

Emily Watson

Para quem estava cansada de fazer figuração em peças do National Theatre de Londres, esta estreante inglesa deu um salto considerável. Emily Watson vem causando sensação com seu desempenho vulcânico em *Ondas do Destino*, em que vive Bess, a garota pura e religiosa que faz sexo com vários homens para satisfazer com seus relatos seu adorado marido, que ficou paralítico após um acidente. Para o diretor Lars Von Trier, ela combina a santidade de Joana D'Arc com a espontaneidade de Giulietta Masina. Talvez seja exagero, mas Emily de fato parece possuir um talento inesgotável.

Se o mundo fosse justo...

... mais gente teria visto (e apreciado) a performance a um tempo corajosa e engraçada de Laura Dern em *Ruth em Questão*. É uma ótima atuação, mas muito menosprezada.

Diane Keaton

Há mais de quinze anos sem receber uma indicação ao Oscar, Diane Keaton finalmente corre o delicioso risco de ter de subir ao palco para agradecer pela estatueta. Em *Marvin's Room*, Diane é Bessie, um dos papéis mais tristes de sua carreira: ela passa a vida cuidando do pai, vítima de um derrame, e também de uma tia rancorosa. Como se não bastasse, Bessie descobre estar com leucemia. Para ter uma chance de sobreviver, é obrigada a reencontrar a irmã (Meryl Streep) que não vê há vinte anos, para convencê-la a doar sua medula. Geralmente lembrada por tipos cômicos, Diane aqui atinge um dos pontos altos de sua carreira com um papel difícil e sufocante. **Prêmio anterior**: melhor atriz por *Noivo Nervoso, Noiva Neurótica*. **Indicação anterior**: melhor atriz por *Reds*.

Lumière

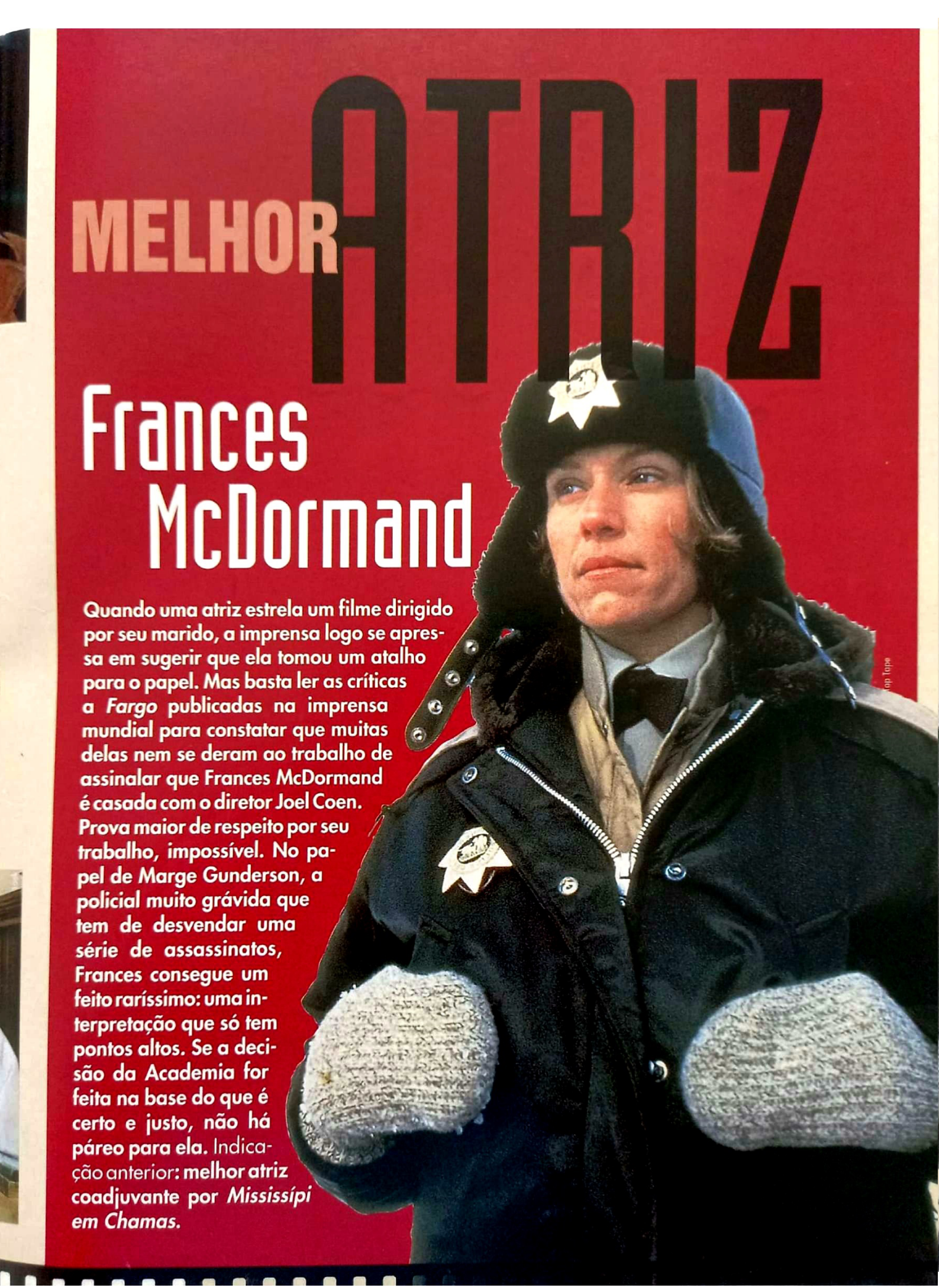
Brenda Blethyn

"Brenda quem?" Essa pergunta foi feita por muitas pessoas depois que a atriz inglesa Brenda Blethyn levou o Globo de Ouro de melhor atriz dramática por seu papel em *Segredos e Mentiras*, do diretor Mike Leigh. Para quem viu o filme, não foi nenhuma surpresa, já que Brenda se entrega apaixonadamente à sua personagem, uma mulher de meia-idade que, em meio a uma crise familiar, se reencontra com a filha – dada em adoção quando nasceu. Também não será surpresa se ela adicionar o Oscar à sua coleção de prêmios, que já inclui a Palma de Ouro do Festival de Cannes.

MELHOR ATRIZ

Frances McDormand

Quando uma atriz estrela um filme dirigido por seu marido, a imprensa logo se apressa em sugerir que ela tomou um atalho para o papel. Mas basta ler as críticas a *Fargo* publicadas na imprensa mundial para constatar que muitas delas nem se deram ao trabalho de assinalar que Frances McDormand é casada com o diretor Joel Coen. Prova maior de respeito por seu trabalho, impossível. No papel de Marge Gunderson, a policial muito grávida que tem de desvendar uma série de assassinatos, Frances consegue um feito raríssimo: uma interpretação que só tem pontos altos. Se a decisão da Academia for feita na base do que é certo e justo, não há páreo para ela. Indicação anterior: **melhor atriz coadjuvante por *Mississípi em Chamas*.**



Para o novato Edward Norton, o reconhecimento veio rápido. Para Lauren Bacall, demorou algumas décadas

Armin Mueller-Stahl

Desde que chegou ao Ocidente no início da década passada – após ser consagrado nos palcos e telas da Alemanha Oriental, de onde fugiu por protestar contra o governo –, este ator nascido na URSS vem construindo uma nova e brilhante carreira. Seu imenso talento é comprovado em *Shine*, no qual ele interpreta o sufocante pai do pianista David Helfgott. Mais uma curiosidade: o próprio Armin foi um prodígio do violino.

William H. Macy

O vendedor de automóveis Jerry Lundegaard, é triste, oprimido, atrapalhado e está à beira da falência – mas é ele quem responde por vários dos melhores momentos de humor negro de *Fargo*. Eterno coadjuvante, Macy exibe um altíssimo índice de bons filmes em seu currículo. Agora, quem sabe, o devido reconhecimento pode chegar.

Cuba Gooding Jr.

Está certo que *Jerry Maguire* é um filme feito sob medida para Tom Cruise. Mas é incrível como Cuba Gooding Jr. rouba todas as cenas em que aparece. No papel de um esportista falastrão e cheio de ginga, ele transborda bom humor e simpatia. É um salto e tanto para quem começou num filme pesadão como *Os Donos da Rua* e andava perdido em papéis menores de grandes produções, como *Epidemia*.

James Woods

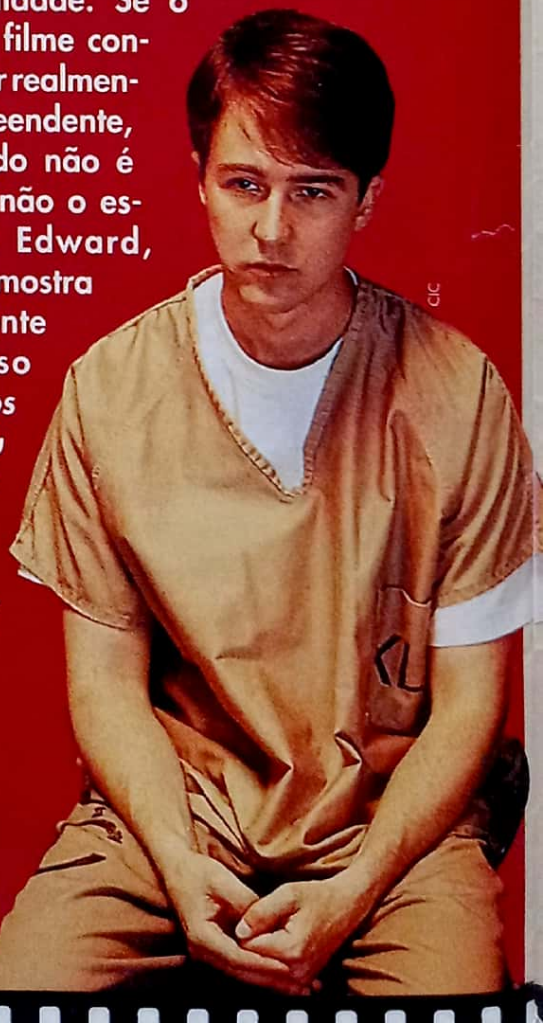
Considerando o quanto James Woods é fanático por trabalho, e o quão talentoso ele é (especialmente quando faz o vilão), é um mistério que ele ainda esteja na segunda indicação ao Oscar. Mais misterioso ainda é que ela tenha vindo por *Fantasmas do Passado*, já que o filme de Rob Reiner teve uma recepção merecidamente fria. Mas Woods se esforça no papel de Byron De La Beckwith, o raivoso e venal racista que, em 1963, matou pelas costas o militante negro Medgar Evers. **Indicação Anterior**: melhor ator por *Salvador – O Martírio de um Povo*.

MEL

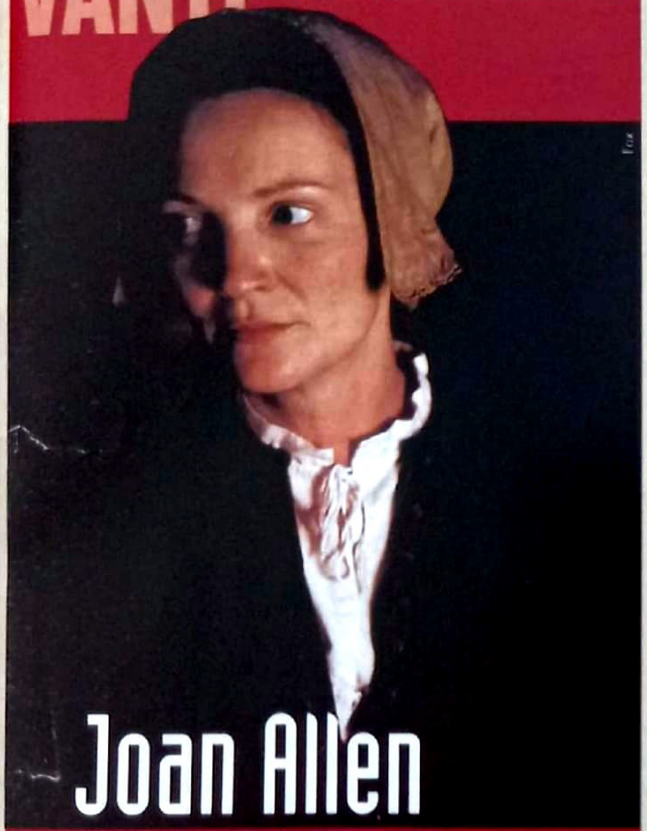
ATOR COADJU

Edward Norton

Ao final de *As Duas Faces de um Crime*, a pergunta do público era uma só: quem era aquele garoto que interpretava o assassino defendido na corte por Richard Gere? O motivo de tanta admiração é Edward Norton, que deixou platéia e colegas de queixo caído ao atuar como gente grande num papel complexo e difícil – o de um jovem que possui dupla personalidade. Se o final do filme consegue ser realmente surpreendente, o culpado não é outro senão o estreante Edward, que se mostra igualmente talentoso em *Todos Dizem Eu Te Amo* e *O Povo vs. Larry Flynt*.



HOR ATRIZ VANTE



Joan Allen

Quem teve a paciência de ver o *Nixon* de Oliver Stone pôde conferir: Joan Allen, de 40 anos, é uma das grandes atrizes do momento, capaz de combinar técnica e emoção com doses iguais de talento e discrição. Por isso, desde que *As Bruxas de Salem* chegou aos cinemas americanos, no finalzinho do ano passado, sua indicação para o Oscar já era dada como certa. E por isso também sua candidatura – pelo papel da religiosa e honestíssima fazendeira Elizabeth – desde já tem um gostinho de "já ganhou". Indicação anterior: melhor atriz coadjuvante por *Nixon*.

Marianne Jean-Baptiste

Brenda Blethyn é o corpo do drama *Segredos e Mentiras*, mas a inglesa Marianne é sua alma; é impossível não se emocionar com a personagem da mulher negra que parte em busca de sua mãe e descobre que ela é branca. Mais que uma ponte para a expressão do talento de sua parceira, Marianne é o ponto de equilíbrio entre a fragilidade e a força de duas mulheres.

Lauren Bacall

Se *O Espelho Tem Duas Faces* possui algum mérito, ele se chama Lauren Bacall. Passeando entre a comicidade e a ternura, ela dá um show como a mãe que deixa a filha Barbra Streisand complexada com sua aparência e mostra que Hollywood não pode cometer erro mais grave do que "esquecer" suas atrizes quando elas envelhecem. Sua premiação com o Globo de Ouro é a prova disso – e um reconhecimento que pode se estender para a Academia.

Se o mundo fosse justo...

... o veterano e consagradíssimo inglês Paul Scofield, que tem a presença mais eletrizante de *As Bruxas de Salem*, não ficaria de fora das indicações.

Barbara Hershey

Depois de brilhar como a Maria Madalena de *A Última Tentação de Cristo*, a americana Barbara Hershey pode levar uma estatueta para casa por *Retrato de uma Mulher*. No filme de Jane Campion, ela é a madame Serena Merley, primeiro amiga e depois traidora da protagonista Isabel Archer. Mesmo tendo perdido o Globo de Ouro, Barbara ainda é uma séria concorrente ao Oscar.

Juliette Binoche

Celebradíssima na Europa, a estrela francesa de *A Liberdade É Azul* agora chama a atenção também dos americanos por *O Paciente Inglês*. Com um misto de graça e amargura, ela vive Hana, a enfermeira canadense que, ao final da Segunda Guerra, compartilha com um homem desfigurado por terríveis queimaduras a solidão de um mosteiro em ruínas. Mas sua indicação como coadjuvante é discutível, já que Hana é uma peça-chave da trama.

OUTRAS CATEGORIAS

Evita: cinco indicações "menores"

Twister: cotado para efeitos especiais

FILME ESTRANGEIRO

★ ***A Chef in Love***, Geórgia ★ ***Kolya – Uma Lição de Amor***, República Tcheca ★ ***The Other Side of Sunday***, Noruega ★ ***Prisoner of the Mountains***, Rússia ★ ***Caindo no Ridículo***, França

ROTEIRO ORIGINAL

★ ***Fargo***, por Ethan Coen e Joel Coen ★ ***Jerry Maguire***, por Cameron Crowe ★ ***Lone Star***, por John Sayles ★ ***Segredos e Mentiras***, por Mike Leigh ★ ***Shine – Brilhante***, por Jan Sardi e Scott Hicks

ROTEIRO ADAPTADO

★ ***As Bruxas de Salem***, por Arthur Miller ★ ***O Paciente Inglês***, por Anthony Minghella ★ ***Hamlet***, por Kenneth Branagh ★ ***Sling Blade***, por Billy Bob Thornton ★ ***Trainspotting – Sem Limites***, por John Hodge

DIREÇÃO DE ARTE & CENÁRIOS

★ ***The Birdcage***, por Bo Welch e Cheryl Carasik ★ ***O Paciente Inglês***, por Stuart Craig e Stephenie McMillan ★ ***Evita***, por Brian Morris e Philippe Turiure ★ ***Hamlet***, por Tim Harvey ★ ***Romeu e Julieta***, por Catherine Martin e Brigitte Broch

FOTOGRAFIA

★ ***O Paciente Inglês***, por John Seale ★ ***Evita***, por Darius Khondji ★ ***Fargo***, por Roger Deakins ★ ***Voando para Casa***, por Caleb Deschanel ★ ***Michael Collins – O Preço da Liberdade***, por Chris Menges

FIGURINO

★ ***Anjos e Insetos***, por Paul Brown ★ ***Emma***, por Ruth Myers ★ ***O Paciente Inglês***, por Ann Roth ★ ***Hamlet***, por Alex Byrne ★ ***Retrato de uma Mulher***, por Janet Patterson

DOCUMENTÁRIO

★ ***The Line King: The Al Hirschfeld Story***, de Susan W. Dryfoos ★ ***Mandela***, de Jo Menell e Angus Gibson ★ ***Suzanne Farrell: Elusive Muse***, de Anne Belle e Deborah Dickson ★ ***Tell the Truth and Run: George Seldes and the American Press***, de Rick Goldsmith ★ ***When We Were Kings***, de Leon Gast e David Sonenberg

DOCUMENTÁRIO – CURTA

★ ***Breathing Lessons: The Life and Work of Mark O'Brien***, de Jessica Yu ★ ***Cosmic Voyage***, de Jeffrey Marvin e Bayley Silleck ★ ***An Essay on Matisse***, de Perry Wolff ★ ***Special Effects***, de Susanne Simpson e Ben Burtt ★ ***The Wild Bunch: An Album in Montage***, de Paul Seydor e Nick Redman

MONTAGEM

★ ***O Paciente Inglês***, por Walter Murch ★ ***Evita***, por Gerry Hambling ★ ***Fargo***, por Roderick Jaynes ★ ***Jerry Maguire***, por Joe Hutshing ★ ***Shine – Brilhante***, por Pip Karmel

MAQUIAGEM

★ ***Fantasmas do Passado***, por Matthew W. Mungle e Deborah La Mia Denaver ★ ***O Professor Aloprado***, por Rick Baker e David Leroy Anderson ★ ***Jornada nas Estrelas – Primeiro Contato***, por Michael Westmore, Scott Wheeler e Jake Garber

TRILHA SONORA – DRAMA

★ ***O Paciente Inglês***, por Gabriel Yared ★ ***Hamlet***, por Patrick Doyle ★ ***Michael Collins – O Preço da Liberdade***, por Elliot Goldenthal ★ ***Shine – Brilhante***, por David Hirschfelder ★ ***Sleepers – Vingança Adormecida***, por John Williams

TRILHA – MUSICAL OU COMÉDIA

★ ***Emma***, por Rachel Portman ★ ***O Clube das Desquitadas***, por Marc Shaiman ★ ***O Corcunda de Notre-Dame***, por Alan Menken e Stephen Schwartz ★ ***James e o Pêssego Gigante***, por Randy Newman ★ ***The Preacher's Wife***, por Hans Zimmer

CANÇÃO

★ **"Because You Loved Me"** (*Íntimo e Pessoal*), de Diane Warren ★ **"For the First Time"** (*One Fine Day*), de James Newton Howard, Jud J. Friedman e Allan Dennis Rich ★ **"I Finally Found Someone"** (*O Espelho Tem Duas Faces*), de Barbra Streisand, Marvin Hamlisch, Bryan Adams, e Robert "Mutt" Lange ★ **"That Thing You Do!"** (*The Wonders – O Sonho Não Acabou*), de Adam Schlesinger ★ **"You Must Love Me"** (*Evita*), de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice

EFEITOS SONOROS

★ ***Daylight***, por Richard L. Anderson e David A. Whittaker ★ ***Queima de Arquivo***, por Alan Robert Murray e Bub Asman ★ ***A Sombra e a Escuridão***, por Bruce Stambler

EFEITOS ESPECIAIS

★ ***Coração de Dragão***, por Scott Squires, Phil Tippett, James Straus e Kit West ★ ***Independence Day***, por Volker Engel, Douglas Smith, Clay Pinney e Joseph Viskocil ★ ***Twister***, por Stefen Fangmeier, John Frazier, Habib Zargarpour e Henry La Bounta

CURTA-METRAGEM

★ ***De Tripas, Corazón***, de Antonio Urrutia ★ ***Dear Diary***, de David Frankel e Barry Jossen ★ ***Ernst & Lyset***, de Kim Magnusson e Anders Thomas Jensen ★ ***Esposados***, de Juan Carlos Fresnadillo ★ ***Wordless***, de Bernadette Carranza e Antonello De Leo

CURTA DE ANIMAÇÃO

★ ***Canhead***, de Timothy Hittle e Chris Peterson ★ ***La Salla***, de Richard Condie ★ ***Quest***, de Tyron Montgomery e Thomas Stellmach ★ ***What's Pig***, de Peter Lord

SOM

★ ***O Paciente Inglês***, por Walter Murch, Mark Berger, David Parker e Chris Newman ★ ***Evita***, por Andy Nelson, Anna Behlmer e Ken Weston ★ ***Independence Day***, por Chris Carpenter, Bill W. Benton, Bob Beemer e Jeff Wexler ★ ***A Rocha***, por Kevin O'Connell, Greg P. Russell e Keith A. Wester ★ ***Twister***, por Steve Maslow, Gregg Landaker, Kevin O'Connell e Geoffrey Patterson

MÚSICAS PARA VIAJAR EM ALPHA.

ALPHA FM

101.7 mhz

FELIZ ANO TODO.

O ano tem 365 dias.
Por que esperar 364 por
um M. Chandon?
Um momento especial não vem com
dia e nem hora marcados.
Mas certamente vem acompanhado
do prazer que só uma taça
de M. Chandon pode proporcionar.
M. Chandon.
A arte de criar momentos especiais.
O ano todo.

M. CHANDON

Tel.: SP (011) 852-8388 - RJ (021) 266-4070
RS (054) 262-2499.